

JOÃO HILTON SAYEG-SIQUEIRA
RODRIGO MAIA THEODORO DOS SANTOS
Organizadores

LEITURAS REMINISCENTES:
o Brasil em retrospectiva



LEITURAS REMINISCENTES

O Brasil em retrospectiva





AVALIAÇÃO, PARECER E REVISÃO POR PARES

Os textos que compõem esta obra foram avaliados por pares e indicados para publicação.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária responsável: Alice H. T. Benrvidetz CRB-1/3129

L727 Leituras Reminiscentes: o Brasil em retrospectiva
1.ed. [livro eletrônico] / (Orgs.) João Hilton Sayeg-
-Siqueira, Rodrigo Maia Theodoro dos Santos.
– 1.ed. – Curitiba-PR: Editora Bagai, 2024. 149p.
E-book.
Bibliografia.
ISBN: 978-65-5368-422-5
1. História. 2. Literatura. 3. Jornalismo.
I. Sayeg-Siqueira, João Hilton.
II. Santos, Rodrigo Maia Theodoro dos.

04-2024/56

CDD 800

Índice para catálogo sistemático:

1. Leitura 800



<https://doi.org/10.37008/978-65-5368-422-5.05.07.24>

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização prévia da Editora BAGAI por qualquer processo, meio ou forma, especialmente por sistemas gráficos (impressão), fonográficos, microfilmicos, fotográficos, videográficos, reprográficos, entre outros. A violação dos direitos autorais é passível de punição como crime (art. 184 e parágrafos do Código Penal) com pena de multa e prisão, busca e apreensão e indenizações diversas (arts. 101 a 110 da Lei 9.610 de 19.02.1998, Lei dos Direitos Autorais).

Este livro foi composto pela Editora Bagai.



www.editorabagai.com.br



[/editorabagai](https://www.instagram.com/editorabagai)



[/editorabagai](https://www.facebook.com/editorabagai)



contato@editorabagai.com.br

João Hilton Sayeg-Siqueira
Rodrigo Maia Theodoro dos Santos
Organizadores

LEITURAS REMINISCENTES

O Brasil em retrospectiva

Esta publicação foi financiada pelo Programa de Apoio à Pós-Graduação (PROAP) da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio do Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)



PUC-SP



1.ª Edição – Copyright© 2024 dos autores.

Direitos de Edição Reservados à Editora Bagai.

O conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) respectivo(s) autor(es).
As normas ortográficas, questões gramaticais, sistema de citações e referencial bibliográfico são prerrogativas de cada autor(es).

<i>Editor-Chefe</i>	Cleber Bianchessi
<i>Revisão</i>	Os autores
<i>Capa</i>	João Hilton Sayeg-Siqueira
<i>Diagramação</i>	Luciano Popadiuk
<i>Conselho Editorial</i>	Dr. Adilson Tadeu Basquerote – UNIDAVI Dr. Anderson Luiz Tedesco – UNOESC Dra. Andréa Cristina Marques de Araújo - CESUPA Dra. Andréia de Bem Machado – UFSC Dra. Andressa Grazielle Brandt – IFC - UFSC Dr. Antonio Xavier Tomo - UPM - MOÇAMBIQUE Dra. Camila Cunico – UFPB Dr. Carlos Alberto Ferreira – UTAD - PORTUGAL Dr. Carlos Luis Pereira – UFES Dr. Claudino Borges – UNIPIAGET – CABO VERDE Dr. Cleidione Jacinto de Freitas – UFMS Dra. Clélia Peretti - PUCPR Dra. Daniela Mendes V da Silva – SEEDUCRJ Dr. Deivid Alex dos Santos - UEL Dra. Denise Rocha – UFU Dra. Elisa Maria Pinheiro de Souza – UEPA Dra. Elisângela Rosemeri Martins – UESC Dra. Elnora Maria Gondim Machado Lima - UFPI Dr. Ernane Rosa Martins – IFG Dra. Flavia Gaze Bonfim – UFF Dr. Francisco Javier Cortazar Rodríguez - Universidad Guadalajara – MÉXICO Dra. Geuciane Felipe Guerim Fernandes – UENP Dr. Hélder Rodrigues Maiunga - ISCED-HUILA - ANGOLA Dr. Helio Rosa Camilo – UFAC Dra. Helisamara Mota Guedes – UFVJM Dr. Humberto Costa – UFRP Dra. Isabel Maria Esteves da Silva Ferreira – IPPortalegre - PORTUGAL Dr. João Hilton Sayeg de Siqueira – PUC-SP Dr. João Paulo Roberti Junior – UFRM Dr. Joao Roberto de Souza Silva - UPM Dr. Jorge Carvalho Brandão – UFC Dr. Jose Manuel Salum Tome, PhD – UCT - Chile Dr. Juan Eligio López García – UCF-CUBA Dr. Juan Martín Ceballos Almeraya - CUIM-MÉXICO Dr. Juliano Milton Kruger - IFAM Dra. Karina de Araújo Dias – SME/PMF Dra. Larissa Warnavin – UNINTER Dr. Lucas Lenin Resende de Assis - UFPA Dr. Luciano Luz Gonzaga – SEEDUCRJ Dra. Luísa Maria Serrano de Carvalho - Instituto Politécnico de Portalegre/CIEP-UE - POR Dr. Luiz M B Rocha Menezes – IFTM Dr. Magno Alexon Bezerra Seabra - UFPB Dr. Marciel Lohmann – UEL Dr. Márcio de Oliveira – UFAM Dr. Marcos A. da Silveira – UFRP Dra. Maria Caridad Bestard González - UCF-CUBA Dra. Maria Lucia Costa de Moura – UNIP Dra. Marta Alexandra Gonçalves Nogueira - IPLEIRIA - PORTUGAL Dra. Nadja Regina Sousa Magalhães – FOPPE-UFSC/UFPEl Dra. Patricia de Oliveira - IF BAIANO Dr. Paulo Roberto Barbosa – FATEC-SP Dr. Porfírio Pinto – CIDH - PORTUGAL Dr. Rogério Makino – UNEMAT Dr. Reiner Hildebrandt-Stramann - Technische Universität Braunschweig - ALEMANHA Dr. Reginaldo Peixoto – UEMS Dr. Ricardo Cauica Ferreira - UNITEL - ANGOLA Dr. Ronaldo Ferreira Maganhotto – UNICENTRO Dra. Rozane Zaionz - SME/SEED Dr. Stelio João Rodrigues - UNIVERSIDAD DE LA HABANA - CUBA Dra. Sueli da Silva Aquino - FIPAR Dr. Tiago Tendai Chingore - UNILICUNGO – MOÇAMBIQUE Dr. Thiago Perez Bernardes de Moraes – UNIANDRADE/UK-ARGENTINA Dr. Tomás Raúl Gómez Hernández – UCLV e CUM – CUBA Dra. Vanessa Freitag de Araújo - UEM Dr. Willian Douglas Guilherme – UFT Dr. Yoissell López Bestard- SEDUCRS

APRESENTAÇÃO

O conceito de reminiscência remonta a Platão¹ e está associado a memória, evocações ou recordações, por isso, sempre relacionada à representação mental de uma situação, de um feito, de um vestígio histórico ou de uma ocorrência qualquer do passado. Pode ser acionada por uma palavra, por uma imagem, por um cheiro, enfim, é uma recordação não muito precisa, mas que desperta um arrojo de registro para que os resquícios rememorados não se dissipem.

A memória, tanto para Le Goff (2013)² quanto para Halbwachs (2003)³, precisa ser entendida em duas dimensões, a individual e a coletiva, que, embora possam ser exploradas separadamente, se instituem mutuamente, posto que se presta a conservar certas informações construídas em espaços sociais da família, da religião, da escola, do ofício, de variados ambientes de interação. Assim, a memória individual está sempre conectada a um estímulo social.

Na sondagem da memória individual, encontram-se as marcas do social. Mesmo assim, segundo Ricoeur (2007)⁴, a memória individual tem características próprias, por singularizar-se nas formas de registro, por associar-se a uma especificidade do passado e por traçar projeções particulares de reconstrução narrativa das evocações. O autor, assim, destaca a primazia da narrativa para articular as lembranças e torná-las presentes, pois é por ela que é possível realizar a mudança temporal. Por esse resgate do passado, projetado no presente, constrói-se a identidade individual e social.

Para Indursky e Campos (2000)⁵, a memória e sus reminiscências estão fortemente marcadas na construção das identidades e, dependendo das relações de afinidade do sujeito com as referências evocadas, podem ocorrer redefinição, transformação, ruptura, lacuna, negação das

¹ PLATÃO. Ménon. In: Ménon-Banquete-Fedro. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s/d

² Le GOFF, J. História e memória. 4 ed. Campinas, SP: Unicamp, 1996

³ HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2003

⁴ RICOEUR, P. A memória, a história, o esquecimento. Campinas, SP: Unicamp, 2007

⁵ INDURSKY, F.; CAMPOS, M. Discurso, memória e identidade. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2000

lembranças pelas condições em que elas foram vividas. Outro aspecto que pode interferir no resgate é o convívio entre os coparticipantes da situação interacional de maior ou menor grau de comprometimento.

Este livro tem o propósito de resgatar memórias históricas e vividas de um Brasil que se estende em 200 anos de independência e que, desde seu descobrimento, 22 de abril, foi, determinantemente, marcado por ocorrências em datas com 22: a independência em 1822; o centenário da independência em 1922; ano em que também aconteceu a grande virada cultural no Brasil, com a semana da Arte Moderna em São Paulo e a eleição do nono presidente da república do Brasil, Arthur da Silva Bernardes; o bicentenário da independência em 2022, com a comemoração do centenário da Semana de Arte Moderna e a eleição do vigésimo presidente da república do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva.

Perpassando esses anos e as intercorrências que os intermediaram, Sidney Rezende, jornalista, reconstrói a história brasileira do jornalismo, destacando as benesses e as agruras – essas, muito mais – pelas quais a imprensa passou em seu percurso consolidador, muitas vezes dificultado pela falta de recursos, de infraestrutura e de inovações tecnológicas, também pelas perseguições políticas, policiais e jurídicas.

João Hilton Sayeg-Siqueira, professor, traz um resgate dos acontecimentos da Semana de Arte Moderna de 1922, apresentando o contexto sócio-histórico-político que deflagraram o movimento e o financiaram. Traça um panorama das principais atividades ocorridas nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro, como também os desdobramentos dessa mobilização, por meio de revistas, de manifestos e de outros episódios.

Lília Schwarcz, professora, resgata o percurso existencial e literário de Lima Barreto, jornalista e escritor brasileiro, negro, que faleceu em 1922, sem ter tido o reconhecimento merecido, parte em decorrência de sua vida desregrada pelo alcoolismo. Após sua morte, sua obra foi resgatada só em 1952, por Francisco de Assis Barbosa. Neste volume, Lima Barreto é retomado e revalorizado nas palavras da historiadora em pauta.

Fabio Menegatti, jornalista, faz um relato de suas incursões por territórios áridos do nordeste brasileiro, acompanhado de Graciliano Ramos, por meio de seu romance “Vidas secas”, escrito entre 1937 e 1938, pertencente à segunda geração modernista, com início em 1930.

Dessa forma, o movimento desencadeado em 1922, aí também se faz presente, pois trouxe essa valorização das singularidades regionais do Brasil, incentivada, principalmente pelos estudos antro-po-folclóricos de Mário de Andrade e pelos Manifestos de Oswald de Andrade. Neste capítulo temos essas peculiaridades resgatadas.

Thiago Anastasio, bacharel, propõe uma alegoria em que, numa sessão metafísica, é estabelecido um debate, com várias eminências brasileiras, da monarquia à república, sobre os acontecimentos que marcaram o Brasil em seu percurso político, social e jurídico. É um percurso revelador de comportamentos, ideologias e caracteres de vultos históricos.

As reminiscências aqui presentes vão aguçar as memórias individuais e coletivas de cada leitor e despertar, em cada um, lembranças que preencherão as lacunas deixadas e possibilitar a construção de outros percursos históricos, sociais e existenciais. Vale a pena explorar os textos e com eles se deleitar.

João Hilton Sayeg-Siqueira
Organizador

EXÓRDIO

Homens da Grécia, vocês são dignos de admiração em todos os lugares!

Com esse elogio, Górgias, retórico e filósofo grego, iniciou o Discurso Olímpico. É um exemplo clássico do exórdio aristotélico, a parte em que o orador inicia o discurso para captar o favor e a atenção do público. Para Aristóteles, para causar ainda mais impacto, os exórdios também podem trazer elogios, censuras ou conselhos. Seguindo esse fundamento de um dos filósofos e pensadores mais importantes da história do mundo ocidental, aqui vai:

Prezados leitores, vocês são dignos de admiração por decidirem ler essa obra que retrata de forma robusta, agradável, diversa e competente as nuances da história do Brasil. Cada autor traz uma escrita com estilo e cadência completamente diferentes: um brinde literário.

Mais do que um elogio e um conselho para o leitor seguir com afinco nesta obra, o presente exórdio tem o objetivo de tocar em um tema fundamental na atual sociedade, em especial quando o assunto é a política e a história do Brasil: a construção de narrativas. No mundo digital, novas verdades aparecem a todo momento.

O Brasil é o terceiro país que mais usa as redes sociais no mundo, atrás somente da Índia e da Indonésia. Um levantamento feito pela Comscore, uma das principais empresas americanas de análise de internet, revela que, de janeiro de 2020 até o fim 2022, o tempo gasto pelos brasileiros nessas plataformas chegou a 356 bilhões de minutos.

Este cenário constrói milhares de narrativas novas por segundo, sobretudo em pautas com vieses políticos, ideológicos e sociais; e questionamentos surgem. Qual a diferença entre real e imaginário; natural e artificial; físico e digital? O que é verdade ou mentira nesse mundo de comunicação intensa que simula, por meio de uma inteligência artificial, seres humanos falando frases que nunca disseram?

Perde-se a noção de conceito e aplicação, de análise em diferentes perspectivas, de questionamento positivo. Acima de tudo, perde-se

o contraditório. Ganha-se a noção de convicção individual, de ideias fechadas, do inquestionável. O trânsito de ideias dá lugar à estagnação de pensamento. A premissa é: *“eu consumo o conteúdo que afaga meu ego e minhas opiniões”*

Aristóteles, Confúcio, Júlio César, Maniqueu, Joana D’arc, Lutero, Gandhi, Lênin, Mussolini, Hitler, Vargas, Tsé-Tung, Churchill, Luther King, Mandela, Marx, Smith, Piaget, Freire, Vygotsky, Bauman, Hobsbawm, Mill, Agostinho, Lutero, Sartre, Hegel, Platão, Rousseau: um verdadeiro encontro de contradições e aprendizados em visões completamente divergentes sobre o mundo.

O fato é que as narrativas – mitos – sempre existiram e, por meio de suas reminiscências, a História da Humanidade foi construída. Os valores ocidentais-cristãos, por exemplo, com os quais convivemos em sociedade, são originados de uma narrativa sobre a vida e a morte de Jesus Cristo. As ações, discursos e milagres seguem, mais de dois mil anos depois, em constante adesão ou refutação; validação ou questionamento. O belo da narrativa é a dúvida e o contraditório de determinados acontecimentos.

Na presente publicação, intitulada “Leituras Reminiscentes: O Brasil em retrospectiva”, a beleza maior é a diversidade de pontos de vista e de estilo de condução das narrativas. Ao leitor, o convite é para chegar à memória presente, àquela que reconstrói o significado e traz nuances diferentes das inicialmente vividas.

Aristóteles sugere que o discurso termine no que ele chama de peroração. O objetivo é declarar que o prometido foi cumprido. Por isso, segundo o filósofo, é fundamental recapitular as razões que serviram para a demonstração do conteúdo.

Porém, como estamos na introdução da presente publicação, o que me cabe, neste momento, é reafirmar o convite para que você, leitor que chegou até aqui, experimente a leitura de cada texto para iniciar um processo de reconstrução da memória de alguns trechos da história e da memória do Brasil. Górgias volta e afirma:

Prezados leitores, vocês são dignos de admiração em todos os lugares.

Rodrigo Maia Theodoro dos Santos

Organizador

SUMÁRIO

A IMPRENSA NO BRASIL: DOÇURAS E TRAVESSURAS	13
<i>Sidney Rezende</i>	
1922: UM MOVIMENTO MULTIDISCIPLINAR EM UMA SEMANA MULTIMODAL.....	33
<i>João Hilton Sayeg-Siqueira</i>	
LIMA BARRETO E A INDEPENDÊNCIA OU 1922, O ANO QUE NÃO FOI	67
<i>Lília Schwarcz</i>	
E HÁ ONDE A SECA NÃO SECA?	87
<i>Fabio Menegatti</i>	
À ESQUERDA E À DIREITA DOS DESORIENTADOS: ALEGORIA SOBRE MANIPULADORES E MANIPULADOS.....	111
<i>Thiago Anastacio</i>	
SOBRE O ORGANIZADOR-AUTOR	143
SOBRE O ORGANIZADOR.....	143
SOBRE OS AUTORES.....	145
ÍNDICE REMISSIVO	147

A IMPRENSA NO BRASIL: DOÇURAS E TRAVESSURAS¹

Sidney Rezende

Você deve saber que os principais problemas brasileiros não são de fácil solução. Isso também vale para as contradições da imprensa. Em uma viagem pela história nacional, veremos que há uma luta constante pela liberdade de expressão e contra a censura. É um dos embates que mais chama a atenção. E essa será a linha de nossa costura.

POR ONDE COMEÇAR A DESATAR OS NÓS?

O que te parece ser mais difícil: resumir os últimos 200 anos de história, de 1822 até nossos dias, ou projetar a trajetória da imprensa pelos próximos 100? Reze. Chore. Peça ajuda. Declare-se incapaz. Torne-se protagonista de *Missão Impossível*. Sei lá, “dê o seu jeito!”, mas precisamos conversar sobre isso. Você tem tempo?

O poeta Carlos Drummond de Andrade escreveu em *Canção Final*: “Meço o passado com régua de exagerar as distâncias”. E Fernando Pessoa (Berardineli, 2016) ao comentar o futuro disse: “Sei que me espera qualquer coisa. Mas não sei que coisa me espera”.

MUNDO MAIS RÁPIDO

No século passado, as revoluções geracionais se davam de 40 em 40 anos. Os jovens da década de 1920 e os da de 1960 mudaram o rumo do comportamento humano. Anos loucos e ousados.

A irreverência, conjugada a um novo modo de olhar o mundo, sempre ajuda no surgimento das coisas novas. No século em que estamos, a dinâmica ocorre em velocidade jamais vista. Abreviaram-se mudanças no tempo e no espaço.

A humanidade foi castigada por duas grandes guerras. Nossos antepassados acumularam perdas, vidas desapareceram impiedosamente,

¹ Ajustado nas referências bibliográficas (os organizadores).

e as dores de todo o tipo marcaram famílias inteiras. Mas derrotou-se o totalitarismo. Ainda assim, a semente do autoritarismo perseguirá gerações. Ele sempre precisará ser derrotado.

Dando um salto, o que veio depois dos hippies, Woodstock e do movimento paz e amor pavimentou novos desafios, desta vez tecnológicos. Passamos a viver a era da informação instantânea e da comunicação de dados. O espaço público engoliu a privacidade. Nós deixamos isto acontecer!

Os satélites nos tornaram testemunhas oculares em tempo real: *online e online*. O planeta ficou menor. As idas e vindas pelos céus trouxeram-nos conhecimentos e, também, levaram vírus de um ponto a outro do planeta. E passamos de receptores a transmissores. Nossas distâncias encurtaram.

Olhando daqui onde estamos, prever o futuro torna-se mais improvável do que juntar os cacos do passado. Muitos de nós somos saudosos de Júlio Verne, Isaac Asimov, George Orwell e Aldous Huxley que foram capazes de ter antevisões extraordinárias. Mas será que ainda há espaço para especulações individuais, mesmo para aquelas vindas da imaginação? Provavelmente, Steve Jobs tenha sido o mais proeminente ícone da transição entre a era anterior e a que estamos metidos agora.

E NÓS COM ISSO?

A imprensa levou um tranco no século 21, jornalistas foram perseguidos, as redes sociais vomitaram amadores longe dos protocolos adotados por profissionais. E a interferência do Estado, na liberdade de pensar e agir, voltou em forma de assombração.

O pensador Umberto Eco eternizou a sua convicção de que “a internet deu voz aos idiotas”. A boa notícia, em contraposição a esta constatação, foi o surgimento de novos criadores de conteúdo que combinaram humor, inteligência e senso crítico. Nem tudo foi perdido. Desta simbiose nasceu outra coisa.

Graças às startups e aos sites que não existiam no século passado, blogs criativos e blogueiros abusados mantiveram viva a chama da imprensa alternativa. Os mais esclarecidos, pelo menos, criaram um escudo de proteção para impedir as *fakes news* e as manipulações negacionistas.

Mesmo que muitas das mentiras sejam difundidas justamente por meio de perfis anônimos nas redes sociais, sabemos que superestruturas de poder também se alojaram atrás de zumbis, avatares e cavalos de Tróia.

O exercício do jornalismo necessita de liberdade no ambiente de criação. Mas também o comprometimento de gestores transformadores que inspirem uns aos outros. Quem sabe não será assim em 2122? Como também é possível que a inteligência artificial avance mais e mais e deixe sua marca inexorável no desenvolvimento da humanidade. Estamos só no início deste processo.

Mas nada de desistir. O jornalista precisa estar onde não se quer que ele esteja. Se não incomodar, não é jornalismo. Ser chapa-branca não combina com essa profissão. Ser combativo não faz do jornalista um profissional que não possa receber críticas da sociedade.

A imprensa fiscaliza os poderosos, e a sociedade baliza a credibilidade dela. Diferentemente do que muitos pensam, nem o jornalismo nem o jornalista são neutros. Mas o dever de ambos é ser isento. É dever profissional reportar versões que esclareçam os fatos, e saber separar o que dizem as fontes oficiais das verdadeiras testemunhas do fato.

DEMOCRACIA É OXIGÊNIO

Com o abalo das democracias no século 21, os sistemas políticos ditatoriais se tornaram ainda mais inconvenientes, justamente porque reprimem a liberdade de expressão.

Uma das pragas mais visíveis de quem foge da transparência é a censura. A organização não governamental Repórteres Sem Fronteira realiza anualmente um ranking de liberdade de imprensa. A conclusão é que os regimes mais fechados são os mais cruéis. Ninguém tem mais dúvida disso.

O secretário-geral Christophe Deloire comentou, após a divulgação da pesquisa de 2021², que a alta histórica no número de jornalistas presos e mortos em países com regimes autoritários “*é um reflexo do fortalecimento das ditaduras no mundo, de um acúmulo de crises e da falta de escrúpulos desses regimes*”.

² Relatório divulgado pela ONG Repórteres Sem Fronteiras (RSF)

Mesmo que os governos não vivam às mil maravilhas com a imprensa, nem por isso devemos abandonar a democracia e nem ficarmos de joelhos diante do autoritarismo. Nosso trabalho também é cultivar o senso crítico. É justamente isso que os defensores de regimes duros pregam e avançam seus tentáculos ao atacar, justamente, o trabalho dos jornalistas.

O Brasil é conhecido por nutrir uma relação pendular sobre o papel da imprensa. Flerta-se com o autoritarismo, seguido de soluções democráticos. Assim aconteceu nos séculos 19 e 20. E, tudo indica, assim será no curso do século 21.

DITADURAS SÃO OBSTÁCULOS

Estudando a trajetória da imprensa brasileira, é inevitável constatar a convivência com a censura travestida de várias maneiras. As tentativas de expandir direitos e novos deveres, no nosso país, tropeçaram em ditaduras no curso dos anos. E isto se deu, por exemplo, em 1937, com o início do Estado Novo, e voltou com tudo durante os anos do regime militar, iniciado em 1964, após derrubada do Governo constitucional de João Goulart.

Ditaduras são contumazes em desrespeitar direitos civis e democráticos. Elas são acostumadas a criar estruturas burocráticas de terror, como o Departamento de Estado, para perseguir, censurar e cortar tudo o que pretenda registrar a realidade que não seja como *establishment* de plantão gostaria de ser lembrado pela História.

A censura trouxe consigo consequências perversas até hoje. Os anos de chumbo serviram de pretexto para perseguições e imposição de pensamentos específicos, credos e ideologia política.

Na economia, o legado mais difícil de vencer é a brutal concentração de renda. Vê-se outro problema insolúvel que é o aprofundamento do racismo estrutural. Durante a História do Brasil, a imprensa tentou expor as contradições dos fatos que esgarçam o tecido social. Mas isto nunca foi fácil de se fazer.

O jornalismo deve atender à sociedade ao noticiar, informar, denunciar, escrever e detalhar tudo aquilo que é ou pode vir a ser de interesse público. Isto é missão, não ser um instrumento exclusivo dos interesses do que no passado se chamou, - hoje expressão surrada-, interesses das classes dominantes.

LIBERDADE MAIS AMPLA

A liberdade de imprensa pressupõe fortalecimento dos veículos de comunicação para que eles sejam capazes de denunciar o malfeito. A sociedade precisa entender que os veículos sadios, financeiramente, são mais independentes, mais fortes e cumpridores dos seus deveres institucionais.

A sociedade sabe que o jornalismo mais investigativo e bem apurado é o que traz melhores resultados. E isso dentro do arcabouço inclusivo e de respeito à diversidade. Estamos falando do equilíbrio do “chão de fábrica”, em sintonia com as medidas tomadas dentro dos escritórios comandados pelos administradores.

Os problemas que vivemos no Brasil não são exclusivos. Eles também ocorrem em outros países. Ter leis que regem o setor não é ruim, exatamente. O arcabouço legal não pode ser entendido como capricho da burocracia, mas parte do todo em favor da liberdade. A primeira emenda da Constituição americana proíbe a censura, porque viola a liberdade de imprensa. Se atentou cedo para algo que ainda não está sedimentado no imaginário coletivo brasileiro.

HOMENS E MÁQUINAS

Nos últimos anos, o jornalismo foi reinventado por empresas de tecnologia, mas o presente ainda é escrito por seres humanos e não por máquinas. A conexão por redes sociais empurra os usuários para um ambiente no qual nem tudo é transparente. Por isso, a desconfiança da parte esclarecida da sociedade. O que temos hoje são, desde o conteúdo mais personalizado, criadores independentes, novas formas de monetização e o inimaginável em velocidade tecnológica.

O 5G engatinha. Mas satélites no espaço já operam na base 6G, embora entre nós só chegará em 2030. E o 7G, em 2040. Se o avanço de 10 em 10 anos se mantiver, vamos chegar a 2122 com tecnologia 15G. E como ficarão as relações humanas diante a difusão de novas tecnologias mais imersivas? Todos por aqui já estaremos mortos. Um detalhe: jornalismo se faz com ideias e não só por máquinas.

DEPENDÊNCIA

Desde os primórdios, um dos desafios da imprensa brasileira é ser independente do Estado e dos governos. Temos problemas sobrepostos: a eterna submissão dos veículos de comunicação quando se deixam financiar pelo poder público.

Para evitar isso, há necessidade imperiosa de investimentos de capital próprio e/ou privado. Sem dinheiro, os avanços ficam contidos. O poder tem vontade incorrigível de tutelar o conteúdo que chega ao público. O antropólogo Darcy Ribeiro, em muitas de suas entrevistas, fazia questão de afirmar que os brasileiros gostam das críticas, mas preferem os elogios. E isto não é de agora. Vem de longe.

A Imprensa Régia foi criada em 13 de maio de 1808, dia do aniversário do príncipe regente D. João (1767-1826), e isso é simbólico. O primeiro jornal da colônia americana, a Gazeta do Rio de Janeiro, nasceu de coleira no pescoço.

A publicação variava entre passar uma imagem positiva da família real portuguesa, a vida das realezas europeias, e informar sobre guerras e atuações políticas dos países vizinhos a Portugal. Não havia liberdade de imprensa na época. A fiscalização do conteúdo e a censura estavam presentes em tudo o que era publicado, sejam livros ou folhetos.

JORNALISMO PANFLETÁRIO

Talvez, por isso, o anseio de ser a voz do povo nos seja tão caro. Faz parte do DNA do jornalismo brasileiro, mais do que em outros países, a opinião misturada ao conteúdo editorial. Até hoje isso não é bem resolvido entre nós. Nem sempre o público consegue separar o limite tênue entre o que é fato e o que é manipulação com objetivos ocultos. A história nos enriquece com exemplos de uso político da imprensa. E a imprensa, por sua vez, cansou de ser usada pelo imperador.

Pedro I lançou mão das ferramentas de divulgação para atacar opositores, em tom, muitas vezes, alarmista, como maneira de causar certa insegurança na população. É importante registrar que havia vozes discordantes. Seus adversários denunciavam a censura. E ela realmente existia.

CENSURA, SEMPRE ELA

Ainda sob dominação portuguesa, a imprensa, quando não estava amordaçada, tinha vozes heroicas que defendiam a independência do país e a valorização da liberdade. Mas havia custos. Há páginas de honra também. Existem exemplos do papel da imprensa em conflitos importantes que entraram para a História do Brasil.

O combate à exploração vil a que africanos e seus descendentes eram submetidos no Brasil não foi uma luta fácil. Não era unanimidade na sociedade. Mas existiam fortes vozes abolicionistas.

Os povos indígenas também foram brutalmente explorados. Os Arcos da Lapa, no Rio de Janeiro, ponto turístico da cidade, só foi construído porque teve o braço escravo dos índios desalojados de sua terra pelos estrangeiros que ali aportaram. Tortura e brutalidade praticada por brasileiros sob comando dos colonizadores dizimaram tribos e destruíram aldeias.

A elite econômica dos senhores da Casa Grande não queria renunciar à senzala. A luta dos abolicionistas, que inicialmente se deu no campo das ideias, chegando às páginas dos jornais, foi em busca de meios de luta mais efetivos.

Os anos se passaram e o debate continuou cada vez mais vivo na arena política. Em meados do século 19, regente Feijó era um dos defensores do fim da escravidão, o que provocava a ira dos proprietários rurais. Mas, ao mesmo tempo, não abria mão do controle da imprensa.

OUTRAS LUTAS

A opção pela modernidade começou a florescer no Rio de Janeiro e irradiou a necessidade de novos ares por outras plagas. Em Pernambuco, por exemplo, na época da Revolta Praieira (1848-1850), os jornais *A Voz do Brasil*, *O Diário Novo*, *O Arara* e *Marmota* eram os veículos de comunicação que denunciavam a concentração de renda nas mãos dos senhores de engenho e comerciantes portugueses.

A elite, no entanto, também tinha voz, com os jornais *O Diário de Pernambuco* e *O Lidador*. O embate era desproporcional. A historiografia brasileira já produziu conteúdo crítico relevante sobre a participação

do Brasil na Guerra do Paraguai. Inclusive o massacre após a derrota comprovada da liderança de Solano Lopez. Alguns órgãos da imprensa se posicionaram contra a participação do Brasil no confronto.

Alguns jornais tratavam o combate como “açougue do Paraguai”. Mas ali havia também censura para impedir críticas às escolhas do Governo. Os jornais sempre exercem a função de espelho da sociedade. Mas nunca é fácil alcançar este objetivo. A Revolta do Vintém (1879-1880) é um dos exemplos em que as suas páginas serviram de retrato das lutas políticas.

A imprensa questionava a cobrança do vintém de quem se locomovia nos bondes. O veículo sobre trilhos era palco da desigualdade social, onde se poderia encontrar passageiros de todas as classes. Por mais que o público alfabetizado fosse mínimo, eram formados pequenos grupos nas ruas para leitura das notícias, e as informações circulavam boca a boca.

Os Sertões, de Euclides da Cunha, é a mais completa reportagem sobre Canudos feita no Brasil, um dos momentos mais relevantes da nossa história. Os jornais fizeram uma cobertura da guerra de Canudos (1896-1897) ‘in loco’, com a ida de repórteres e fotógrafos para a Bahia. Boa parte da imprensa se posicionava a favor das autoridades.

No início do século 20, o Brasil não estava ausente da efervescência europeia. Mas nada se comparava à velocidade com que as informações passaram a chegar após os anos incríveis que compuseram a década seguinte. Não esqueçamos que a revolução modernista de 1922 foi fruto dos anos anteriores. E só ganhou a dimensão que tem hoje com o passar dos anos.

A imprensa desempenhou um papel relevante na cobertura de outros conflitos. A Revolta da Chibata (1910) foi um dos acontecimentos que recebeu atenção especial dos veículos de comunicação da época. A política e o jornalismo andavam juntos. As redações dos jornais se transformaram em locais para encontros políticos, seja a favor ou contra o governo. Jornalistas iam até as sacadas para discursar para a população que passava por perto.

VARGAS E O DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA (DIP)

Getúlio Vargas foi a mais importante figura política brasileira do século 20. Toda a sua trajetória expôs uma relação tensa com a imprensa. E isso tem raízes na longevidade de sua permanência no poder, o conturbado cenário internacional e as instabilidades típicas de um país ainda em formação. Um país mais rural que urbano.

Com Vargas, começa a inexorável transformação social e econômica do país, com o sonho industrial se materializando gradativamente. O Governo Provisório de Vargas durou de 1930 a 1934, quando foi reconduzido em eleição indireta.

O caminho, até o início do primeiro governo do estadista, contou com o apoio dos grandes jornais da época, entusiasmados com a Revolução de 1930. No entanto, a euforia durou pouco. A maioria dos jornais virou-se contra Vargas. Entre os descontentamentos que vieram com a Constituição de 1937, estão o fim da liberdade de expressão, censura prévia e a obrigatoriedade de os jornais assumirem caráter de serviço de utilidade pública, com o dever de publicar comunicados do governo.

Para ampliar o apoio ao Estado, os “tenentes” contribuíram financeiramente para a criação de alguns jornais. O controle sobre a imprensa feito pelo DIP, durante o Estado Novo (1937), foi uma das páginas mais frustrantes da história do Brasil contemporâneo. O órgão causou o fim de inúmeros veículos de comunicação, uma vez que passou a ser exigido registro para a importação de papel de imprensa. Administrou-se o conteúdo publicado nos jornais, restringindo o acesso à matéria-prima.

Em represália, foi criada uma imprensa clandestina que denunciava a censura. A indignação dos jornalistas aumentava e pressionava o governo. Não era só na imprensa que o DIP atuava. O órgão controlava também as rádios, difundindo as versões agradáveis ao Governo. O DIP estendia seus tentáculos às escolas, manifestações culturais, como o cinema, onde eram exibidos curtas-metragens de interesse do governo.

Com a Segunda Guerra, o conteúdo americano chegou como forma de influenciar a cultura brasileira e barrar a atuação alemã por aqui. E ali iniciou nossa subserviência intelectual e cultural. Anos mais

tarde, quando Getúlio é reconduzido ao poder pelo voto popular, em 1950, iniciando seu governo um ano depois, ele sofre uma pressão absurda da imprensa. As suas propostas são atacadas impiedosamente.

Lembre-se que a Constituição de 1937 aboliu a liberdade de expressão, e os meios de comunicação foram então submetidos à censura. Durante o segundo governo Vargas, surge um dos ícones da imprensa brasileira, o jornalista Samuel Wainer. Para divulgar as realizações de seu governo, Vargas estimulou a criação da Última Hora em junho de 1951, jornal inovador que introduziu uma série de técnicas de comunicação de massa, até então desconhecidas no Brasil.

A criação do Última Hora foi viabilizada com recursos advindos do banqueiro Walter Moreira Sales e do Banco Hipotecário de Crédito Real de Minas Gerais, tendo ainda apoio do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal.

Receber recursos do governo não era algo excepcional, já que a maioria das empresas jornalísticas do país dependia da importação de papel, que era subsidiada pelo governo. De modo geral, a modernização dos veículos de comunicação se fazia com empréstimos de bancos oficiais.

As críticas da imprensa ao governo Vargas eram muito mais de natureza política e administrativa do que econômica. O jornal O Estado de S. Paulo, por exemplo, não fazia críticas à política do ministro da Fazenda Horácio Lafer, industrial paulista que tinha grande prestígio junto ao jornal. As críticas à política econômica incidiam, muitas vezes, sobre a orientação nacionalista e as restrições ao capital estrangeiro adotadas pelo governo.

A oposição a Vargas se intensificou a partir de 1953 e teve, na imprensa, a liderança dos jornalistas Carlos Lacerda, proprietário do jornal Tribuna da Imprensa, e Assis Chateaubriand, proprietário dos Diários Associados. Carlos Lacerda utilizou, além do seu jornal, a Rádio Globo e a Rede Tupi de televisão, esta pertencente aos Diários Associados.

O clima de confronto entre a oposição e o governo culminou no atentado a Carlos Lacerda, em 5 de agosto de 1954. A partir desse episódio deu-se a mobilização da imprensa, que de modo geral manifestou-se em editoriais contra a permanência de Vargas à frente do governo.

A observação do comportamento dos diversos jornais do período mostra, contudo, algumas diferenças no tratamento do governo e da crise. Jornais como o Diário Carioca, o Diário de Notícias, O Estado de S. Paulo e o Correio da Manhã, mesmo adotando um discurso de defesa dos preceitos formais do regime democrático e buscando soluções dentro da lei, nunca aderindo, portanto, a um golpismo declarado, fizeram dura oposição ao governo Vargas, antes e depois do atentado a Carlos Lacerda.

Esses jornais evoluíram ao longo da crise, passando, logo após o atentado, a acusar o presidente da República de responsável pelo crime da Tonelero e a pedir sua renúncia. Já os jornais O Globo, O Jornal e Folha da Manhã tiveram um comportamento menos emotivo e mais objetivo no tratamento dos acontecimentos.

Em nenhum momento esses jornais atribuíram a Vargas a responsabilidade direta pelo atentado e muito menos advogaram uma solução unilateral ditada pelas Forças Armadas. O apelo à renúncia só ocorreu às vésperas do suicídio.

A população foi informada do suicídio de Vargas pelo rádio. Foi o Repórter Esso, da Rádio Nacional, que, em edição extraordinária, deu a notícia. Foram as estações de rádio de todo o país que divulgaram os detalhes do episódio e a Carta-testamento deixada por Vargas.

No Rio de Janeiro, o jornal Última Hora foi o primeiro a sair com a notícia, em duas edições extras. O Globo e a Tribuna da Imprensa tiveram dificuldade de circular, pois a população tentou impedir sua distribuição, mas de toda forma noticiaram com destaque o ocorrido. Analisando a posição de O Globo durante esse período, parece incompreensível a reação popular desencadeada contra o jornal, que mantinha uma orientação mais moderada, se comparada à dos demais.

Entretanto, a Rádio Globo mantinha uma posição extremamente radical contra Vargas, expressa através do programa Parlamento em Ação, do radialista Raul Brunini, que dava cobertura às posições de Carlos Lacerda e da UDN.

A imprensa fez um apelo no sentido da manutenção da ordem constitucional, ou seja, do respeito à lei. Pediu a renúncia de Vargas, mas também a continuidade constitucional através da posse do vice-presidente (Abreu, 2020).

DITADURA DE 1964

O golpe de 1964 foi o início da ditadura militar, que perdurou no Brasil por 21 anos. Ele chancelou a volta da censura, o controle de pensamento e o tolhimento da expressão artística e jornalística.

Um período duro, marcado pela intolerância e brutalidade. As liberdades foram suprimidas, os opositores perseguidos e as discordâncias, que poderiam ser tratadas no âmbito institucional do Congresso Nacional, desembocaram mais tarde em confronto armado com grandes perdas para os envolvidos e para o país.

A expectativa de parte de apoiadores do novo regime que estava se instalando era a de que o Governo chefiado por Castelo Branco, o primeiro presidente militar, encerrasse seu período um ano depois. Eles acreditaram que em 1965 o marechal se retiraria e iniciaria a transição pelo processo de eleição presidencial direta. Isto não aconteceu.

A grande mídia (salvo o jornal Última Hora) apoiou a intervenção militar. Os quatro mais importantes diários do Brasil na época: O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo, Jornal do Brasil e O Globo aplaudiram as medidas restritivas tomadas por Brasília. Mas não demorou para aparecerem sinais de arrependimento.

Por qual razão os jornais acreditaram que seria melhor para o país a quebra do processo constitucional? Os principais jornais e a elite eram contra João Goulart (que ficou no governo de 1961 a 1964) e apoiaram o golpe na crença que o Brasil estaria caminhando para o comunismo, adotado em Cuba e na União Soviética. E, isso, se confirmado, teria de ser barrado, nem que fosse pelas pontas das baionetas.

A elite empresarial da área de Comunicação acreditava que o Brasil precisaria seguir o rumo liberal. A classe média, residente nas cidades mais populosas, defensoras das ideias baseadas no tripé “pátria, família e propriedade” e, marcadamente moralista nos costumes, mesmo sem saber ao certo a intenção dos mais ricos e dos Estados Unidos, embarcou no movimento conservador. As pessoas foram às ruas demonstrar essa vontade.

Estimulados pelo poder bélico, apoio da mídia e de parte da população, os novos donos do poder se autodenominavam “salvadores da pátria”, crendo que estavam no rumo certo. Foi muito difícil desalojá-los do poder.

Motta (2013) lembra que, exceto O Globo, todos os jornais analisados criticaram a censura e a intensificação da legislação autoritária, e todos se apresentaram como adeptos dos valores liberais e democráticos, inclusive “O Globo”. Porém, a intensidade das críticas variou bastante, assim como a disposição para correr riscos. Para facilitar a análise, pode-se dividi-los em dois blocos, agrupados de acordo com as atitudes adotadas diante da ditadura: O Estado de S. Paulo (OESP), Jornal do Brasil (JB), Folha de S. Paulo (FSP) e O Globo, de um lado, e Correio da Manhã (CM) e Última Hora (UH), na outra ponta. (21)

Nos primeiros anos, os jornais chamavam em suas páginas o golpe de “revolução” e, desta forma, agradavam aos militares. Havia até orgulho por parte dos donos dos veículos terem apoiado os novos inquilinos do Governo.

Anos mais tarde, os jornais entenderam que, em busca do rumo liberal, a concessão ao autoritarismo custou muito caro ao país, por suas perversas consequências. Até hoje, feridas continuam abertas.

A percepção do erro de avaliação fica claro com a promulgação do famigerado Ato Institucional nº 5 (AI-5), pelo segundo presidente militar, Artur da Costa e Silva, em 13 de dezembro de 1968. Os atos institucionais, em nome do “Comando Supremo da Revolução” (liderança do regime), derrubaram a Constituição e se abriu a porteira para a tomada de decisões discricionárias, sem qualquer respeito à democracia.

Mandatos de parlamentares mais atuantes foram suprimidos, com direito a intervenções nos municípios e estados, além da suspensão de quaisquer garantias constitucionais. Abriu-se caminho para a tortura, como instrumento de repressão do Estado.

O Governo Garrastazu Médici desempenhou, nos anos 70, a face mais dura e violenta do regime. Ali, a imprensa não teve mais dúvidas dos propósitos da ditadura, seu controle quase total dos instrumentos do Estado e a subjugação da sociedade, sem que ela própria soubesse o quanto as liberdades suprimidas tiravam dela a verdade dos acontecimentos.

IMPRENSA ALTERNATIVA

Apesar da imposição da censura, começaram a surgir no Brasil os jornais alternativos que davam voz aos discordantes do regime. Estes veículos fizeram história como o “Opinião”, o “Movimento” e principalmente “O Pasquim”, que nasceu em 1969, com um time de primeira linha do jornalismo brasileiro.

Com humor e ironia, a edição semanal de “O Pasquim” desmoralizou a ditadura, seus representantes e expôs o conservadorismo de uma sociedade cheia de contradições. Gradativamente, também os grandes jornais começaram a se rebelar contra a censura e encontraram meios de dizer, aos leitores, o perigo do amordaçamento.

Por não aceitarem repor, no espaço que havia sido cortado pelo departamento de censura oficial, qualquer notícia, passaram a expressar a restrição pela publicação de páginas em branco, de receitas de comida, de longos versos de Camões, como fez o Estado de São Paulo. Isso revelava que algo estava acontecendo. Para o leitor, mesmo desavisado, tudo estava fora do lugar.

O Ato Institucional nº 5, de 1968, portanto, foi o início da pá de cal para aqueles que um dia acreditaram que os militares fizeram a ruptura institucional com o intuito de devolver ao país a democracia, com eleições livres e diretas.

A longa lista de jornalistas perseguidos, ameaçados, exilados, presos, torturados, desaparecidos e mortos tornou o ar irrespirável. Vinte e sete jornalistas mortos, segundo a Comissão Nacional da Verdade dos Jornalistas Brasileiros.

O assassinato, após tortura, de Vladimir Herzog, que o regime quis parecer ter sido um suicídio, foi o ápice da crueldade contra o profissional de imprensa. O caso mereceu atenção da mídia internacional e até hoje é símbolo da resistência contra o fascismo. Aquela morte foi mais um tijolo na luta contra a ditadura.

É preciso destacar a grande quantidade de jornalistas que se engajaram na luta pela democracia, mesmo vivendo sob o jugo da ditadura. O período obscurantista não impediu o exercício do talento de grandes nomes dentro e fora da grande imprensa. Dentro dela, marcou a história a trajetória de

Mino Carta, criador das revistas Veja, Quatro Rodas, IstoÉ, Senhor e Carta Capital, e dos jornais Jornal da Tarde e Jornal da República. Uma biografia fora da curva, principalmente no processo de abertura política “lenta e gradual”, deflagrado pelo presidente Ernesto Geisel, em 1974.

JORNALISMO HOJE

Diferentemente do que era profetizado há 100 anos, o jornal impresso, o rádio e a TV continuam por aqui. Mas não tão influentes como no passado. A internet passou a ditar o ritmo do novo tempo. E tudo cabe num mesmo universo.

Os jornais estão com tiragens cada vez menores, uma vez que o conteúdo escrito tem migrado para o digital, onde é possível enriquecer, uma reportagem escrita, com vídeos, áudios e uma infinidade de outros recursos. Já o rádio tem se transformado, ao se unir à internet, com transmissões em vídeo ao vivo.

As multiplataformas são uma realidade que mudou a forma de se consumir conteúdo. Você pode estar com a televisão ligada, ouvindo um podcast, assistindo a um vídeo pelo computador, trocando mensagens ou lendo uma notícia no celular. Tudo ao mesmo tempo. A quantidade de informação e a velocidade com que as notícias chegam ao usuário escancaram o fenômeno das *fake news*. E, com isso, novas reflexões: a tecnologia estará a serviço da verdade ou da mentira?

No século 21, o uso das redes sociais provocou uma enxurrada de notícias falsas, principalmente em período eleitoral, seja no Brasil ou em outros países do mundo. A sociedade tem o desafio de enfrentar esse problema imediatamente, enquanto o monstro engatinha.

Outro olhar que merece atenção são as relações, que se tornaram mais pessoais e trouxeram as profundezas mais contraditórias do ser humano, e isso encorajou covardes a saírem das sombras. O “melhor” e o “pior” de cada um são fraturas expostas.

Perfis se proliferam no meio digital, com o único intuito de manipular e alterar fatos, a fim de atacar adversários. Feito isso, produziram-se narrativas que beneficiam ou prejudicam esse ou aquele alvo. Informações falsas, com invenções ou alterações do fato, disfarçadas de notícia, são disparadas aos milhões pelo planeta.

O mais comum no conteúdo das *fake news* é o tom sensacionalista, que, de tão engenhosas, são capazes de, compartilhadas, enganar pessoas de boa fé. A polarização se acentuou com um embate de “nós” contra “eles”. E a raiz está em parte nos estragos causados por estes disparos. Anônimos ganham voz com conteúdo não apurados, sem credibilidade. Não há um cuidado pela forma escrita, podendo ser encontrados erros gramaticais e atentados ao idioma nativo.

A ciência, a educação e o jornalismo profissional têm sido desacreditados, mas não derrotados. A tecnologia dá a possibilidade de viralizar uma notícia de uma forma nunca vista. Além disso, a distribuição do conteúdo pode ser segmentada de acordo com o perfil dos usuários e criar um maior engajamento seletivo. E os avanços tecnológicos estão apenas começando. O que poderá vir?

Como os veículos de comunicação podem enfrentar uma concorrência não profissional que reproduz notícias falsas? Decididamente, não é com instrumentos da censura, tão usuais na nossa história, mas com inteligência, incentivo à educação, propagação do conhecimento e democracia na veia.

Nestes tempos de notícias falsas, tem surgido o confiável trabalho das agências de *fact checking*. No entanto, esses atores não criam engajamento igual ao que existe com as *fake news*, uma vez que essas agências andam juntas ao jornalismo profissional, enquanto certas narrativas povoam uma espécie de mundo paralelo.

Os públicos são distintos. A forma de se comunicar não é igual. O jornalismo profissional não conseguiu ainda furar a bolha dos grupos de Whatsapp e de Telegram, nos quais a disseminação de conteúdo enganoso se prolifera de maneira veloz.

A imprensa, hoje em dia, tem menos influência do que tinha no passado. Mas ela continua com a sua missão principal intacta, que é ser atividade vigilante 24 horas em busca de respostas para perguntas que interessam à sociedade.

A humanidade ultrapassou todos os limites da criatividade. Assistentes virtuais, como Alexa e Siri, por exemplo, ainda não são plenamente aproveitadas pelos veículos de comunicação para gerar conteúdo. Atualmente, os dispositivos são reprodutores do que pode ser encontrado em *sites*.

Ao acionar uma assistente virtual, podem-se ler as notícias do dia, informar a previsão do tempo, ler e-mails. Seu uso ainda está engatinhando. Além da utilização de assistentes virtuais, novos modelos jornalísticos e formas de monetização são pontos de estudo para o que pode ser feito na geração de conteúdo.

Não é muito usual no Brasil, mas algumas redações no mundo estão testando robôs para a produção de conteúdo como notícias da previsão do tempo, resultados de jogos esportivos e dados da economia. O mais provável é a substituição de humanos por máquinas na produção de processos repetitivos.

Como exemplificou Linden (2018), no início de 2014, editores da agência de notícias Associated Press (AP) utilizaram algoritmos em relatórios de faturamento de empresas de capital aberto.

Os algoritmos foram preparados para que a linguagem fosse rica e não parecesse mecânica. Nem tudo é perfeito nesta matéria. Mas robôs podem ser bons auxiliares, enquanto jornalistas se dedicam a reportagens que precisem de apuração, entrevistas e análises mais aprofundadas.

Linden (2018) acredita que “os algoritmos serão responsáveis por forçar os jornalistas a pensarem mais sobre as definições de suas principais capacidades humanas, como o desenvolvimento de inteligência social e emocional, curiosidade, autenticidade, humildade, empatia, serem bons ouvintes, colaborativos e abertos à aprendizagem”.

Os meios de comunicação tradicionais estão conscientes de que a transformação digital é radical. Os mais capitalizados fizeram - ou estão fazendo - reposicionamento de mercado.

Outras experiências estão em andamento. Há jornalistas independentes que não estão na grande mídia e criam publicações próprias voltadas para seu público (nichos) por meio de plataformas que combinam texto, áudio, vídeo e ferramentas de interatividade. O produtor de conteúdo ainda não está dispensado das suas tarefas clássicas.

O jornalismo independente tem crescido no século 21, com profissionais capazes de contar boas histórias, verificar fatos, compartilhar pontos de vista múltiplos, comentar de forma diferenciada, conectar pessoas de forma mais empática. Tudo isso, sem perder a isenção, base do jornalismo profissional.

Segundo o Reuters Institute 2021 Digital News Report (Newman, 2021), 40% dos usuários com menos de 35 anos prestam mais atenção a personalidades da internet quando consomem notícias. Existe um novo tipo de consumidor de informação que advém da nova geração, em busca de espaço neste mundo que combina o digital e o real.

FUTURO DO JORNALISMO

Como projetar o futuro do jornalismo para daqui a 100 anos?

Vemos a evolução da tecnologia, o sistema cada vez mais automatizado, a Internet das Coisas caminhando no momento atual, em que o 5G está no seu início. Em 2122, como já dissemos, deveremos estar com internet 15G. A velocidade da transmissão dos dados será capaz de atender aos dispositivos e tecnologias presentes daqui a um século.

As projeções indicam que relógio, óculos menores, quem sabe até chips implantados no próprio corpo poderão ser os dispositivos usados nas próximas décadas. A experiência do usuário será ditada pela tecnologia.

Hoje, empresas como Meta (Facebook), Amazon e Google já exercem enorme influência no jornalismo. Já falamos sobre o início da robotização de alguns conteúdos nos dias de hoje. E daqui a um século?

A automação das notícias vai influenciar fortemente a maneira de se fazer jornalismo. O mundo caminha para a personalização das informações consumidas pelos usuários, com temas já selecionados de acordo com a preferência de cada um.

Antes da internet, as pessoas só podiam interagir com os veículos de comunicação por cartas. Alguns veículos até tinham as famosas “Cartas dos leitores”. Com o advento da internet, o espectador se viu mais próximo das notícias, podendo comentar cada uma, interagir.

Atualmente, com as redes sociais, o usuário debate os assuntos com os próprios jornalistas que produziram a reportagem. Daqui a um século, serão novas experiências. A tecnologia poderá estar tão avançada, a ponto de uma pessoa no Brasil poder “vivenciar” um fato que acontece do outro lado do planeta, ao vivo. E, quem sabe, entrar na história contada naquele exato momento.

Nas redações - ou no que terão se transformado os ambientes para geração de conteúdo daqui a 100 anos - as funções dos jornalistas deverão manter a essência de apuração e investigação, com o indispensável toque humano. Mas os profissionais precisarão estar mais envolvidos com a tecnologia, para entender o funcionamento dos algoritmos e dos mecanismos para a produção aumentada de conteúdo, em realidade virtual.

A profissão de jornalista não deve acabar como um todo, mas sofrerá uma reinvenção para se adaptar aos novos tempos, de forma constante. Humano e robô estarão lado a lado. Este último, seja pelos algoritmos ou como humanoide.

Vemos, nesse início do século 21, o uso tímido de *deepfakes*, que é uma técnica que utiliza inteligência artificial para trocar rostos das pessoas. Com avanço tecnológico de 100 anos, esse procedimento estará superdesenvolvido, ou, quem sabe, obsoleto até por outra tecnologia.

Apesar das tentativas de segurar o avanço das relações humanas, nós estamos testemunhando um mundo que se pretende mais de inclusão, de diversidade e de troca de experiências. É uma tendência que, parece, não será barrada. Justamente por isso, o futuro sinaliza que não haverá uma forma única de se fazer jornalismo. Decididamente, não haverá modelo de negócio único, mas conjugado e adequado a cada realidade e meio.

Por tudo isso, é compreensível, por mais que relutemos, que o jornalismo não seja mais o único formador da opinião pública. E nem precisa ser. A internet é o ponto de convergência do conhecimento humano neste momento, até a chegada de algo mais abrangente ainda.

Neste momento, o que vemos no horizonte é a Inteligência Artificial, dando ainda mais velocidade, e a Internet das Coisas, procurando materializar a utilidade de cada aplicação, conforme o indivíduo e o seu grupamento social.

Como é quase impossível acertar o futuro, devemos apostar que o jornalismo não será o que é hoje, mas continuará existindo, porque a humanidade precisa de informação e comunicação.

REFERÊNCIAS

ABREU, A. A. Getúlio Vargas e a Imprensa: Uma Relação Conflituosa. In: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV), 2020. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/artigos/ElleVoltou/RelacaoImprensa>> Acesso em: 20 maio 2022.

BERARDINELLI, C. *Fernando Pessoa: Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2016.

LINDEN, C. G. Algoritmos para Jornalismo: o futuro da produção de notícias. **Líbero**, n. 41, p. 5-27, 2018.

MOTTA, R. P. S. A ditadura nas representações verbais e visuais da grande imprensa: 1964-1969. *Topoi* (Rio de Janeiro), v. 14, n. 26, p. 62–85, jan. 2013.

NEWMAN, N. et al. Reuters Institute digital news report 2021. Reuters Institute for the study of Journalism, 2021.

1922: UM MOVIMENTO MULTIDISCIPLINAR EM UMA SEMANA MULTIMODAL

João Hilton Sayeg-Siqueira

Nunca os nossos artistas se congregaram em hostes, ligando num mesmo elo a pintura, a escultura, a música e a poesia. Essas formas de expressão emotivas andaram sempre, se não divorciadas, pelo menos isoladas e quase interdependentes. Sob esse ponto de vista, a Semana de Arte Moderna é digna de nota.

Correio Paulistano, 14 de fevereiro de 1922

ALVORADA

A Semana de Arte Moderna de 1922, com o objetivo de trazer atualização ao ambiente artístico-cultural do Brasil e mostrar o que se produzia no campo da literatura, da música, da pintura, da escultura e da arquitetura, foi um movimento de renovação libertária. Resgatou o centenário da Independência, cenário propício para consolidar a atualização intelectual da consciência pátria, por meio da incorporação, à manifestação artística, valores da cultura nacional, revolucionando-a de uma maneira profunda.

Os principais participantes, em cada área artística, foram, na literatura: Mario de Andrade, Oswald de Andrade, Menotti del Picchia, Guilherme de Almeida, Graça Aranha, Ronald de Carvalho, Plínio Salgado, Álvaro Moreyra, Elycio de Carvalho, Luiz Aranha, Ribeiro Couto, Tácito de Almeida, Agenor Barbosa, Afonso Schmidt, Sérgio Milliet; na pintura: Emiliano Di Cavalcanti, Anita Malfatti, Zaina Aita, Ferrignac, Yan de Almeida Prado, John Graz, Vicente do Rego Monteiro, Antonio Paim Vieira, Oswaldo Goeldi, Ismael Nery; na escultura: Victor Brecheret, Hildegarde Leão Velloso, Haarberg; na arquitetura: Georg Przyrembel, Antonio Moya; na música: Heitor Villa-Lobos, Lucília Guimarães Villa-Lobos, Guiomar Novaes, Ernani Braga, Paulina de Ambrósio, Alfredo Gomes, Fructuoso Vianna.

Cada área se constituiu, segundo critérios científicos, em uma disciplina, por apresentar padrões próprios de formalidade e de organização

(Gusdorf, 2006). Algumas características ajudam a compreender a natureza de uma disciplina, segundo Heckhausen (2006), são elas: manifestação material, ou seja, matéria de que é feita, pela qual se manifesta uma ideia, um conceito; apoio teórico, quer dizer, os conceitos fundamentais para conceber a obra; método próprio, em outros termos, procedimentos para realizar o intento.

A Semana de 22 foi constituída por uma confluência disciplinar, em que, cada área se apresentou com suas peculiaridades estéticas específicas, mas interligadas por uma concepção comum. Um novo período da produção artística nacional, considerado um divisor de águas, pela renovação de linguagem e pela abertura a novos experimentos, que trouxeram maior liberdade de criação diante da ruptura com a tradição canônica. Foi considerada uma “segunda” independência do Brasil, mas, desta vez, no campo das artes, que passou de vanguardista a modernista.

Houve, portanto, uma articulação disciplinar, cada uma com suas especificidades, mas ligadas por um objetivo comum. Essa abordagem inova o processo de fruição e de entendimento dos vários sentidos produzidos por cada área, de per si, e pela inteiração possível entre elas. Tem-se, aí, o princípio da multidisciplinaridade que, traduzido, nas palavras de Delattre (2006, p.280): *Uma simples associação de disciplinas que concorrem para uma realização comum, mas sem que cada disciplina tenha de modificar significativamente a sua própria visão das coisas e dos próprios métodos.*

A multidisciplinaridade traz, na medida, a comunicação necessária entre várias disciplinas, justapostas entre si, a partir de um contexto histórico e cultural de interação social, que, pela atualização de práticas de produção em torno de um mesmo propósito, consolida, por meio de um plano técnico, não a dissolvência das peculiaridades de cada disciplina, mas a garantia de trânsito entre elas.

Um plano técnico, composto pelo conjunto de material, organizado para a manifestação de uma mensagem; pelo apoio teórico, selecionado para dar sustentação e credibilidade à proposta; e pela metodologia, tática para viabilizar a pré-dica; é aplicado para a organização da Semana de 22, a fim de articular as disciplinas dela constitutivas e fazer, por meio de uma abordagem multimodal, ou seja, por modos semióticos diversos, além da linguagem verbal dos literatos, a integração e a expansão de vivências comunicativas em uma sociedade compartimentalizada

por valores exclusivistas, como era a egolatria da Velha República e da oligarquia cafeeira de São Paulo.

Com esse contexto, não eram de se estranhar as reações negacionistas provocadas pela quebra de paradigmas trazida pela irreverência das apresentações que se sucederam nos dias 13, 15 e 17 daquele centenário fevereiro de Independência. A leitura crítica das manifestações artísticas deu-se, principalmente, pelo acoplamento de diferentes modos semióticos (verbal, figurativo, musical), que favorecem a construção de novos efeitos de sentido, pela interação de diversos níveis de conhecimento e de representação de mundo.

O inusitado desestabiliza e traz desconforto. Sem entrar nas discussões desencadeadas por tal crítica, isso se revela nas considerações de Monteiro Lobato, *Paranoia ou mistificação*, sobre a exposição de pinturas de Anita Malfatti, em 1917. Imagina-se, então, uma confluência de modos semióticos de mesma relevância, se, quando em separado, têm a força social de desequilibrar as convicções; quando unidos, numa mesma consonância, espargem interpretações e entendimentos que despertam a consciência cidadã de direitos e, assim, democratizam a arte.

A abordagem multimodal articula diversos modos semióticos utilizados em contextos sociais concretos de interatividade (Kress e Van Leeuwen, 2001). As práticas sociais, dessa forma constituídas, permitem aos indivíduos a inserção e o posicionamento como cidadãos em esferas de comunicação que operam com modos semióticos por intermédio da comparação e do contraste, é o que se observa na programação da semana:

THEATRO MUNICIPAL

SEMANA DE ARTE MODERNA

PROGRAMA DO PRIMEIRO FESTIVAL

2ª.-FEIRA, 13 DE FEVEREIRO

Exposição de pinturas, esculturas e projetos de arquitetura no saguão de entrada.

1ª. PARTE

Conferência de Graça Aranha: *A emoção estética na arte moderna*, ilustrada com música executada por Ernani Braga e poesia por Guilherme de Almeida e Ronald de Carvalho.

Música de câmara: Villa-Lobos

1. Sonata II de violoncelo e piano – (1916): a) Allegro moderato; b) Andante; c) Scherzo; d) Allegro Vivace sostenuto e finale.

Alfredo Gomes e Lucília Villa-Lobos

2. Trio Segundo: violino, violoncelo e piano – (1916): a) Allegro moderato; b) Andantino calmo (Berceuse-Barcarola); c) Scherzo-Spiritoso; d) Molto udibr e finale.

Paulina d’Ambrósio, Alfredo Gomes e Frutuoso de Lima Vianna.

2ª. PARTE

Conferência de Ronald de Carvalho: *A pintura e a escultura moderna no Brasil*.

3. Solos de piano: Ernani Braga: a) (1917): “Valsa mística” (da Simples Coletânea); b) (1919): Rodante (da Simples Coletânea); c) (1921): A fiandeira.

4. Otteto – (Três danças africanas): a) “Farrapos” – (“Danças dos moços”) – 1914; b) “Kankukus” – (“Danças dos velhos”) – 1915; c) “Kankikis” – (“Danças dos meninos”) – 1916.

Violinos: Paulina d’Ambrósio, George Marinuzzi. Alto: Orlando Frederico. Violoncelos: Alfredo Gomes, Basso, Alfredo Carazza. Flauta: Pedro Vieira;

Clarino: Antão Soares. Piano: Frutuoso de Lima Vianna.

PROGRAMA DO SEGUNDO FESTIVAL

4ª.-FEIRA, 15 DE FEVEREIRO

1ª. PARTE

1. Palestra de Menotti del Picchia ilustrada com poesias e trechos de prosa por Oswald de Andrade, Luiz Aranha, Sérgio Milliet, Tácito de Almeida, Ribeiro Couto, Mário de Andrade, Plínio Salgado, Agenor Barbosa e dança pela senhorinha Yvonne Daumerie.

2. Solos de piano: Guiomar Novaes: a) E. R. Blanchet: Au jardin du tropo Serail (Andrinople); b) H. Villa-Lobos: O

Ginete do Pierrozinho; c) C. Debussy: La soirée dans granade; d) C. Debussy: Minstrels.

INTERVALO

Palestra de Mário de Andrade no saguão do Teatro.

2ª. PARTE

1. Renato Almeida Perennis Poesia

2. Canto e piano Frederico Nascimento Filho e Lucília Villa-Lobos 1919: a) Festim Pagão. 1920; b) Solidão. 1917; c) Cascavel.

3. Quarteto Terceiro (cordas 1916): a) Allegro giusto; b) Scherzo udibria (pipocas e patocas); c) Adagio; d) Allegro com fuoco e finale.

Violinos: Paulina d'Ambrósio, George Marinuzzi. Alto: Orlando Frederico. Violoncelo: Alfredo Gomes.

PROGRAMA DO TERCEIRO FESTIVAL

6ª.-FEIRA, 17 DE FEVEREIRO

1ª. PARTE

Villa-Lobos:

1 Trio Terceiro – violino, violoncelo e piano – (1918): a) Allegro com moto; b) Moderato; c) Allegretto spiritoso; d) Allegro animato.

Paulina d'Ambrósio, Alfredo Gomes e Lucília Villa-Lobos.

2. Canto e piano: Mario Emma e Lucília Villa-Lobos Histo-rietas de Ronald de Carvalho (1920): a) “Lune d’octobre”; b) “Voilà udibr”; c) “Jouis sans retard, car vite s’ecoule udibr”.

3. Sonata Segunda – violino e piano – (1914): a) Allegro non troppo; b) Largo; c) Allegro rondó – Prestissimo finale.

Paulina d'Ambrósio e Fructuoso Vianna

2ª. PARTE

Villa-Lobos:

4. Solos de piano: Ernani Braga: a) “Camponesa Cantadeira” – (da Suíte Floral) – 1916; b) “Num berço encantado” – (da Simples Coletânea) – 1919; c) Dança infernal – 1920.

5. Quarteto Simbólico – (Impressões da vida mundana) – flauta, saxofônico, celesta e harpa ou piano. Com vozes femininas em coro oculto – (1921): a) Allegro non troppo; b) Andantino; c) Allegro, finale.

Pedro Vieira, Antão Soares, Ernani Braga e Frutuoso de Lima Vianna.

(Baseado em Rezende, 2011, p. 35)

Foram três dias em que os artistas, com estilo inspirado nas vanguardas europeias, buscaram imprimir novo estilo às produções, com o intuito de revolucionar a arte brasileira. Adotaram um projeto político específico, objetivando uma espécie de unificação de propósitos estéticos. A quebra dos padrões tradicionais chocou o público envolvido com o conservadorismo da arte, mas isso não abalou o desdobramento e a continuidade dos intentos da Semana na evolução de uma brasilidade artística e na inovação acadêmica das categorias de análise e de crítica literárias.

O MOVIMENTO MODERNISTA NO BRASIL

Algumas características desse movimento, presentes, ainda hoje, na concepção artística brasileira, são:

- Inspiração em vanguardas artísticas europeias, com fusão a elementos brasileiros.

No início do século XX, explodiam na Europa visionárias inovações que revolucionaram a maneira de se conceber a arte e a indústria cultural que eclodia, com os avanços da proliferação industrial e da concorrência comercial. Tais modificações também tiveram reflexo no Brasil que passava por diversas modificações econômicas, políticas e sociais, como a prosperidade do capitalismo, a consolidação da república e o crescimento da elite paulista.

Na Itália, eclode o movimento Futurista, caracterizado, principalmente, pelo rompimento com a arte e a cultura do passado, celebrando o progresso e a tecnologia moderna. A inovação veio seguida de ousadia, na Suíça, o dadaísmo sentenciava que “a destruição também é criação”, propulsionando o ilógico, o antirracionalista e o protesto, o que veio a

favorecer avanços para o surrealismo francês, com a proposta de valorização da fantasia e do sonho. Da França, também, veio o cubismo, com a utilização de formas geométricas, promovendo a fragmentação e a decomposição dos planos e perspectivas. A Alemanha é o berço do expressionismo, pregoeiro da deformação da imagem visual e da utilização de cores vibrantes.

Intelectuais e artistas brasileiros, que mantiveram contato direto ou indireto com essa vanguarda europeia, sofreram influências que se traduziram numa nova maneira de pensar o movimento artístico que já vinha, de maneira tímida se manifestando em território nacional, principalmente na pintura. No entanto, não bastava, simplesmente importar ideias e procedimentos, era necessário sintonizar as características das vanguardas europeias com a produção artística brasileira, valorizando a produção interna.

Esse reflexo aparece no poema de Mário de Andrade:

Inspiração

“Onde até na força do verão havia tempestades
de ventos e frios de cruelíssimo inverno”

Fr. Luís de Sousa

São Paulo! Comoção de minha vida...

Os meus amores são flores feitas de original...

Arlequina!!... Traje de losangos... Cinza e ouro...

Luz e bruma... Forno e inverno morno...

Elegâncias sutis sem escândalos, sem ciúmes...

Perfumes de Paris... Arys!

Bofetadas líricas no Trianon... Algodool!...

São Paulo! Comoção de minha vida...

Galicismo a berrar nos desertos da América!

(Pauliceia Desvairada, 1922, p.83.

[https://www.culturagenial.com/
poemas-de-mario-de-andrade/](https://www.culturagenial.com/poemas-de-mario-de-andrade/))

O título sugere que o poeta foi incitado à criação por algo, no caso, a cidade de São Paulo. É uma ode à capital paulista: *comoção de minha vida...* Segue, em epígrafe a citação de Fr. Luís de Sousa, com a antítese verão e inverno. Tem-se, aí, uma polissemia, primeiro, em

relação à cidade de São Paulo, por ter, na época, a fama de “cidade da garoa”, característica que imprimia ares de inverno, nebuloso e úmido, mesmo em pleno verão: *Luç e bruma... Forno e inverno morno...* Segundo, em relação ao clima quente dos trópicos, Brasil: *desertos da América*; e as condições meteorológicas muito frias do inverno europeu: *Paris*.

O poema se expande pela fragmentação, reticente, e pela decomposição dos planos canônicos da tradição literária do fim do século XIX. Amalgama uma sucessão de versos intervalados e intermitentes com uma sequenciação descontínua, como o traje losangular, intercalado de cinza e ouro, do arlequim, figura ingênua, gentil e galanteadora, originária da *commedia dell'arte* italiana. Mais uma simbiose de traços culturais entre Itália e Brasil. Assim está configurada a cidade de São Paulo, pela multiculturalidade e pela cortesia anfitriã.

A cidade é marcada pelas “elegâncias sutis” e pelos “perfumes de Paris”, presença, novamente, da influência europeia; marcada também, outra vez, na arte cênica, pela designação “Arys”, referência, provável, à personagem doutor Ary Koener, da peça francesa *L'Ange de Minuit*, de Théodore Barrière e Édouard Plouvier, traduzida para o português, *O anjo da noite*, por Machado de Assis, com grande sucesso no Rio de Janeiro, por anos, a partir de 1866. Referências à França acontecem, similarmente, em “Trianon”, região de Paris onde Luís XIV construiu o palácio de Versalhes, que é, também, o nome de um parque situado na avenida Paulista, que foi integrado a um belvedere (construção com mirante) de mesmo nome, localizado no terreno do atual Museu de Arte de São Paulo (MASP); e “galicismo”, isto é, peculiar da língua francesa.

Não há só a constatação da presença europeia na cultura brasileira, reconhecida como base indispensáveis para o início do Movimento Modernista, mas, igualmente, uma crítica às importações estéticas, quando não moldadas às características nacionais: *Bofetadas líricas no Trianon*” e *“Galicismo a berrar nos desertos da América!*. Se vem, *ipsis litteris*, o modelo lírico europeu, é uma “bofetada”, uma agressão ao espírito nacionalista que se implantava, comparada à atitude de Luís XIV, que mandou demolir uma aldeia para construir seu palácio Grand Trianon. Da mesma forma, ao ir se dissipando, a influência europeia quer, ainda, se manter e se impor pelo grito. Esse espírito crítico marca, indelevelmente, a ação poética modernista.

- Crítica ao modelo parnasiano.

Uma das bases para o estabelecimento da multidisciplinaridade e da multimodalidade é o princípio dialógico. Não é simplesmente uma troca de mensagens, como acontece no diálogo, mas um intercâmbio pragmático de interação em que partes, sem perder suas especificidades, se integram complementarmente. É uma das manifestações da dialogicidade é a polifonia, ou seja, a constituição textual por várias vozes, oriundas de outros textos. Esse fenômeno é chamado intertextualidade, recurso presente em todo texto, explícita ou implicitamente.

O poema (em excerto) de Manuel Bandeira que segue, marco poético da Semana de 22, declamado por Ronald de Carvalho, no Segundo Festival, dia 15/2, causou grande impacto e, como foi uma noite de contestações da plateia, também foi alvo de vaias e críticas. Como faz referência a poetas parnasianismos, é todo pincelado por suas vozes, construindo um painel intertextual.

Os sapos

Enfunando os papos,
Saem da penumbra,
Aos pulos, os sapos.
A luz os deslumbra.

Em ronco que aterra,
Berra o sapo-boi:
— “Meu pai foi à guerra!”
— “Não foi!” — “Foi!” — “Não foi!”.

O sapo-tanoeiro,
Parnasiano aguado,
Diz: — “Meu cancionero
É bem martelado.

Vede como primo
Em comer os hiatos!
Que arte! E nunca rimo
Os termos cognatos!

O meu verso é bom
Frumento sem joio
Faço rimas com
Consoantes de apoio.

Vai por cinquenta anos
Que lhes dei a norma:

Reduzi sem danos
A formas a forma.
Clame a saparia
Em críticas céticas:
Não há mais poesia,
Mas há artes poéticas...
[...]
Brada em um assomo
O sapo-tanoeiro:
— A grande arte é como
Lavor de joalheiro.
[...]
Longe dessa grita,
Lá onde mais densa
A noite infinita
Veste a sombra imensa;
Lá, fugido ao mundo,
Sem glória, sem fé,
No perau profundo
E solitário, é
Que soluças tu,
Transido de frio,
Sapo-cururu
Da beira do rio...

(Estrela da vida inteira [Carnaval, 1919]. 2. Ed.
Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970. p. 51-2.)

Na Semana de 22, esse poema foi apontado como um levante modernista contra aos cânones, para a composição poética, oriundos das escolas anteriores. De uma forma irônica, os autores desses movimentos são comparados a sapos. Mas, Bandeira, em declaração posterior, ponderou que o propósito inicial não era satírico, apenas um resgate poético de um “achado folclórico – o bate papo da saparia”.

Saem da penumbra,
Aos pulos, os sapos.
Em ronco que aterra,
Berra o sapo-boi:
— “Meu pai foi à guerra!”
— “Não foi!” – “Foi!” – “Não foi!”.

Mesmo assim, ficou o registro, na literatura especializada, de que – embora o poema reproduza as características defendidas pelos parnasianos, com métrica regular, com aliterações e assonâncias, que esquematizam as rimas em ABAB, construído em redondilha menor, isto é, todos os versos com cinco sílabas – não está a serviço do parnasianismo, mas num movimento contrário, de rejeição. Indica a necessidade de ruptura com os modelos pré-estabelecidos e, assim, de transformação da concepção de poesia. Destarte, as ocorrências intertextuais se prestam a ironizar e a parodiar produções progressas.

O sapo-tanoeiro,
Parnasiano aguado,
Diz: — “Meu cancioneiro
É bem martelado.

A metalinguagem é a função presente, pois a referência textual é a própria poesia. O diálogo entre os sapos marca a cadência poética, reflexo das normas de composição dos versos, por isso, passou-se a considerar que o simples coaxar traz a cadência, a métrica, a composição apregoada pelos auditores. Para se fazer poesia, não precisa de ser poeta, basta ser sapo. Desse modo, os sapos são metáforas dos diferentes tipos de poetas.

Clame a saparia
Em críticas cétricas:
Não há mais poesia,
Mas há artes poéticas...

O sapo-tanoeiro, por ter um coaxado bem martelado, é o típico exemplar do poeta parnasiano, pois tanoeiro, significa aquele que exerce profissão vulgar, realiza um trabalho vulgar; mesmo quando executa um “lavor”, pois, por mais valiosa que seja a matéria prima, o instrumento de execução é rude. O ourives molda o metal pela martelagem.

O sapo-tanoeiro,
Parnasiano aguado,
Diz: — “Meu cancioneiro
É bem martelado.
[...]
Brada em um assomo

O sapo-tanoeiro:

— A grande arte é como

Lavor de joalheiro.

O sapo-cururu é o mais comum na fauna brasileira. Com a figura desse sapo, vem a proposta modernista de democratização das formas de produção poética, pela ruptura com os padrões. Poemas monostróficos (uma só estrofe), estíquicos (com estrofes irregulares), com versos brancos e livres.

Clame a saparia

Em críticas céticas:

Não há mais poesia,

Mas há artes poéticas...

A arte poética se faz com liberdade, simplicidade e uso de uma linguagem cotidiana, própria de um sapo que apresenta uma opinião divergente de todos os outros sapos, principalmente do tanoeiro. Esse é um sapo que está presente nas manifestações folclóricas e tradicionais da cultura brasileira, haja vista os versos do cancionero popular, resgatados ao final da última estrofe:

Que soluças tu,

Transido de frio,

Sapo-cururu

Da beira do rio...

(Quando o sapo canta, ó Maninha,

Diz que está com frio.)

Em tom de paródia, por meio de estratégia intertextual, perceptível para os iniciados, o poema resgata produções de poetas do Simbolismo, Hermes Fontes, e do Parnasianismo, Olavo Bilac e Goulart de Andrade. De Hermes Fontes, destaca a declaração feita no prefácio de seu livro *Apoteoses* (1908), de que não havia poemas com rimas cognatas, ou seja, rimas pobres, de palavras pertencentes à mesma classe gramatical: substantivo com substantivo, verbo com verbo. A crítica vem a esse excesso de zelo que elitiza a produção e tolhe a espontaneidade.

Vede como primo

Em comer os hiatos!

Que arte! E nunca rimo

Os termos cognatos!

Aos parnasianos, considera-os “aguados”, provavelmente, com o sentido de desvanecido, sem vida, sentenciada à extinção a preocupação excessiva com os aspectos formais da linguagem, o que, na visão dos modernistas deveria ser ultrapassado.

O sapo-tanoeiro,

Parnasiano aguado,

Diz: — “Meu cancioneiro

É bem martelado.

Bilac pode ser considerado o expoente do parnasianismo, por a ele fazer referência direta como o sapo-tanoeiro que, como o ourives, martela sua matéria prima, respectivamente, linguagem e metal. A referência ao ourives se encontra no poema *Profissão de fé*. Seguem, para confronto, trechos dos poemas:

Invejo o **ourives** quando escrevo:

Imito o amor

Com que ele, em ouro, o alto relevo

Faz de uma flor.

(Olavo Bilac. Poesias. Rio de Janeiro:
Tecnoprint, 1978, p. 5)

Brada em um assomo

O sapo-tanoeiro:

— A grande arte é como

Lavor de **joalheiro**.

Goulart da Andrade é considerado o pioneiro, na arte poética brasileira, a usar a rima no molde francês, com consoante de apoio, ou seja, repetir, na métrica, a consoante que precede a vogal tônica final, marcando a rima com cadência. À guisa de exemplificação, vem um excerto de Baudelaire, seguido de um trecho do poema de Goulart de Andrade – em que ele faz um agradecimento à “consoante de apoio” – e da estrofe de Bandeira.

LXXVII – SPLEEN

Qui, de ses précepteurs méprisant les courbettes,
S'ennuie avec ses chiens comme avec d'autres bêtes.

(<https://gavetadoivo.wordpress.com/2017/03/01/consoante-de-apoio>)

FORTE ABANDONADO

(Obrigada a consoante de apoio)

De pé, no promontório, encravado na bronca
Penedia, onde o mar atropelado ronca,
Ribomba, estoura, estruge, espoca, estronda, esbarra,
Abandonado avulta o vigia da barra!

(Poesias, 1907. Disponível em <https://www.org.br/udibrias/udibri-de-andrade/textos-escolhidos>)

O meu verso é bom

Frumento sem joio

Faço rimas com

Consoantes de apoio.

Por fim, vem o sapo-cururu, numa relação antitética com os outros sapos, pois ele está na “mais densa... noite infinita” que “Veste a sombra imensa”, ao contrário dos demais que “Saem da penumbra” e “A luz os deslumbra”. Por essa condição – enquanto a “saparia” clama, ronca, martela, grita – o sapo-cururu “soluça”, assustado (“transido”), por estar “sem glória”, sem fé”, com “frio”, no declive (“perau”) “profundo” “Da beira do rio”. É o poeta popular, buscando meios de sobrevivência, por mais de “cinquenta anos”, quando lhe foi dada a “norma” que reduziu “sem danos” a “formas (moldes) a forma”. O reconhecimento da espontaneidade poética brasileira foi um dos principais marcos do Movimento Modernista.

- Valorização da identidade nacional com temáticas nacionalistas e abordagem da realidade cotidiana brasileira.

A força autoritária do discurso formalista vai se dissipando e o estranhamento das transformações vai conquistando espaço, principalmente pela preocupação com a arte de uma minoria, que, mesmo sujeita a duras críticas, desafia e “sai pra briga”. O foco recai sobre a

linguagem descompromissada do cotidiano, sobre a fala corriqueira, contextualizada com cenas do dia a dia, do hábito brasileiro. Um bom exemplo é o poema de Oswald de Andrade:

o capoeira
— Qué apanhá sordado?
— O quê?
— Qué apanhá?
Pernas e cabeças na calçada.

(**Pau-Brasil**. 6. Ed. São Paulo: Globo, 1998. P. 87.)

Em primeiro lugar, convém destacar a subversão do enfrentamento, que não se dá da autoridade para o suspeito, mas ao contrário, como se fosse uma revanche à repressão da arbitrariedade policial. O capoeirista provoca o soldado e o desafia, posto que, durante muito tempo, ele foi taxado de arruaceiro, visto com preconceito e, muitas vezes, preso por praticar sua arte. A inversão social está associada à proposta estética modernista, que deixa a academia e se volta para o registro simplório da fala.

O poema retrata uma cena cotidiana, com características da arte plástica. Assemelha-se tanto a uma composição cubista, quanto a uma tomada cinematográfica. Do cubismo, a linguagem fragmentada, como se fosse uma colagem de diversas perspectivas de uma mesma cena, que ganha dinamicidade pelo recurso repetitivo de fonemas oclusivo-explosivos [k] [p] [d] [b].

o capoeira
— **Qué** apanhá sordado?
— O **quê**?
— **Qué** apanhá?
Pernas e **c**abeças na **calçada**.

A repetição explosiva cria a reiteração ágil dos golpes e reveste a linguagem verbal estática em imagem em movimento (cinema+tó-grafo). A luta se dá por fragmentos momentâneos, como se uma câmera registrasse a cena em perspectivas, com uma montagem cubista em mosaico, concluída com um congelamento de imagem, provavelmente,

o soldado derrubado por um golpe: *Pernas e cabeças na calçada*. Mesmo essa tomada final é fragmentária, como se fosse construída por planos de detalhe, posto que não há indicação do corpo todo, mas apenas de pernas e cabeças.

A linguagem verbal é marcada por deslizos da norma gramatical, configurada por vícios de fala, como é o caso de ocorrência de metaplasmos, pela aférese, isto é, supressão de parte final da palavra: quer > qué, apanhar > apanhá; a tonicidade marcada pela consoante “r”, no fechamento da sílaba, é substituída pelo sinal diacrítico de acento agudo. Há, também, o rotacismo, ou seja, a troca da consoante “l” pelo “r”: soldado > sordado. Essas ocorrências são características muito comuns da fala cotidiana do povo brasileiro.

- Aproximação da linguagem oral, com a utilização de um registro mais coloquial.

O Modernismo primou pelo registro da autenticidade brasileira no uso da linguagem verbal, incorporando, como fator de inovação e de ruptura ao padrão culto, a incorporação poética do coloquial. A presença de uma modalidade informal da linguagem oral, é uma boa estratégia para o favorecimento de uma leitura fácil, leve e engraçada e sobre experiências, possivelmente, também, vividas pelo leitor.

Há uma provocação, intencional, dos modernistas, de provocar debates sobre o formalismo, o beletrismo, a rigidez das normas gramaticais, para encontrar base para a formulação de defesa do uso mais natural da língua, sem arcaísmos e sem erudição. Adota-se um posicionamento pela absolvição de todo tipo de erro, seja ortográfico, morfológico, sintático e estrutural, o que pode ser constatado no poema de Oswald de Andrade:

relicário

No baile da Corte

Foi o Conde d’Eu quem disse

Pra Dona Benvinda

Que farinha de Suruí

Pinga de Parati

Fumo de Baependi

É comê bebê pitá e caí.

(**Pau-Brasil**. 6. Ed. São Paulo: Globo, 1998. p. 87)

Em 9 de novembro de 1889, ocorreu, na ilha Fiscal, na cidade do Rio de Janeiro, o último baile do império. No dia 15, foi proclamada a República e a família real foi deportada. Eram famosos os bailes da corte. Vai aí mais uma referência histórica, temário do livro de poemas Pau-Brasil, de Oswald de Andrade. Conde D’Eu, marido da princesa Isabel de Bragança, era o título de nobreza do francês Gastão de Orléans. Conde (fr. companheiro) é um título designativo de um assessor real, senhorio com posses, resgatado grosso modo, na designação Eu, do francês que há, que tem.

O “Conde d’Eu” disse “Pra Dona Benvinda” é uma troça do poeta ao relacionar uma figura real a uma personagem ficcional, intertextualmente. Benvinda é uma personagem, de grande sucesso, da peça A Capital Federal, de Arthur Azevedo, uma comédia-opereta de costumes brasileiros, passada no Rio de Janeiro, sobre uma família de Minas Gerais que vem, em 1897, à, então, Capital Federal, e traz a mucama, “mulata hilária” (assim designada), esperta, insubordinada, sensual e falante de um “mau português” (Alkimim, 2008). Resgata-se, por aí, a informalidade na contração da preposição “para > pra” (com o metaplasmo síncope) e o dizer do último verso.

Segue o poema com uma coordenação de estruturas sintáticas de complementação objetiva direta do dizer do conde, introduzida pela conjunção integrante “Que”; “farinha de Suruí”, farinha de mandioca, de tradição indígena, provavelmente, introduzida na região de Magé (RJ) pela tribo de mesmo nome, e muito produzida até hoje. “Pinga de Parati” (cidade litorânea do RJ) foi, e ainda é, uma aguardente de cana de açúcar, desde 1600, muito procurado e apreciado no Brasil. “Fumo de Baependi”, cidade mineira, integrante da rota da Estrada Real que ia de Paraty até o interior da mineração em Minas Gerais. Além do ouro, a região produzia tabaco de muita qualidade, mercadoria de grande exportação que, por analogia, ficou conhecido como “ouro negro do Brasil”.

Montado, assim, está um “relicário” brasileiro, lugar próprio para guardar relíquias, que no caso, é o próprio poema que traz a tradição

histórica, imperial, republicana e artística, além das cidades importantes na colonização brasileira e seus produtos mais significativos que trouxeram e ainda trazem divisas econômicas e culturais ao Brasil.

O último verso traz uma corruptela do falar culto que deveria predominar na corte imperial, mas que, associado às mazelas da matreira Benvinda, desvirtua-se num gesto galanteador da nobreza. Em “É comê bebê pitá e caí” ocorre, novamente, o metaplasmo aférese, pelo apagamento da consoante final: comer > comê, beber > bebê, pitar > pitá; com a marcação de tonicidade pelos diacríticos, acento circunflexo nos dois primeiros e acento agudo no último. Essa sequência ordinária quebra a expectativa entre o cortês e o bronco e provoca humor, uma das características da primeira fase do Modernismo, denominada de “poema-piada” por Milliet (1952, p. 57).

Outro recurso intertextual pode ser encontrado nesse último verso, ao recorrer-se ao soneto de Gregório de Matos, *Aos principais da Bahia, chamados Caramurus*. É mais um exemplo da erudição de Oswald de Andrade e da recorrência irônica barroca, pela retomada da originalidade e da espontaneidade linguística do falante brasileiro.

Há cousa como ver um Paiaíá
Mui prezado de ser Caramuru,
Descendente de sangue de Tatu,
Cujo torpe idioma é cobepá?
A linha feminina é carimá,
Moqueca, petitinga, caruru,
Mingau de puba, vinho de caju,
Pisado em um pilão de Pirajá.
A masculina é um aricobé,
Cuja filha cobé um branco Paí
Dormiu no promontório de Passé.
O branco era um marau que veio aqui,
Ela era uma Índia de Maré,
Cobepá, aricobé, cobé, paí.

(Wisnik, J. Poemas escolhidos de Gregório de Matos.
São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 108)

Para completar o “relicário”, dois aspectos precisam ser considerados. A inclusão dos nativos da terra, por meio da herança lexical deixada. No poema de Oswald de Andrade: “Suru?” = rio deslizante, “Paraty?” =

viveiro de peixes e “Baependi” = rio do monstro marinho. Por extensão, no soneto de Gregório de Matos: “Paiaia” = pajé, “cobepá = dialeto indígena, “carimá” = bolo feito de farinha de mandioca, “petitinga” = espécie de peixes pequenos, “aricobé” = nome de uma tribo de índios progenitores do Paiaia, “cobé” = designação dos descendentes dos indígenas, “Paí” = espécie de papagaio. E a rica diversidade na arte poética brasileira, vinda do soneto barroco, métrico e rimado, ao monóstico modernista, branco e livre.

- Ausência de formalismo nas composições:

O Modernismo introduziu a experimentação composicional, com a quebra da rigidez imposta para uma obra ser reconhecida como pertencente a um determinado movimento literário. O Modernismo tornou-se, assim, um território democrático, aqueles, que quisessem seguir ditames, eram bem-vindos, como, também, eram valorizados os que se expunham a novas práticas, o que acontece no perturbador romance *Os condenados: trilogia do exílio*, de Oswald de Andrade, lançado em 1922.

Oh! Que cansa fulmínea da vida aos vinte anos!

Deitou-se ao leito conhecido, com um telefone à mesa da cabeceira. Tinha fechado a porta para que ninguém viesse. Tomou o boião de éter do aparador. Ensopou dois lenços de linho.

Aquela moleza gostosa... uma vertigem fria subindo... e uma vontade indecisa de não sei que... subindo sempre... Afrouxara-se-lhe o nó da vida... O homem de preto era cor-de-cinza... Aquela cara... Uma vertigem boa que a levava... E o passarinho ria calado... ria... cor-de-palha... Caras... Caras... Caras... Subindo... Por que tantas caras? E a moleza amarela que a abraçava, que a levava, que a sufocava de lábios tontos... Levava-a, fazia-a rodar e subir frio... As caras desfilavam, subiam, fugiam, sem barulho, sem nenhum barulho... por impalpáveis salões... por...

(Os condenados (Alma) <https://outraspalavras.net/sem-categoria/os-condenados-segundo-trecho-da-trilogia-de-oswald/>)

Alma d’Alvelos, Mauro Glade, João do Carmo e Lucas d’Alvelos, um quadrilho de condenados, respectivamente, pela prostituição, pela velhacaria, pelo desdém e pelo abandono. Da mesma forma, o poeta

modernista também se considera condenado pelo desrespeito, haja vista, a repulsa do público na plateia do Theatro Municipal, diante de um discurso de rupturas com as tradições, condenando-as ao cadafalso.

Um excerto do primeiro livro da trilogia, em que uma personagem feminina, Alma, uma jovem de vinte anos, sobrevive desolada pelo desamor vampiro do cafetão Mauro, pela súplica romântica do apaixonado João e pelo desalento afitivo do avô Lucas. São personagens que vivem em busca de extirpar as dores e os desganhos destrutivos que os atormentam. Nesse clima de esmorecimento, Alma refugia-se no torpor de um estado de narcose: *Tomou o boião de éter do aparador. Ensopou dois lenços de linho.*

A cena, seguinte, de delirante estupor, projeta um discurso de ruptura que desintegra a linearidade narrativa da linguagem verbal e se precipita, aos saltos, numa sequência de frases curtas, metonímicas, sine-dóticas e metafóricas. Só para exemplificar, como metonímia, tomada da consequência pela causa: “moleza” e “vertigem” por narcose; sinédoque, equivalência da parte pelo todo: “Aquela cara” por “O homem de preto”; metáfora, substituição de compromisso repressor por “nó da vida”.

As passagens bruscas de um segmento a outro, sem conectivos e marcado pelas lacunas reticentes, cria um processo rápido e vertiginoso de flashes reais e reminiscentes, fundindo imagens e conceitos numa nova arte verbo-visual de desenvolver narrativa. Essa técnica econômica passou a ser nomeada, pela crítica especializada, de “expressionismo trágico”, por se assemelhar às montagens cinematográficas vigentes, na época, pela Europa, valorizadoras do subjetivismo emocional do ser humano.

Tem-se uma forma composicional inovadora, que, em termos hodiernos, pode ser considerada multimodal. Não é, de fato, uma associação de linguagens manifestadas por modos semióticos diferentes, mas, pela coloração intensa dada à linguagem verbal, transfigura-a em linguagem visual. É uma nova concepção estética, mais vivaz e sintética.

- Experimentações estéticas

Estética é arte, pela concepção filosófica, de início, atrelada ao belo, mas sendo, aos poucos, revistas e, hoje, estendida a qualquer manifestação artística, independente da beleza. Retoma-se sua acepção

grega de percepção, sensação, sensibilidade, conduzindo-a pelo caminho dos fundamentos da arte que pode ser pavimentado ou não pelas concepções tradicionais de beleza.

O critério para avaliar o valor, não da estética, mas do fenômeno estético, reconhece diferentes concepções de arte e de técnicas, materiais e métodos, artísticas. A avaliação se apoia mais na produção de emoções que na sublimação da beleza, ou seja, como a sensibilidade é impactada (Jimenez, 1999). Esse ponto de vista está presente nas considerações de Menotti del Picchia, participante da Semana de 22:

A Semana de Arte Moderna não criou uma escola com regras, não impôs uma técnica, não formulou um código, mas formou uma consciência, um movimento libertador a integrar nosso pensamento e nossa arte, na nossa paisagem, no espírito da nossa autêntica brasilidade. (<https://www.youtube.com/watch?v=RvC7ILSFfvY>)

Instaurou-se uma nova visão estética, não só em texto em prosa, como constatada anteriormente em Oswald de Andrade, mas também, e principalmente, na poesia, como no poema de Guilherme de Almeida:

Velocidade (96 quilômetros por hora)

Não se lembram do Gigante das Botas de Sete Léguas?
Lá vai ele: vai varando, no seu voo de asas cegas,
as distâncias...

E dispara,
nunca para,
nem repara
para os lados,
para frente,
para trás... Vai como um
pária...

E vai levando um novelo embaraçado de fitas:

Fitas
azuis,
brancas,
verdes,
amarelas...
imprevistas...

Vai varando o vento: — e o vento, ventando cada vez mais,
desembaraça o novelo, penteando com dedos de ar
o feixe fino de riscas,

tiras,

fitas,

faixas,

listas...

E estira-as,

puxa-as,

estica-as,

espicha-as bem para trás:

E as cores retesas, sobem, descem DE-VA-GAR

paralelamente,

paralelamente,

horizontais,

sobre a cabeça espantada do Pequeno Polegar...

(Encantamento, poesias de 1921 a 1925. In

Toda a Poesia, Tomo V. São Paulo: Martins

Fontes, 1952, p. 95-6)

O poema instiga e rememora, pelo início questionador, que desperta a criança interna e remete o leitor, de imediato, à infância. Começa, por aí, a vertiginosa velocidade nos passos do gigante de botas, que, na tradição europeia, não deixa de ser o Pequeno Polegar, conto registrado por Charles Perrault. O diminuto filho caçula de um lenhador que se apossa de uma bota mágica de um ogro gigante, devorador de criancinhas, e, com isso, consegue resgatar a princesa perdida na floresta, receber a recompensa do rei e ajudar a família a sair da penúria em que vivia. O pequeno se torna gigante. Esse é o percurso narrativo do poema.

Pelo encantamento, o usuário das Botas de Sete Léguas, com apenas um passo, consegue percorrer quase sete quilômetros, na referência brasileira. Esse é o ritmo do poema, como o da personagem da história, agitado, intranquilo e, por isso, até travesso. Um novo fazer estético na poesia, esta é a resposta à pergunta inicial, pois a forma como os versos estão apresentados nos remete ao movimento de longo percurso, aos saltos, com poucos passos, ou seja, com poucas palavras, intervalares, reticentes, que rompem a hipotaxe e se dispõem em sequências justapostas.

A contiguidade no texto poético se dá pela presença de:

a. rimas:

Não se lembram do Gigante das Botas de Sete Léguas?

Lá vai ele: vai varando, no seu voo de asas cegas,

[...]

E dispara,

nunca **para**,

nem **repara**

[...]

pária...

Um ritmo cadenciado é marcado, como se fossem passos a percorrer léguas, disparados e sem parada. Na sequência, tem-se um valor polissêmico para “repara” que pode significar recuperar ou notar. Como não se recupera, para recobrar as forças, não consegue perceber o que acontece em seu apressado caminhar, por isso, passa como um excluído, “pária”. A referência pode ser ao descuido que levou o Pequeno Polegar a ludibria-lo e roubar-lhe as botas.

b. aliteração, repetição de mesma consoante:

Velocidade (96 quilômetros por hora)

[...]

Lá vai ele: vai varando, no seu voo de asas cegas,

[...]

E vai levando um novelo embaraçado de fitas:

[...]

Vai varando o vento: — e o vento, ventando cada vez mais,
desembaraça o novelo, penteando com dedos de ar

[...]

E as cores retesas, sobem, descem DE-VA-GAR

Os passos largos imprimem um ritmo acelerado ao andar, representado pela repetição da consoante “v”, representação onomatopéica da palavra velocidade: vvvvvv; presente, também, na própria palavra “devagar”. A aceleração desloca o ar que provoca vento que desloca as

fitas e as faixas que, pela suavidade sutil, diferencia o perspicaz e arguto do inábil parvo. A vitória não vem pelo tamanho e pela força, mas pela inteligência e sagacidade, haja vista Golias e Davi.

c. assonância, repetição de mesma vogal:

o feixe fino de riscas,
tiras,
fitas,
faixas,
listas...
E estira-as,
puxa-as,
estica-as,
espicha-as bem para trás:
(... DE-VA-GAR)

A iteração das vogais “i” e “a” numa sequenciação regular, penúltima e última sílabas, marca um ritmo alongado que se estira, sinalizado pela duração dos sons e das pausas entre eles. Quanto maior o alongamento, mais acentuada é a desaceleração. O seguimento é iniciado por uma frase nominal, com duas caracterizações, uma pelo adjetivo “fino” e outra pela locução adjetiva “de riscas”. O “feixe fino de riscas” se propaga em “tiras”, “fitas”, “faixas” e “listas” (sic, listras?) que são estiradas, puxadas, esticadas e espichadas, espargindo cores que se fixam vagarosamente.

d. paralelismo, correspondência entre partes:

Fitas
azuis,
brancas,
verdes,
amarelas...
imprevistas...
[...]
o feixe fino de riscas,
tiras,
fitas,

faixas,
 listas...
 E estira-as,
 puxa-as,
 estica-as,
 espicha-as bem para trás:
 [...]
 paralelamente,
 paralelamente,
 horizontais,

O poema tem um percurso de afinamento, sai do “Gigante” e chega ao “Pequeno Polegar”, percorrendo uma sucessão de palavras fragmentadas, que se alinham paralelamente. Ao final, vem a síntese da própria composição do poema, um emparelhamento sintagmático: “paralelamente, / paralelamente, / horizontais,”. Está aí, reiterada, a influência “cubofuturista” presente no movimento modernista, uma configuração geométrica.

O procedimento poético prima pela harmonização de ritmos inquietos, indiciado pela descontinuidade entre imagens e escrita:

Fitas
 azuis,
 brancas,
 verdes,
 amarelas...
 tiras,
 fitas,
 faixas,
 listas...

E as cores retesas, sobem, descem DE-VA-GAR

Vê-se, por meio da linguagem telegráfica, característica da fala infantil, com predomínio de substantivos e adjetivos e omissão, quase que total, de verbos. Mesmo assim, não se encontra em uma condição estática, mas em estado de movimento, harmoniosamente, lento e prolongado, uma lógica subjetiva de um procedimento poético marcado pela liberdade de expressão.

- Liberdade de expressão:

Liberdade de expressão é um ato político, oriundo de um reflexo social, e, por isso, um dos fundamentos que garante a qualidade da arte. Nem sempre essa exploração de ideologias, críticas e sentimentos é entendida e aceita, pois se insere, na maioria das vezes, em contextos adversos que reprimem, censuram e estabelecem impeditivos. É o caso da rejeição das propostas modernistas, frente às prescrições poéticas do simbolismo e do parnasianismo. Mesmo assim, não se tem, no modernismo, uma rejeição censora que impeça a manifestação de composições literárias, a partir de características oriundas de outros movimentos. O princípio é democrático, como pode ser visto no excerto do texto de Ronald de Carvalho.

(...) Respeitemos as tradições, saibamos compreender a obra do passado, mas não nos confinemos dentro de fórmulas rígidas, nem confundamos o preconceito com a verdade. Não devemos afirmar, a exemplo de Marinetti, que um automóvel lançado em vertiginosa carreira é mais belo que a Victoria de Samathracia. Devemos fazer, ao contrário, de todas as coisas uma obra de beleza, retirando delas a energia alegre e saudável de que necessitamos. É preciso não esquecer que cada homem traz consigo a sua fórmula, cada homem é um momento de harmonia universal. A modernolatria, entretanto, é tão perigosa como a classicolatria. Dentro, desses dois polos está a sabedoria. Libertemo-nos tanto de um quanto de outro preconceito.

(O espelho de Ariel. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1923, p. 107. <http://www.elfikurten.com.br/2013/01/ronald-de-carvalho-uma-travessia-poetica.html>)

Um texto emancipatório que faz um importante alerta sobre posições radicais e preconceituosas a partir da idolatria de determinadas convicções: nem a modernolatria, nem a classicolatria. Em tudo há beleza, é a possibilidade das experiências estéticas, que ultrapassa a negação de novas possibilidades artísticas e avalia o valor artístico da obra. Uma nova percepção que não atende apenas às expectativas dominantes, já enraizadas, que se pauta em análises unilaterais, examinando apenas o reflexo de uma época e desconsiderando o valor estético estabelecido

pelo percurso histórico. A postura precisa ser investida de sabedoria, que não é sinônimo de erudição.

- Rompimento com os padrões tradicionais da academia; Ruptura com academicismo e tradicionalismo

Pela tradição popular, acadêmico é aquele que, ao falar, utiliza muitos termos eruditos, de difícil acesso semântico, mas não é essa a acepção que se tem dentro do universo das artes. Cada fase histórica foi marcada por diferentes métodos e estilos artísticos, assim como teorias relacionadas à finalidade da arte, que determinaram o modo de agir com respeito ou obediência aos preceitos tradicionais da época.

Academicismo, portanto, originalmente diz respeito ao ensino das profissões artísticas em academias, instituições, principalmente, europeias, que atestavam o caráter oficial da produção artística e, para isso, adotavam uma **pedagogia fortemente sistemática, hierarquizada e ortodoxa. O ensino se caracterizava pela reprodução de modelos, sem aberturas para questionamentos ou experimentações que previssem qualquer avanço transformador.**

Esse é o ponto de vista apresentado por Graça Aranha em sua conferência inicial, na Semana de Arte Moderna de 1922, da qual segue um trecho:

A emoção estética na arte moderna

Para estes retardatários a Arte ainda é o Belo.

Uma vibração íntima e intensa anima o artista neste mundo paradoxal que é o Universo brasileiro, e ela não se pode desenvolver nas formas rijas do arcadismo, que é o sarcófago do Passado. Também o acadêmico é a morte pelo frio da arte e da literatura. Ignoro como justificar a função social da Academia. O que se pode afirmar para condená-la é que ela suscita o estilo acadêmico, constrange a livre inspiração, refreia o jovem e árdego talento que deixa de ser independente para se vasar no molde da Academia. É um grande mal na renovação estética do Brasil e nenhum benefício trará à língua esse espírito acadêmico que mata ao nascer a originalidade profunda e tumultuária da nossa floresta, seus vocábulos, frases e ideias. Ah! se os novos escritores não passassem na

Academia, se eles por sua vez a matassem em suas almas, que descortino imenso para o magnífico surto de gênio, enfim liberto de mais este terror. Esse “academicismo” não é só dominante na literatura. Também se estende às artes plásticas e à música. Por ele tudo o que a nossa vida oferece de enorme, de esplêndido, de imortal, se torna medíocre e triste.

No universalismo da arte a sua força e a sua eternidade.

(Letras e Artes: Suplemento de A Manhã (RJ) – 1946 a 1954. Ano 1950 – Edição 00153 – Domingo, 5-2-1950, página 8. <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=114774&pagfis=http://memoria.bn.br/docreader#>)

A grande crítica ao academicismo está ligada ao pedantismo entalhado na rigidez – formas rijas – como eram dadas as instruções e como arte era concebida – a morte pelo frio da arte e da literatura –, motivo principal do extremo prejuízo trazido ao relacionamento humano – Ignoro como justificar a função social da Academia –, o que veio a afastar muitos artistas de dentro e de fora das academias – O que se pode afirmar para condená-la é que ela suscita o estilo acadêmico, constrange a livre inspiração, refreia o jovem e árdego talento que deixa de ser independente para se vasar no molde da Academia.

Em consequência, aos poucos, uma nova concepção de academia foi sendo construída – nascer a originalidade profunda e tumultuária da nossa floresta, seus vocábulos, frases e ideias. Ah! se os novos escritores não passassem na Academia, se eles por sua vez a matassem em suas almas, que descortino imenso para o magnífico surto de gênio, enfim liberto –, ou seja, um ambiente de pesquisa e de ensino das tendências artísticas, pela adoção do princípio transformador do espírito humano.

Enfim, a Semana de Arte Moderna de 1922 ocorreu no momento em que o país, acostumado com os padrões estéticos europeus mais tradicionais, inicia um movimento de autorreflexão, autoanálise e autocrítica. Artistas e intelectuais se uniram numa corrente dúctil, na construção de um cenário de manifestações artístico-culturais que mudaram os rumos da arte brasileira.

DESDOBRAMENTOS

Vários projetos decorreram das propostas modernistas que se consolidaram na Semana de 22, as revistas Klaxon (São Paulo, 1922), Estética (Rio de Janeiro, 1924), A Revista (Belo Horizonte, 1925), Revista de Antropofagia (São Paulo, 1928).; o jornal Terra Roxa e outras terras (São Paulo, 1927); os movimentos Movimento Pau-Brasil (1924), Movimento Verde-Amarelo (1924), Movimento Antropofágico (1928); e o Manifesto Regionalista (1926).

Dentro do Movimento Antropofágico, Oswald de Andrade escreveu o Manifesto Antropófago, do qual seguem dois trechos, com comentários. Ao primeiro trecho estão relacionados os poemas de Oswald de Andrade e de Ronaldo Azeredo; ao segundo, um excerto do Decreto, de 1822, que anistia dissidentes ao movimento de independência.

O seguinte fragmento do manifesto traz uma afirmação, premonitória, relacionada a uma postura produtiva adotada pelos modernistas: *Acreditar nos signaes*. Sinal é uma palavra de origem latina com significado de “marca informativa”, que obedece a certas características para fácil reconhecimento, como, por exemplo, uma “estrutura-conteúdo”. A poesia, com essa peculiaridade, a partir de 1952, passou a ser conhecida como “concreta”, valorizando o espaço tipográfico, ou seja, além da palavra e do som, o visual.

Somos concretistas. As idéas tomam conta, reagem, quemam gente nas praças publicas. Suprimamos as idéas e as outras paralycias. Pelos roteiros. Acreditar nos signaes, acreditar nos instrumentos e nas estreitas.

(Manifesto Antropófago, publicado na edição nº 1 da Revista de Antropofagia - São Paulo, maio de 1928, <https://digital.bbm.usp.br/view/>, p. 7)

Esse trecho do manifesto traz a constatação modernista “Somos concretistas”, dada, principalmente, a liberdade de expressão experimental. Oswald de Andrade explora a “estrutura-conteúdo” no poema:

Vícios na fala

Para dizerem milho, dizem mio

Para melhor dizem mió

Para pior pió
Para telha dizem teia
Para telhado dizem teiado
E vão fazendo telhados

(Poesias reunidas. In.: Obras completas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 47.)

Por meio de reduções e expansões, o poema vai construindo uma “estrutura conteúdo”:

- reduções por:
 - a. metaplasmos: milho > iodização do dígrafo “lh” = miyo > crase com fusão de mesmo som = mio, melhor > iodização do dígrafo “lh” = meyor > redução da vogal átona “e” = miyor > crase com fusão de mesmo som = mior > aférese da consoante “r” final = mio > marcação da tonalidade por acento agudo = mió; pior > aférese da consoante “r” final = pio > marcação da tonalidade por acento agudo = pió; telha > iodização do dígrafo “lh” = teya; telhado > iodização do dígrafo “lh” = teyado;
 - b. elipses: Para (dizerem) melhor; Para (dizerem) pior (dizem) pió; Para (dizerem) telha; Para (dizerem) telhado;
- expansões por:
 - a. paralelismo com recuperação da mesma estrutura sintática: Para melhor dizem mió = Para telha dizem teia
 - b. derivação: telha > telha + sufixo “do” = telhado;
 - c. perífrase verbal: fazem > vão fazendo;
 - d. flexão de número: telhado + s = telhados.

Pelas reduções e expansões, o alinhamento à esquerda desenha a configuração:



Aplicando-se a rotação, visualiza-se a “estrutura conteúdo” de um telhado. É um poema concreto que, além de palavras e sons, realça o visual.



Outra constatação da presença do concretismo no movimento modernista é o reflexo do poema *Velocidade*, de Guilherme de Almeida, na composição de Ronaldo Azeredo, pelo resgate da aliteração com a consoante “V”.



(Fac símile de Concretismo. Revista de Cultura VOZES, n.1. 1077. Ano 71. http://www.antonio Miranda.com.br/poesia_visual/Ronaldo_azedo.html)

A passagem seguinte, traz uma contestação, de Oswald de Andrade, sobre a abrangência da independência, proclamada em 1822. A independência se restringiu ao setor político, não atingindo a dimensão artístico-cultural. Ainda prevaleciam os ditames cortesãos de uma nobreza europeia haja vista a subserviência do “Reino do Brasil” à corte portuguesa, mesmo depois da austera declaração: “INDEPEDENCIA, OU MORTE”.

Decreto

Podendo acontecer que existão ainda no Brasil dissidentes da Grande Causa da sua Independencia Política, que os

Povos ploclamarão e que Eu Jurei Defender, os quaes ou por crassa ignorância, ou por cego fanatismo pelas antigas opiniões espalhem rumores nocivos à União e Tranquillidade de todos os bons Brasileiros; e até mesmo ousem formar proselytos de seus erros: Cumpre imperiosa atalhar ou prevenir este mal, separando os perfidos, expurgando delles o Brasil, para que suas acções e a linguagem de suas opiniões depravadas não irritem os bons, e leaes Brasileiros [...] Todo o Portuguez Europeo, ou o Brasileiro, que abraçar o actual systema do Brasil, e estiver prompto a defende-lo usará por distincção da flor verde dentro do angulo de oiro no braço esquerdo, com a legenda = INDEPENDENCIA, OU MORTE = [...] José Bonifacio de Andrada e Silva, do Meu Conselho de Estado, e do Conselho de Sua Magestade Fidelissima ElRei o Senhor D. João VI. [...] e expedir por Copia aos Governos Provinciaes do Reino do Brasil. [...]

(SAR O Príncipe Regente, José Bonifácio de Andrada e Silva, Rio de Janeiro: Impressão Nacional 18 de Setembro de 1822. <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2413>)

Como um decreto de anistia, ele se estende a todos os brasileiros que usarem a “flor verde dentro do ângulo de oiro”. Assim, os modernistas, mesmo sendo contestadores, estão, também, anistiados, posto que incorporam a insígnia pelo Movimento Verde-Amarelo. Ainda que refutador do Movimento Pau Brasil, convém se referir a tal movimento, pois, em artigo publicado no jornal paulistano, *Correio do Povo*, em 17 de maio 1929, declaram-se alforriados: [...] *o grupo ‘verdamarélo’* [...] *responde com a sua alforria* [...].

O Brasil ficou independente e os brasileiros foram anistiados, mas ainda permaneceu, em território nacional, o espírito da Casa de Bragança: “Conselho de Sua Magestade Fidelissima ElRei o Senhor D. João VI”. A presença europeia se faz por meio de Portugal, com suas ordenações de colonizador, nos moldes do despótico Cabral, governador da província do Minho, em 1846, ano do levante revolucionário, com forte participação feminina, liderado por Maria da Fonte.

A nossa independência ainda não foi proclamada. Frase tipica de D. João VI.0 : — Meu filho, põe essa coroa na

tua cabeça, antes que algum aventureiro o faça! Expulsamos a dynastia. E' preciso expulsar o espírito bragantino, as ordenações e o rapé de Maria da Fonte.

(Manifesto Antropófago, publicado na edição nº 1 da Revista de Antropofagia - São Paulo, maio de 1928, <https://digital.bbm.usp.br/view/>, p. 7)

Relacionado à citada líder insurgente está o tabaco, oriundo dos Andes, que, ao ser ralado para cheirar, recebe o nome de rapé, do francês “râper” (ralar), e ganha tal prestígio que Catarina de Médici denomina-o “Erva Real”. A cultura indígena é assimilada e apropriada, com *status*, pelos europeus e, quando retorna, vem investida de aura aristocrática. É a supremacia europeia sobre as américas. Desse domínio, os modernistas querem a independência: “Contra a realidade social, vestida e opressora...”(Manifesto Antropófago).

REFERÊNCIAS

ALKIMIM, Tânia. Falas e cores: um estudo sobre o português de negros e escravos no Brasil do século XIX. In: LIMA, I.; CARMO, L.. Uma história social da língua nacional. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008.

DELATTRE, Pierre. Investigações interdisciplinares: objetivos e dificuldades. In: POMBO, O.; GUIMARAES, H.; LEVY, T. Interdisciplinaridade: antologia. Porto/Pt: Campo das Letras, 2006.

GUSDORF, Georges. Conhecimento interdisciplinar. In: POMBO, O.; GUIMARAES, H.; LEVY, T. Interdisciplinaridade: antologia. Porto/PT: Campo das Letras, 2006.

HECKHAUSEN, Heinz. Disciplina ou interdisciplinaridade. In: POMBO, O.; GUIMARAES, H.; LEVY, T. Interdisciplinaridade: antologia. Porto/PT: Campo das Letras, 2006.

JIMENEZ, Marc. Estética, o que é estética. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1999.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication. London: Arnold, 2001.

MILLIET, Sergio. Panorama da moderna poesia brasileira. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do M.E.S, 1952.

REZENDE, Neide. A Semana de Arte Moderna. Série Princípios. São Paulo: Ática, 2011.

APOIOS BIBLIOGRÁFICOS

ANDRADE, Mário de. Aspectos da literatura brasileira. São Paulo: Martins, 1974.

ANDRADE, Oswald de. Manifesto da poesia Pau Brasil. [1924]. In A utopia antropofágica. São Paulo: Globo, 2001.

ANDRADE, Oswald de. Obras completas: A utopia antropofágica. São Paulo: Globo, 2011.

BOAVENTURA, Maria. (org.). 22 por 22: A Semana de Arte Moderna vista pelos seus contemporâneos. São Paulo: EDUSP, 2000.

BRITO, Mário. História do modernismo brasileiro: antecedentes da semana de arte moderna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

CANDIDO, Antônio; CASTELLO, José. Presença da literatura brasileira: história e crítica (Modernismo). Vol.2. 10ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

LIMA, Alceu. Estudos Literários. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar Editora, 1966.

MARTINS, Wilson. A ideia modernista. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.

TELES, Gilberto. (org.). Vanguarda Europeia e Modernismo Brasileiro: apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 até hoje. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1976.

LIMA BARRETO E A INDEPENDÊNCIA OU 1922, O ANO QUE NÃO FOI ¹

Líliá Schwarcz

Mais do que qualquer outra atividade espiritual da nossa espécie, a Arte, especialmente a Literatura, a que me dediquei e com que me casei; mais do que ela nenhum outro qualquer meio de comunicação entre os homens, em virtude mesmo do seu poder de contágio, teve, tem e terá um grande destino na nossa triste Humanidade. (O destino da Literatura)

INTRODUÇÃO: TANTOS 22

É possível dizer que “1922 foi um ano que não foi” para o escritor Lima Barreto, morador do subúrbio de Todos os Santos e figura literária tarimbada na República das Letras brasileira. Mesmo assim, ele tomou parte, à sua maneira, dos dois eventos paralelos mais importantes daquele ano. Em primeiro lugar, foi convidado a atuar como parecerista da Revista *Klaxon*, espécie de cartão postal do grupo que organizou a “Semana de Arte Moderna” que ocorreu de 13 a 17 de fevereiro no Theatro Municipal de São Paulo. Em segundo, cobriu para a *Careta* as festividades que acompanharam o centenário da independência. Nos dois casos, e coerente com seu estilo, Lima deixou claro como não gostou nem da publicação, que julgou “estrangeirada” e “metida a vanguardista”, e tampouco do que chamou de “patriotada que se abateu por sobre os brasileiros” em setembro daquele ano, por causa da data do rompimento oficial do país com Portugal.

Mesmo sendo uma testemunha daquele ano carregado, o escritor de *Triste fim de Policarpo Quaresma* deixava evidente como entendia criticamente a correlação entre os dois eventos e o debate tenso que estabeleciam entre eles.

Mas esse não seria definitivamente o ano de Lima Barreto que morreria isolado em novembro de 1922, aos 41 anos. No Brasil, o racismo mata e muito cedo.

¹ Esse artigo é pautado na pesquisa que fiz para o livro de minha autoria chamado *Lima Barreto triste visionário*. São Paulo, Companhia das Letras, 2018.

VIVENDO INTENSAMENTE O ANO DE 1922

O escritor Lima Barreto entrou no ano de 1922 animado, mas com a saúde definhando. Foi nesse ano que publicou o romance que escreveu e reescreveu durante toda a sua vida. Naquele ano emblemático, a doença do pai de Lima, aposentado basicamente desde o começo do século, mostrava também uma grande piora. João Henriques andava isolado em casa há um bom tempo e estava cada vez mais alheio a tudo. O escritor, que sempre teve uma relação ambivalente com o pai, nesse momento andava preocupado com outras questões. Tinha medo de que o dinheiro acabasse, que não pudesse dar conta das despesas com o médico e com o futuro enterro dele, que parecia se anunciar. Em seu *Diário*, só havia lugar para pensamentos negativos. Dentre eles, o receio que manifestava diante do próprio destino. Ele também já andava aposentado, mas o dinheiro não chegava a cobrir as despesas familiares, que iam se acumulando, e seus livros ou artigos não rendiam em termos financeiros e muito menos profissionais.

Não gostava da sua família e tampouco do pessoal de seu bairro: A minha casa me aborrecia, tão triste era lá! Meu pai delirava, queixava-se, resmungava ... De resto, tinha horror à vizinhança, e, por isto [...], procurei sempre entrar em casa ao anoitecer, quando todos estavam recolhidos [...] Coisas de maluco.²

O excesso de álcool drenava, entretanto, suas forças, sendo sua decadência física comentada por várias de seus amigos. Segundo eles, Lima permanecia por longos intervalos calados, desaparecera dos cafés e das redações e era agora raramente visto na cidade. Andava recolhido pois cansava fácil e mostrava-se mais abatido física e moralmente. Sua velhice precoce era visível, e seus cabelos, se seguirmos o relato do amigo e escritor Enéias Ferraz, estavam, a essa altura, totalmente brancos. Quando em casa, repetia o comportamento. De vez em quando ficava totalmente emudecido e com o olhar perdido; nessas horas a irmã se compadecia dele e colocava, ela mesmo, um cálice de Parati a seu alcance.³ Desde que deixara o hospício, sem o horário fixo do emprego, passava

²Lima Barreto. "Diário do Hospício". In: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. *Diário do Hospício e Cemitério dos Vivos*. São Paulo, Cosac Naify, 2010, p. 61.

³Vide Hécio Pereira da Silva. *Lima Barreto: Escritor maldito*. 2.^a ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, INL-MEC, 1981, p. 13.

parte do tempo perambulando pelos cantos da cidade. Enquanto o pai confinava-se em casa, o filho perambulava pela noite. Muitas vezes seus amigos o recolheram caído nas calçadas, sem consciência.⁴

Mas anônimo é que não era. Ao contrário, começava a ser reconhecido pelas novas gerações de escritores que iam surgindo no cenário das letras nacionais. Vários autores enviavam-lhe, inclusive, cartas e originais esperando por sua avaliação – e quem sabe, “benção” –, os quais Lima nunca deixava sem resposta. A partir da análise da correspondência, que o autor de *Polícarpo Quaresma* teve o cuidado de guardar, e fez de sua irmã sua “zeladora”, é possível perceber a constância com que mantinha contato com os jovens colegas de profissão, espalhados por diferentes estados.⁵

Em seu acervo pessoal podem ser encontradas missivas de Agripino Grieco, Mario Sette, Leo Vaz, Gastão Cruls, Murilo Araújo, Adeline Magalhães, Alberto Deodato, Olívio Montenegro, Carlos Sussekind de Mendonça, Pascoal Carlos Magno, Ranulfo Prata e tantos outros. Se nos dias de hoje, a maior parte desses nomes é pouco conhecida, e eles parecem ter ficado fora do cânone modernista que tomaria força nos anos 1920, já Lima, parecia preocupado em “dar uma força” a seus novos interlocutores.

Ofereceu-se como fiador do novo livro de Enéas Ferraz, por exemplo, chamado *História de João Crispim*, e ainda apresentou-o ao amigo e livreiro Schettino.⁶ Lima, na carta enviada ao rapaz, recomendou que a edição fosse “modesta”, e que o novato arranjasse pelo menos 500.000 dos 1:500.000 necessários. Paternal, o escritor aconselhava que ele fosse liquidando a dívida “aos poucos”, e ainda usou da autoironia:

⁴Francisco de Assis Barbosa. *A vida de Lima Barreto*. (1952). 7ª ed. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Edusp, 1988, p. 282.

⁵A correspondência foi postumamente publicada e organizada por Francisco de Assis Barbosa e pela irmã do escritor.

⁶José Enéas Marcondes Ferraz Filho (1896-1977) era paulista, tendo se mudado para o Rio de Janeiro muito jovem, onde foi jornalista e funcionário público no Ministério das Relações Exteriores. Estreou nas letras com o romance *História de João Crispim* (1922). Em 1934 publica *Adolescência Tropical* e *Uma Família Carioca* e a coletânea de contos *Crianças Mortas* (1947). André Luiz dos Santos, em sua tese de doutorado, encontrou três críticas ao livro de Enéas Ferraz nos periódicos do início do século XX. Em uma delas, feita por Terra de Senna, destaca-se o descaço diante da obra e identifica-se a semelhança entre o personagem principal, João Crispim, e Lima Barreto, no que se refere à boemia. (André Luiz dos Santos. “Caminhos de alguns ficcionistas brasileiros após as Impressões de Leitura de Lima Barreto”. Tese de Doutorado em Literatura Brasileira. Rio de Janeiro, UFRJ, 2007)

Hás de rir-te que eu fique fiador, pois o Rio é tão nobre cidade que eu – tu bem me conheces – posso ser fiador de muita coisa. Imagina tu que moro há cinco anos em uma casa, sem carta de fiança, a 200\$000 por mês. Já fiquei devendo quase um ano e já pagamos, eu e meus irmãos. Manda o calhamaço.⁷

Como se vê, Lima perdia o dinheiro, mas não a piada. Ao que tudo indica o livro *História de João Crispim* era até inspirado no escritor de Todos os Santos. O personagem principal, é um andarilho incorrigível, e costuma vagar durante toda a madrugada, bebendo em vários botecos, quase sempre na companhia do seu celibatário e solitário amigo Affonso Pina, poeta que termina por suicidar-se ao final do enredo. Haveria também proximidades na descrição física, além de ambos serem escritores e jornalistas e terem sido internados no hospício.

Enfim, o autor de *Policarpo* ia virando até inspiração e mote de romance. De toda maneira, se estava deprimido com o andamento da sua carreira, parecia esperançoso com as novas gerações. Na frente deles, ou por meio das missivas trocadas, discorria sobre sua paixão incontestada pela literatura, e jamais deixava de declinar seus autores de predileção. Durante um ano inteiro trocou correspondências com um jovem chamado Jaime Adour da Câmara. Com ele, Lima portava-se professoralmente, estimulando-o, fazendo críticas e sugestões. Indicava também várias obras de sua biblioteca. “Leia sempre os russos”, aconselhava ele, e seguia listando seus prediletos que incluíam “Tolstoi, Turguêneff, um pouco de Górkí, mas, sobretudo, o Dostoiévski da *Casa dos Mortos* e do *Crime e Castigo*”.⁸ Esses eram “os russos” de Lima, e, como vimos, foi neles que se inspirara quando ainda estava no hospício.

Lima ia defendendo, portanto, diante das novas gerações, a importância de uma literatura social, em que tanto acreditava. E prometia enviar exemplares de filósofos anarquistas como Kropótkine, ou então de obras de Hamon, de Reclus entre outros.⁹ Recomendava também

⁷ Lima Barreto. *Correspondência ativa e passiva 2º tomo*. São Paulo, Brasiliense, 1956, pp.239-240. Também citada por Francisco de Assis Barbosa. *A vida de Lima Barreto*. op. cit., pp.256-257.

⁸ Lima Barreto. *Correspondência ativa e passiva 2º tomo*. op. cit., p. 171.

⁹ Augustin Frédéric Hamon (1862–1945) foi um escritor e editor anarquista francês. Fundou a revista anarquista *L'Humanité nouvelle* em 1897, e a editou até 1903. Dentre seus trabalhos estão : *Les hommes et les théories de l'anarchie* (1893), *Psychologie de l'anarchiste-socialiste* (1895), *La psychologie du militaire professionnel* (1894), *Patrie et Internationalisme* (1896), *Un Anarchisme, fraction du socialisme* (1896). Jean Jacques Elisée Reclus (1830-

“o maluco do Comte e o Spencer, *Introdução à Ciência Social e a Moral entre os diferentes povos*”. Aí estavam os filósofos e sociólogos, dos quais o escritor jamais abria mão.

Parecia, assim, ter necessidade de criar novas redes de conhecidos e de constituir herdeiros que conhecessem e admirassem sua maneira particular de encarar a profissão de escritor. A literatura precisava ser social e ficar distante da “mania grega” que tomara, segundo ele, a capital. Uma literatura de “recepção”, dada a “brindes e acepipes”. Precisaria ficar também longe da “literatura vanguardista” e adepta do futurismo”, como definia “os rapazes” que organizaram a Semana de Arte Moderna de São Paulo, realizada em fevereiro daquele fatídico ano de 1922. Ele que ia escrevendo essa sua obra múltipla, que tratava de uma fração enorme da sociedade que a gente “bacana” de seu tempo mal conhecia e, quando muito, mantinha a uma distância segura.

Mas o escritor carioca e negro, que fazia uma arte moderna e atenta às diversidades, não foi convidado para a festa dos paulistanos. Conhecido que era, foi sim convidado para escrever uma resenha sobre a *Klaxon*, a revista do grupo modernista. Lima não gostou, todavia, do título da Revista que para ele lembrava “coisa importada e bovarista”, tampouco do conteúdo. Disse que os paulistas estavam loucos pela Europa e mal conheciam o Brasil.¹⁰

A sinceridade provocadora lhe custou caro, e, como hoje sabemos, Lima ficaria longe da régua e compasso do cânone do modernismo paulistano, que passou a partir dos anos 1930 a ditar ordem e constituir uma história literária espelhada em sua própria experiência. Mas essa já é uma outra história. Esta que estamos aqui narrando fica retida no ano de 1922.

De toda maneira vale lembrar que os modernismos, que estouravam por todo o país, e não só em São Paulo, representavam a outra face da

1905) foi geógrafo e anarquista francês. Sua principal obra foi *L'homme et la Terre*, publicada na França em 1905, em 6 volumes, na qual visou realizar uma geografia social e procurou analisar o processo histórico da humanidade, a distribuição da população, as formas de Estado e de governo, os problemas relativos ao trabalho, à colonização, à cultura, à educação e outros. Publicou ainda, entre 1875 e 1892, *Nouvelle géographie universelle*, em 19 volumes. (Rui Ribeiro de Campos. “O Anarquismo na geografia de Élisée Reclus” in *Rev. Geo. UEG - Goiânia*, v.1, n.1, p.1-26, jan./jun. 2012)

¹⁰Vide nesse sentido Lília Schwarcz. “Lima entre os modernos”. In *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo, Companhia das Letras, 2017, pp. 430-461 Vide também Silvano Santiago. *Uma literatura nos trópicos: Ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo, Perspectiva, 1978; Flora Sussekind. *Literatura e vida literária: Polêmicas, diários & retratos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985, e *Cinematógrafo de letras: Literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

celebração patriótica que se preparava para 1922. A palavra de ordem era agora colocar em balanço e em processo de revisão antigos modelos culturais assentados – e a visão mais oficial da independência entrava no mesmo pacote. Por meio dessa nova voz e acento, apresentava-se um “novo” Brasil, mais conectado a “seu povo”; aos indígenas, aos negros que vieram ao Brasil, e à “mestiçagem” decorrente de tantos anos de hierarquia e mistura; mistura com hierarquia.¹¹

No Rio de Janeiro, a contestação partia justamente dos ambientes onde Lima circulava. Anarquistas, comunistas, boêmios, simbolistas, realistas se definiam como uma geração avessa à Primeira República e suas políticas de exclusivismo social e de bovarismo cultural e literário. Reunidos nos cafés e confeitarias, eles tomavam a cidade como seu palco e projeção, desenvolviam uma literatura satírica, humorística e que não tinha nada de “bem-comportada”. Esse era o grupo boêmio, que fazia muita galhofa nos bares cariocas. O modelo era contraposto ao chamado “bom mocismo da Academia”, e até mesmo ao perfil mais intelectualizado paulistano.

“O grupo do Lima” era composto, em geral, de funcionários públicos e profissionais liberais – alguns deles, a essas alturas, aposentados –, pertenciam em geral a uma classe média mais remediada, alguns eram desempregados e todos partilhavam o gosto pela bebida. Começavam pela cerveja, acabavam na cachaça, quando não, na falta de dinheiro, iniciavam pelo fim. O problema era o retorno para casa, pois, com bolsos vazios, quem morasse nas redondezas poderia seguir cambaleando, mas a pé, e quem tinha que se picar parar os subúrbios, como Lima, tinha que dar um jeito de emprestar algum trocado.¹² O certo é que já conformavam e eram reconhecidos como “o grupo modernista boêmio carioca”, que, com seus textos e atitudes queriam se divertir mas *épater* também.

O conjunto de autores fora muito influenciado por artistas da geração anterior como Paula Nei, Pardal Mallet e José do Patrocínio. Nos anos 1920, porém, a patota era outra e reunia figuras tarimbadas no circuito carioca como o crítico Gonzaga Duque, o caricaturista Raul Pederneiras, Noronha Santos, Bastos Tigre, que recebeu o pseudônimo de Don Xiquote por

¹¹ Vide Antonio Candido sobre Modernismos e a Revolução de 1930: Antonio Cândido. “A revolução de 1930 e a cultura”. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo, Ática, 1989, pp. 181-198. Vide também Adriano Pedrosa e Lília Moritz Schwarcz. *Histórias mestiças*. Rio de Janeiro, Cobogó, 2015.

¹² Helcio Pereira da Silva. *Lima Barreto escritor maldito*. op. cit.

causa de sua veia crítica e ácida, e Lima Barreto. Eles se autodenominaram “confraria humorística”, e destacaram-se ao simular situações de atrito, improvisar discursos, fazer muita piada e jogar deboche fora.

E a despeito dessas diferenças, na verdade, os grupos – paulistano e carioca – tinham muito em comum. Lima, por exemplo, era totalmente contra os estrangeirismos, buscava dar oralidade a seus textos e assim se aproximar da linguagem popular; era avesso aos modelos de Coelho Neto e ao que chamava de “estética grega importada”. Fermento entre os modernos, e Lima existia, e muito!

Seria possível, ainda, procurar por semelhanças entre a extinta *Floreal* e a *Klaxon*, que surgia nesse momento, fazendo barulho como a buzina de seu nome. Zélia Nolasco-Freire, por exemplo, chama atenção como, a despeito dos quinze anos que separavam a *Floreal* (1907) da *Klaxon* (1922), “ambas foram criadas para romper com a imprensa tradicional e burguesa”. Além do mais, os escritores buscavam uma “nova linguagem, mais autêntica e compromissada com os acontecimentos sociais”.¹³

De toda maneira, as similitudes eram antes formais, digamos assim, uma vez que elas se resumiriam à ousadia comum dos jovens e não, exatamente, à mesma plataforma literária compartilhada. A revista da turma de Lima era toda ela “militante” e impactada pelos temas sociais. O periódico do grupo de Mário e Oswald era mais antenado com as linguagens das novas vanguardas europeias, a despeito de não se furtarem a explorar temas locais.

E Lima era a imagem e semelhança de seu grupo. Vivera muitos anos do funcionalismo, a despeito de a essas alturas se encontrar aposentado, e continuava a escrever suas crônicas, contos, artigos e livros também. Mas o recurso à bebida ia lhe drenando as forças. Bem que procurara se tratar. Em setembro de 1921, tentara a sorte da recuperação junto com o amigo, escritor e médico Randolpho Paiva, que o levou à pequena cidade de Mirassol para livrá-lo do “vício da bebida”. Tudo ia bem até que o escritor foi convidado a proferir uma palestra em São José do Rio Pardo. Na verdade, o escritor jamais daria essa que seria sua palestra inaugural. Foi encontrado dormindo num canto da pequena cidade, depois de uma longa bebedeira.

¹³ Zélia Nolasco Freire. *Lima Barreto: imagem e linguagem*. São Paulo, Annablume, 2005. p.109.

Mas se a palestra foi um fiasco, pelo menos o texto, que fora especialmente escrito para a ocasião, e chamado de *O destino da literatura*, acabou sendo publicado na *Revista Souza Cruz* no número de outubro/novembro de 1921.¹⁴ Mal sabia ele, mas esse se converteria numa espécie de testamento de sua obra, um balanço e uma defesa de sua literatura militante e modernista. Se o tratamento falhava, pelo menos o testamento estava escrito.

O ensaio é longo e nos interessa aqui para que vislumbremos melhor as bases literárias, sociais e culturais do escritor que resenharia também as comemorações do 7 de Setembro. Lima começa seu texto fazendo sua arte da “contraposição”; parte do estilo consolidado do escritor. Lima se opõe, logo de saída, ao gênero “conferências literárias”. Cheio da sua boa ironia, afirma que para ter sucesso se exige do palestrante “elegância na exposição”, bem como uma série de outras qualidades, “nada literárias”. “É desembaraço e graça, distinção de pessoa, capricho no vestuário e – quem sabe lá? – beleza física e sedução pessoal” que contam.¹⁵

Nenhum desses atributos fazia, com certeza, parte das qualidades do escritor carioca, que cita como exemplo o poeta e diplomata, o aristocrata Olegário Mariano, conhecido por sua “beleza e voz aveludada”. Lembra ainda de outro colega, também “lindo e loiro”, apimenta ele, que fora proibido de continuar com as conferências quando sua esposa foi ao auditório e não viu na plateia um homem sequer. Com certeza tratava-se de mais uma provocação do escritor negro, contra as faces do racismo estrutural e institucional que condicionava o sucesso a uma beleza “medida” pela branquitude.

No entanto, passada essa operação de esquentamento, Lima começa a se perguntar sobre o que, de fato, o comovia. Seria a “Literatura ou a Arte” que mais contribuiriam “para a felicidade de um povo, de uma nação, da humanidade?”¹⁶ O tom do escritor é de “passar a limpo” a carreira. Lima admite serem essas “perguntas naturais e espontâneas” para um homem que “há cerca de vinte anos” se pôs “juvenilmente a escrever para o público, em revistas, e jornalecos que nasciam, eram lidos e morriam na rua do Ouvidor”.

¹⁴ Lima Barreto. “O destino da literatura”. Revista *Souza Cruz*, ano VI, n.58-9, outubro/novembro de 1921. In: Lima Barreto. *Impressões de leitura*. São Paulo, Brasiliense, 1956, pp.51-69.

¹⁵ *Ibidem*, p. 51.

¹⁶ *Ibidem*, pp. 55-56.

O escritor não era, porém, dado ao “auto-vitimismo” e não para no lamento pelo que “não foi”. Logo muda de postura e passa a resumir o “problema da importância e do destino da literatura”. Erudito e assertivo, explica que, apesar da discordância da literatura, da falta de consenso entre “sábios e as autoridades no assunto”, na sua opinião, “o fenômeno artístico era sempre um fenômeno social”, assim como “Arte é social, para não dizer sociológica”.¹⁷

Aí estava, em poucas linhas, o recado do Lima. Para ele não existia projeto literário sério que não fosse eminentemente social, mas também adaptado à realidade de cada nação. Essa era sua *Teoria geral da Arte*, que só fazia sentido se viesse acompanhada por uma “quadrilha de escritores” de sua predileção. Começa citando Tolstoi, continua com Taine, passa a Guyau (o teórico do bovarismo), Brunetière professor francês de literatura, que seguia os princípios do darwinismo e era autor de uma biografia de Balzac.¹⁸

A discussão volta-se, então, para o tema do “belo em literatura” que para ele se “expressaria nos fatos reais”. Segundo Lima, para o pensador não interessaria a forma, o “encanto plástico, na proporção e harmonia das partes”; nada de “helenismos de última hora”. Segundo o criador de *Isaias Caminha*, o que valia, mesmo, era “substância e não aparência”. O belo estaria somente nos “atributos externos de perfeição de forma, de estilo, de correção gramatical, de ritmo vocabular, do jogo e equilíbrio das partes em vista de um fim e da unidade”. Lima, porém, queria mais da literatura; queria que ela enfrentasse as “questões de nossa conduta na vida”.

Buscando, apaixonadamente, justificar seu recorte, o escritor cita, e como forma de convencimento, *Crime e Castigo*, de Dostoiévski. De acordo com Lima, era a partir de seu sofrimento e da identificação com a miséria de seu país que o russo “compreende melhor as almas dos outros” e os “erros da nossa organização social”. Nada mais distante do que “os escritores mais ou menos helenizantes chamam belo”. A beleza estaria, portanto, na “ideia”, na filosofia, numa sorte de vocação literária.

É bonito notar como o carioca emociona-se ao esmiuçar o tema, explicando que “é preciso que esse argumento se transforme em senti-

¹⁷ Ibidem, p. 56.

¹⁸ Lima Barreto. “O destino da literatura”. Revista *Souza Cruz*, outubro/ novembro de 1921. In: Lima Barreto. *Impressões de leitura*. São Paulo, Brasiliense, 1956, p. 57.

mento; e a arte, a literatura salutar tem o poder de fazê-lo, de transformar a ideia, o preceito, a regra, em sentimento; e, mais do que isso, torná-lo assimilável à memória, incorporá-lo ao leitor”. Por isso a obra de arte não poderia se portar como “capricho individual”. Representaria a união de todos, a harmonia entre os homens, um ideal elevado que tenha a capacidade de transformar em um só, e irmanado, o imenso “sofrimento, a imensa dor de sermos humanos”.¹⁹

Esse é o tema que “o apaixona”; que o afeta profundamente. Nega que a Grécia tivesse “por ideal de arte realizar unicamente a beleza plástica”.²⁰ E se o tivesse, esse ideal não podia ser o nosso: “com o acúmulo de ideias que trouxe o tempo, com as descobertas modernas que alargaram o mundo e a consciência do homem, e outros fatores mais, o destino da Literatura e da Arte deixou de ser unicamente a beleza, o prazer, o deleite dos sentidos, para ser coisa muito diversa”. O ataque era direto aos acadêmicos, e indireto a todos que faziam uma arte e uma história de festim; sem pensar nas decorrências sociais num país marcado pela pobreza.

Por isso é que o escritor conclui essa sorte de testamento mostrando que literatura seria, na sua opinião, “a expressão da vida refletida e consciente”. Mais ainda, os autores que tocavam sua alma eram os que guardavam “a consciência mais profunda da existência, os sentimentos mais elevados, os pensamentos mais sublimes”. Literatura e Arte seriam, pois, fenômenos que “erguem o homem de sua vida pessoal à vida universal, não só pela sua participação nas ideias e crenças gerais, mas também ainda pelos sentimentos profundamente humanos que exprimem”.²¹ Arte, portanto, seria aquela capaz de tirar o homem dos “preceitos e preconceitos de seu tempo, de seu nascimento, de sua pátria, de sua raça (...) para alcançar a vida total do Universo e incorporar a sua vida na do Mundo”.²²

Enfim, esse era Lima, sem tirar nem pôr e sem pedir autorização. Um Lima moderno, militante, mas distante dos modelos da Semana de Arte Moderna que se mantinha distante de uma estética mais social, e que refletisse sobre a desigualdade existente no Brasil.

¹⁹ *Ibidem*, pp. 59-60.

²⁰ *Ibidem*, p. 64.

²¹ *Ibidem*, p. 66.

²² *Ibidem*.

O discurso, que restou no papel, vai se encerrando com uma espécie de profissão de fé literária:

Mais do que qualquer outra atividade espiritual da nossa espécie, a Arte, especialmente a Literatura, a que me dediquei e com que me casei; mais do que ela nenhum outro qualquer meio de comunicação entre os homens, em virtude mesmo do seu poder de contágio, teve, tem e terá um grande destino na nossa triste Humanidade.²³

O solteirão Lima admite ter se “casado com a literatura”, essa arte que faz “baixar das altas regiões, das abstrações da Filosofia e das inacessíveis revelações da Fé, para torná-las sensíveis a todos”.²⁴ Era somente essa a literatura que o antigo amanuense considerava digna de explicar “a dor dos humildes aos poderosos e as angustiosas dúvidas destes, àquelles”.²⁵ Seria essa literatura “militante” que faria compreender as diferentes

almas dos homens dos mais desencontrados nascimentos, das mais diversas épocas, das mais divergentes raças; ela se apieda tanto do criminoso, do vagabundo, quanto de Napoleão prisioneiro ou de Maria Antonieta subindo à guilhotina; ela [...] nos liga à árvore, à flor, ao cão, ao rio, ao mar e à estrela inacessível; ela nos faz compreender o Universo, a Terra, Deus e o Mistério que nos cerca e para o qual abre perspectivas infinitas de sonhos e de altos desejos. Fazendo-nos assim tudo compreender; entrando no segredo das vidas e das coisas, a Literatura reforça o nosso natural sentimento de solidariedade com os nossos semelhantes, explicando-lhes os defeitos, realçando-lhes as qualidades e zombando dos fúteis motivos que nos separam uns dos outros [...].²⁶

Quase prevendo o destino que bateria à sua porta, e em breve, o escritor professa que é só a literatura que o faz “senhor do infinito”. E acrescenta: “Que me importa o presente! No futuro é que está a existência dos verdadeiros homens”.²⁷ E coloca um ponto final:

Possam estas palavras de grande fé; possam elas na sua imensa beleza de força e de esperança atenuar o mau

²³ Ibidem.

²⁴ Ibidem, p. 67.

²⁵ Ibidem.

²⁶ Ibidem.

²⁷ Ibidem, p. 68.

efeito que vos possa ter causado as minhas palavras desenxavidas (sic). É que eu não soube dizer com clareza e brilho o que pretendi; mas uma coisa garanto-vos: pronunciei-as com toda a sinceridade e com toda a honestidade de pensar. Talvez isso faça que eu mereça perdão pelo aborrecimento que vos acabo de causar.²⁸

Lima era assim: com sua literatura social, suas palavras de fé, seus gestos de solidariedade, sua profunda identificação com os humilhados. Era Lima também na ambiguidade e na falta de lugar que ele sempre professava e lastimava. Havia tentado, sem sucesso, por três vezes, entrar na Academia Brasileira de Letras. Não combinava com eles. Mas também não combinava com o otimismo dos vanguardistas de São Paulo, como não combinaria com o otimismo das celebrações que se preparavam para o dia da Independência.

Narrativas históricas, como bem sabemos, tem papel fundamental nos discursos e propagandas de políticos e dos governos. E dessa vez não seria diferente. O presidente Epiácio Pessoa, que passara boa parte de seus dias em estado de sítio, tentando conter uma série de movimentos que colocavam em questão a sua gestão, agora pretendia alavancar a data do centenário a seu favor. Mostrar um país evoluído, civilizado e de braços dados com as nações europeias. Tudo no sentido oposto do que Lima, que várias vezes em suas colunas já criticara o chefe do executivo, professava.

Como já sabemos, o escritor carioca, como tantos outros, passou ao largo do barulho estridente que fizeram os modernistas paulistas. Mas, pelo menos teve tempo de parar, assistir e comentar a preparação dos festejos do 7 de Setembro. Aliás, essa foi a última vez que ele foi visto andando pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro – um dos seus antigos quarteis gerais.

Na revista *Careta*, de 4 de março de 1922, usando seu velho pseudônimo de Jonatan, talvez o mais anarquista de seus heterônimos, Lima analisa a “Exposição do Centenário da proclamação da Independência do Brasil”, uma das mostras que seria inaugurada no “aterro do Saco da Glória”. Comenta ele que a mostra tinha tudo para chamar a “atenção universal sobre o nosso país e, particularmente, para a nossa capital”.

²⁸ Ibidem, p. 69.

Sempre debochado e crítico, explica que a Espanha presenteara a Argentina com um magnífico monumento a Cristóvão Colombo; enquanto Portugal iria nos dar “alguma coisa, mas, depois de acabado o certame, leva-a para lá de volta”.

Era a velha mania do escritor de não se levar a sério e sobretudo não nos levar a sério. O cronista brinca com a ideia de universal e ainda zomba da “generosidade” de nossa antiga metrópole lusitana. Menciona ainda que a embaixada do México andava prometendo uma reprodução da estátua de Cuauhtemoc, último imperador asteca. E aproveitava para provocar os paulistas: “Desde que não vá para São Paulo (...)”.²⁹ Não era a primeira vez que o escritor brincava com o que chamava de “avareza” dos paulistas, que segundo ele pensavam apenas em si.



Avenida das Nações, por ocasião das feiras das nações, nas comemorações do Centenário da Independência do Brasil, em 1922. Revista *Careta*, ano XV, n.750, Rio de Janeiro, 2 out. 1920.FBN.

E Lima continua, sempre com um ar de broma, a desfazer dos presentes que viriam “aos centos”, dos Estados Unidos, de Londres e da Palestina, e dos banqueiros de Amsterdam. Para terminar, comenta que “o monumento de bronze e mármore ao Augusto Epitácio” seria oferecido pelo “Centro Paraibano que, como se sabe, goza de extemporaneidade e é, portanto, equiparado a um estado soberano”.³⁰ A estocada era contra o presidente Epitácio Pessoa, e a estátua em sua homenagem. Cem anos

²⁹ Lima Barreto. “As estátuas e o centenário”. *Careta*, 4 de março de 1922. In: Felipe Botelho Corrêa (org.). *Lima Barreto: sátiras e outras subversões*. São Paulo: Penguin e Companhia das Letras, 2016.

³⁰ *Ibidem*.

antes, Lima Barreto já trazia consigo críticas às construções monumentais e efêmeras, que gastavam as verbas públicas do Estado e que visavam apenas destacar uma visão grandiosa e europeia da história brasileira.

Lima não gostava nada da pessoa de Epitácio Pessoa e do grupo oligárquico que representava. Paraibano de origem, ele era presidente do Brasil nesse contexto de 1919 a 1922. Tendo disputado o cargo com o então septuagenário Rui Barbosa, Pessoa ganhou as eleições quando representava o Brasil na Conferência de Versalhes; foi eleito enquanto estava no exterior, e voltou presidente em 21 de junho de 1919.

Para piorar sua situação, já instável politicamente e que estava mais para crise do que para a celebração, Epitácio Pessoa governaria em meio a uma sucessão de greves operárias, e contando com muita reação pública à sua política de financiamento do café feita às custas de altos empréstimos no exterior, sobretudo dos Estados Unidos. Acabou enfrentando, então, um dos períodos mais conturbados da primeira República, com a Revolta do Forte de Copacabana, ocorrida em 5 de julho de 1922³¹.

A Revolta do Forte de Copacabana, também conhecida como a Revolta dos 18 do Forte, aconteceu no Rio de Janeiro, sendo considerada como o marco inicial das revoltas tenentistas que se estenderam pela década de 1920. O movimento foi desencadeado pela vitória de Arthur Bernardes nas eleições para a presidência da República em março de 1922, e pelo descontentamento dos tenentes diante do poder das oligarquias regionais e das fraudes eleitorais.

Além do mais, o fechamento do Clube Militar e a prisão de seu presidente Marechal Hermes, em 2 de julho de 1922, por ordem do então presidente Epitácio Pessoa, aumentaram ainda mais a insatisfação. Diante dos acontecimentos, estoura o levante no forte. Os rebeldes foram rendidos, com exceção de 28 oficiais, que decidiram prosseguir em marcha pela Avenida Atlântica para confrontar a tropa legalista. Dez abandonaram o grupo no trajeto, restando 17 militares e 1 civil. Apenas dois tenentes – Siqueira Campos e Eduardo Gomes – sobreviveram ao percurso diante do tiroteio.

³¹ José Murilo de Carvalho. “As Forças Armadas na Primeira República: o poder desestabilizador.” In: Boris Fausto (dir.) *História geral da civilização brasileira*. São Paulo, Difel, 1982. tomo 3: O Brasil Republicano, 1982. José Augusto Drummond. *O movimento tenentista: intervenção militar e conflito hierárquico (1922-1935)*. Rio de Janeiro, Graal, 1986.



Eliseu Visconti. Selo Comemorativo do 1º Centenário da Independência – 150 réis – Estudo para selo – Nanquim e Guache/papel, 27,0 x 41,5 cm. 1922. Coleção particular.

Lima não tinha motivo para apoiar os militares. Mas certamente não gostou da repressão do governo Epietácio Pessoa. Por sinal, o escândalo foi público e a intenção do presidente com comemorações tão aparatosas era claramente desviar a atenção da população. É por isso, e por outros motivos que Lima desancou em cima do que chamava de “patriotada” dos cariocas e mania de “voltar atrás no tempo” – isso para não se entender com o presente. Basta ver como na ocasião do centenário, as pessoas, homenageadas no selo comemorativo, são todas brancas; no caso d. Pedro II, Deodoro da Fonseca e (quem sabe) a princesa Isabel.

Não parece coincidência o fato de ter partido do governo de Epietácio Pessoa o gesto de revogar, em 1920, o banimento da Família Imperial brasileira, que permanecia no exílio desde a Proclamação da República. Os remanescentes podiam voltar ao país. Já a vinda dos corpos dos antigos Imperadores gerou tal celeuma, que seria concretizada apenas, anos depois, durante o governo de Getúlio Vargas.³²

Outro fato que gerou muita reação foi a visita do atlético Rei Alberto da Bélgica. Imenso, na foto ele parece um gigante ao lado do médico Carlos Chagas – que teve um papel destacado no combate à Gripe Espanhola – e do próprio presidente. Na foto, os dois brasileiros que contracenam com o belga encontram-se devidamente paramentados para a foto oficial: o presidente de casacão, gravata e bengala, e o médico com seu jaleco. Por

³² No livro *As barbas do Imperador* (São Paulo, Companhia das Letras, 1989) trato do tema da disputa dos corpos imperiais com mais vagar.

mais estranho que pareça, ele era o primeiro chefe de Estado a visitar o Brasil, e causou comoção. Alpinista, atividade que causaria sua morte, o rei permitia relembrar a época em que no país tínhamos um rei.



Rei Alberto, ladeado por Carlos Chagas e o presidente Epitácio Pessoa. Chagas transformou-se em modelo da cientificidade brasileira, por conta do combate que liderou à doença que até hoje leva seu nome, e que, na época era considerada epidêmica. Revista Careta, ano XIII, n. 641, Rio de Janeiro, 02 out. 1920. FBN.

Mas o que desgostou mesmo a Lima Barreto foi o parentesco próximo do “rei gigante” com seu tio, o famigerado Leopoldo II de quem foi sucessor. O regime da colônia africana de Leopoldo II, o Estado Livre do Congo, tornou-se um dos escândalos internacionais de maior repercussão na virada do século XIX para o XX. O relatório de 1904, escrito pelo cônsul britânico Roger Casement levou à prisão e à punição de oficiais brancos que tinham sido responsáveis por um verdadeiro genocídio durante uma expedição de coleta de borracha realizada em 1903.

O Estado Livre do Congo incluiu uma área inteira hoje conhecida como República Democrática do Congo. Já Leopoldo administrou-a como sua possessão privada e assim acumulou uma imensa fortuna pessoal a partir da exploração de recursos naturais locais. No começo lucrou alto com a exportação do marfim. Um pouco mais tarde, quando a demanda global por borracha explodiu, sua atenção se voltou para a coleta trabalho-intensiva da seiva das plantas da borracha, com a utilização de trabalho escravizado e ilegal.

O certo é que, passando por cima das promessas da Conferência de Berlim, realizada em meados dos anos 1890, o governo do Estado Livre do Congo, comandado pelo dirigente belga, restringiu o acesso de estrangeiros e passou a explorar o trabalho forçado dos nativos. Não há registros precisos, mas os números variam de 1 milhão a 15 milhões de pessoas.

Não só a colonização violenta dizimou a população local. Sem recursos e com a saúde depauperada, os habitantes viraram vítimas de epidemias como a varíola. Calcula-se que 1896, só a tripanossomíase africana matou mais de 5.000 pessoas, na aldeia de Lukolela, às margens do rio Congo.

Já com relação ao império do Brasil, Leopoldo II buscou seguir os mesmos ideais de aproximação defendidos por seu pai. Tanto que conseguiu casar o seu sobrinho, o príncipe Luís Augusto de Saxe Coburgo Gota, com a princesa Leopoldina, filha caçula de Pedro II. Como tinha planos expansionistas, teria preferido que o parente se casasse com a Princesa Isabel, herdeira presuntiva ao trono.

Mesmo assim, sua dinastia poderia legalmente reclamar o trono, caso Isabel não tivesse herdeiros (sendo que ela levou dez anos para gerar o primeiro filho), e isso o animou. As pretensões sem limites de Leopoldo só foram finalmente frustradas com a Proclamação da República, em novembro de 1889. Pode-se imaginar, pois, o tamanho da contrariedade que o escritor de *Todos os Santos* sentia diante de Alberto da Bélgica. Ele já havia comentado atrocidades do tio do soberano alpinista, e tinha conhecimento dos planos imperialistas do belga para o Brasil. Era, assim, contra a visita na base do antes só do que mau acompanhado.

Lima acusava o presidente, aliás, de abusar dos rituais aparatosos para dessa maneira tentar calar e distrair o descontentamento da população. Sabemos que a simbologia política é particularmente eficaz em momentos de crise e essa parecia ser a hora certa para Epiácio Pessoa recorrer a ela.³³

Além de preparar a vinda dos corpos dos antigos imperadores brasileiros, dentre as medidas que o presidente patrocinou, Lima com certeza desaprovava várias outras. Era contra o “espírito patriota e nacionalista” que tomou os brasileiros por conta do centenário de 1922, assim como, a despeito de criticar a prática do futebol, não tinha como apoiar o veto à presença de negros na seleção brasileira que participaria

³³ Raoul Girardet. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

do Campeonato Sul-americano de 1921.³⁴ Lima costumava dizer que o futebol era como a guerra e mais mostrava sua visão precoce em relação a esse esporte que não raro apresenta casos de racismo e misoginia.



Cerimônia de abertura dos Jogos Latino-americanos.

Fonte: Atlas do Esporte no Brasil

Com efeito, Lima era um escritor atento ao racismo existente no Brasil. A cor, por sinal, faz *toda* a diferença na construção dos romances, na caracterização dos protagonistas e no desenlace das obras do autor. Isso, a despeito da imensa maioria de afrodescendentes vivendo no Brasil. Em 1890, a população ultrapassava a marca de 14.000.000 habitantes e os afrodescendentes – compostos por pretos e pardos – chegavam a corresponder a quase 50% dos brasileiros.

Essa porcentagem, já em si expressiva, poderia ser ainda maior, se lembrarmos da subnotificação sempre presente nesses levantamentos, sobretudo num país em que, com a vigência das teorias raciais e dos modelos de branqueamento da nação, poucos se declaravam negros ou afrodescendentes. O tema era tão agudo e espinhoso, que o quesito “raça/ cor” chegou a retirado dos censos de 1900 e de 1920.

O desaparecimento “súbito” do item não era, porém, mera coincidência. De um lado, o quesito parecia desajustado diante dos modelos oficiais que na época incentivavam projetos de imigração europeia, ou levavam o diretor do Museu Nacional, o professor João Batista Lacerda, ao Congresso Universal das Raças, realizado em Londres, no ano de 1906, para defender

³⁴Lima Barreto. “O Centenário”. *Careta*, 30 de setembro de 1922. In: Beatriz Resende e Rachel Valença. *Lima Barreto: toda crônica Volume II 1919-1922*. Rio de Janeiro, Agir, 2004, pp. 563-564.

a tese do branqueamento: no espaço de três gerações os brasileiros seriam brancos; gregos até. De outro lado, vale lembrar que nesse ano de 1922, o centenário da independência jogou “os tempos da escravidão” para um “passado remoto”, colocando tudo na conta do Império.³⁵

E assim, num Brasil em inícios do século XX, constituído por uma população de maioria afrodescendentes e recém-saída do sistema escravocrata – num país que foi o último a abolir a escravidão moderna – é raro, muito raro, encontrar um escritor que se dedicasse diretamente à questão racial.

Mas como começamos esse artigo, 1922 foi o ano “que não foi” – ao menos para Lima Barreto. Estamos com o segundo semestre de 1922 andado e Lima de fato ia ficando mais e mais ensimesmado. Depois do centenário frustrou-se de tal maneira que já não saía mais de sua casa em Todos os Santos. Também andava com suas juntas inchadas por causa da bebida e caminhava com dificuldade, arfando também.

Talvez tenha feito opções que não se mostrariam acertadas. Cercara-se de escritores, em boa parte, hoje pouco conhecidos; assim como afastara-se de outros círculos literários. Podia se equivocar em seus juízos também. Mas seu projeto literário era mesmo esse, que ele defendia com afincos. Não renunciava a seu estilo irônico, sarcástico até, e tinha ojeriza quando achava que algo cheirava importação ou patriotismo fácil. A vida cotidiana era seu material criativo; seu ambiente, os subúrbios dos mais pobres; sua República aquela que pretendia incluir, não excluir. O certo é Lima andava flertando com a morte – ela veio a seu encontro em novembro. O escritor teve um infarte e morreu com a revista de *Deux Monde* por cima de seus olhos. Ele que viveu entre tantos e outros mundos e denunciou o tom farsesco das celebrações do centenário da independência. Como escreveria Sérgio Buarque de Holanda: “sobrava lastro mas faltava vela”.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Francisco de Assis. A vida de Lima Barreto. (1952). 7. ed. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Edusp, 1988.

³⁵ Para análise do censo vide, entre outros, <https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2015/02/13/a-cor-e-a-raca-nos-censos-demograficos-nacionais>.

- BARRETO, Lima Barreto. Correspondência ativa e passiva 2º tomo. São Paulo, Brasiliense, 1956.
- BARRETO, Lima. “As estátuas e o centenário”. *Careta*, 4 de março de 1922. In: Corrêa, Felipe Botelho (org.). *Lima Barreto: sátiras e outras subversões*. São Paulo: Penguin e Companhia das Letras, 2016.
- BARRETO, Lima. “O Centenário”. *Careta*, 30 de setembro de 1922. In: Resende, Beatriz e Valença, Rachel. *Lima Barreto: toda crônica Volume II 1919-1922*. Rio de Janeiro, Agir, 2004.
- BARRETO, Lima. “O destino da literatura”. Revista *Souza Cruz*, ano VI, n.58-9, outubro/novembro de 1921. In: Barreto, Lima. *Impressões de leitura*. São Paulo, Brasiliense, 1956.
- CAMPOS, Rui Ribeiro de. “O Anarquismo na geografia de Élisée Reclus” in *Rev. Geo. UEG - Goiânia*, v.1, n.1, p.1-26, jan./jun. 2012.
- CÂNDIDO, Antônio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo, Ática, 1989.
- CARVALHO, José Murilo de. “As Forças Armadas na Primeira República: o poder desestabilizador.” In: Fausto, Boris (dir.) *História geral da civilização brasileira*. São Paulo, Difel, 1982. tomo 3: O Brasil Republicano, 1982.
- DRUMMOND, José Augusto. *O movimento tenentista: intervenção militar e conflito hierárquico* (1922-1935). Rio de Janeiro, Graal, 1986.
- FREIRE, Zélia Nolasco. *Lima Barreto: imagem e linguagem*. São Paulo, Annablume, 2005.
- GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- MASSI, Augusto; MOURA, Murilo Marcondes de. *Diário do Hospício e Cemitério dos Vivos*. São Paulo, Cosac Naify, 2010.
- PEDROSA, Adriano; SCHWARCZ, Lília Moritz. *Histórias mestiças*. Rio de Janeiro, Cobogó, 2015.
- SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: Ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- SANTOS, André Luiz dos. “Caminhos de alguns ficcionistas brasileiros após as Impressões de Leitura de Lima Barreto”. Tese de Doutorado em Literatura Brasileira. Rio de Janeiro, UFRJ, 2007.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. *As barbas do Imperador*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- SCHWARCZ, Lília. *Lima Barreto triste visionário*. São Paulo, Companhia das Letras, 2018.
- SILVA, Hécio Pereira da. *Lima Barreto: Escritor maldito*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, INL-MEC, 1981.
- SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras: Literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- SUSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária: Polêmicas, diários e retratos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.

E HÁ ONDE A SECA NÃO SECA?

Fabio Menegatti

Os primeiros quilômetros de estrada antecipavam o que vinha pela frente. Um nordeste distante das rotas turísticas, do conforto das pousadas, das fotos para as redes sociais. O que se avizinhava naquele começo de tarde, em que a cidade de Natal ficava para trás, era um mundo onde a secura ainda dita a maioria das regras, define modos de vida mesmo no moderno século 21 de tantas conexões digitais. Esturricada, a caatinga abria-se num abraço espinhento, duro.

O plano era preciso, rodar cinco estados do nordeste. Rio Grande do Norte, Paraíba, Ceará, Piauí e Pernambuco seriam percorridos em dez dias. A rota, muito bem traçada com antecedência pela produção de jornalismo em São Paulo, previa percorrer os lugares mais críticos pela estiagem que castigava não só aquele começo de 2017, mas os cinco anos anteriores. O norte da viagem era definido pela lista de reservatórios de água esvaziados ou secos. Infelizmente, a sede do sertão servia de bússola.

Era fato que seria um trabalho marcante, afinal, aquela seca já estava entre as piores do século, com consequências drásticas para a sofrida agricultura familiar, para o fornecimento de água potável às cidades, para a alimentação da população. Não seria nada difícil encontrar pelo caminho pessoas que abrissem seus dramas pessoais com histórias que dessem a exata noção de como é viver assolado pela aridez de água, de recursos, um ponto cego aos olhos da sociedade.

Na bagagem, algo mais estava junto nessa caminhada. E não era por acaso. O livro *Vidas Secas* seria relido durante as noites em algum quarto de hotel por aí. A ideia não era apenas ter uma distração, mas sim buscar um refinamento maior na linguagem, uma inspiração para depois escrever a série de reportagens para o *Jornal da Record*. Mas ao folhear as páginas iniciais do livro, surgiu uma possibilidade além do contato com o vocabulário e a estética usados nos anos 30 por *Graciliano Ramos* ao redigir a obra. Estava ali uma chance única de enriquecer a vivência daqueles dias. Os personagens Fabiano, Sinhá Vitória, os meninos e a cachorra

Baleia seriam ainda espelho desse universo sertanejo contemporâneo? E será que as dores, as angústias dos retirantes da seca da primeira metade do século passado ainda perduram pelo sertão?

Brotava, então, uma necessidade de questionar. Um anseio de tentar compreender mais do que o cenário, os gestos e as falas poderiam trazer. Um movimento de ir adiante, percorrer as entrelinhas dessas conversas fazendo paradas nos espaços povoados muitas vezes pelo silêncio da dúvida, do lamento, da dor.

SERRA DO MEL

É terra de plantação de cajueiro, foi lá que paramos pela primeira vez depois de rodar, a partir de Natal, cerca de 240 quilômetros. Por volta das três da tarde já não havia mais restaurante aberto com almoço para os três recém viajantes do sertão: repórter, repórter cinematográfico e motorista auxiliar técnico. Mas toda cidade, por menor que seja, tem uma rodoviária e por lá muito se resolve. E todo lugar onde há ônibus de passageiro tem também salgado e refrigerante por perto.

O motivo de estar ali era intrigante, a seca que, de tão forte, já durava cinco anos e matava as árvores produtoras de caju, base da economia local. No ano inteiro de 2016, o município de pouco mais de 11 mil habitantes teve só cerca de 200 milímetros de chuva; não deu para quase nada! Para se ter uma ideia, em São Paulo essa quantidade costuma cair apenas em um janeiro bom de água. E olha que seca, nessa região do nordeste, não é novidade, é rotina. Na caatinga, a mensagem que vem do céu é muito certa; sol muito forte, chão duro. Mas, desta vez, a estiagem castigava até vegetação que quase não precisa de umidade para se manter.

Ali, no calorão da rodoviária, entre uma coxinha e outra, tivemos uma noção um pouco mais apurada de onde estávamos. De cotovelos nos balcões, homens de conversa solta no meio da tarde davam uma mostra do que a cidade enfrentava, o desemprego. E isso tinha um motivo, o cajueiro, que tantos frutos já havia dado àquela gente, agora morria devagar com a seca. E todos morriam um pouco também. Trabalhadores braçais ficavam à margem das poucas opções disponíveis na região.

Mas nem sempre foi assim, não. Os mais antigos contam que a bonança, trazida pelas mais de cem mil árvores em diversos plantios, era tanta que permitia às pessoas o cuidado despreocupado com as miudezas do dia a dia. E o que é isso? É arrumar a mesa do café com pão e leite, aprontar o almoço servindo mistura, pensar na janta querendo algo diferente. Dava para subir na vida também.

A poucos quilômetros da cidade, a motosserra urrava sem dó. Não passava despercebida frente a nenhum tronco ou galho mais grosso. Debaixo da lâmina crivada de dentes afiados, cajueiros tombavam pelo chão. Eles já estavam mortos ou praticamente sem vida, não haviam suportado o castigo de tamanha falta d'água. A lavoura, que já estava na casa dos quarenta anos de idade, chegava ao fim, entregando o último suspiro que a própria madeira conseguira guardar. Já estereis para os frutos, o jeito era ceder ao corte e assim terminar o ciclo, servindo de lenha aos fornos de cerâmica da região.

Foi num desses campos que surgiu Francisco. Ele era homem feito quando o aperto mais terrível da vida o fez largar a colheita para cortar pau seco de árvore. E isso doeu demais nele. O olhar de lado, desviando da máquina que traçava a madeira, já não via mais sentido nas coisas. Para não ficar sem sustento, o agricultor de 34 anos era obrigado a terminar de matar as árvores. Cavando buracos no próprio peito, abria clarões na terra inerte; um sacrilégio com a própria história de vida, com a vida do lugar, considerava:

O sofrimento é muito grande, ver a situação que nós estamos hoje. Faz muita pena o cabra construir e hoje mesmo estar desmanchando por causa da seca, né? Nunca precisei de sair pra nenhum canto. Eu, com o estudo muito pouco que eu tenho, pra onde eu vou? Não tem pra onde ir, não. É ficar sofrendo aqui dentro.

Quando Francisco disse o que sentia sobre sua condição, possivelmente não imaginava o quanto aquela percepção de mundo influenciaria seus dias na terra dele. Na estrada com destino a Mossoró, menos de 40 quilômetros de Serra do Mel, ressoava o lamento sincero do homem que via suas forças escorrendo por causa da estiagem brava. Tais palavras, no entanto, brigavam com a paisagem que se formava pelas laterais do carro. A região, segundo dados do BNDES, é uma das maiores pro-

dutoras de petróleo em terra do país. Perfuradores metálicos, que mais parecem martelos gigantes, se espalham pela caatinga. Mas daquele leite escuro que jorra da terra nem todo sertanejo pode beber, pelo menos não o Francisco. Não tinha emprego para ele por lá.

MINHAS VIDAS SECAS

Horas depois, já de noite, no hotel em Mossoró, tive o primeiro encontro com Fabiano. As páginas de *Vidas Secas*, escritas em 1938 por Graciliano Ramos (1995), se abriam mais uma vez em releitura, o clássico da literatura brasileira se tornaria hábito naquela jornada, companheiro nas noites pelo sertão. O livro é parte de um movimento importante de escritores brasileiros que tiveram a seca do nordeste como inspiração para suas obras. Fruto da ousadia do movimento modernista, *Vidas Secas* se distancia dos personagens intocáveis e destemidos que se sagram pelos feitos heroicos. Ao contrário, é terra árida de gente sofrida, de sobreviventes do dia a dia, de brutos e sensíveis. O crítico literário Antônio Cândido (2019) define tal forma de expressão por palavras não menos secas; *cangaço* e *êxodo*. Em “Literatura e Sociedade” ele ainda faz menção às obras que trazem a crítica social não apenas como pano de fundo, mas como elemento capaz de definir toda uma estrutura.

Quando fazemos uma análise deste tipo, podemos dizer que levamos em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de uma certa época ou de uma determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não no ilustrativo. (Candido, 2019).

A temática social em *Vidas Secas* é outra característica que define a obra, uma ponte que permite o movimento entre passado e presente, escancarando uma trajetória de desigualdade, injustiça e miséria. Esperança também.

Como parte do modernismo brasileiro, tempo de narrativas que propõem quebras com modelos importados, a obra é também passo firme na construção da brasilidade, como disse Antônio Cândido (2019):

Este sentimento de triunfo, que assinala o fim da posição de inferioridade no diálogo secular com Portugal e já nem o leva mais em conta, define a originalidade própria do Modernismo na dialética do geral do e particular.

Fabiano, o vaqueiro rude de *Vidas Secas* veio até mim durante a viagem. Num voo imaginário das páginas daquela edição já meio surrada, comprada em livreiro de rua, ele se aproximou rompendo tempo e espaço.

Naquela dimensão puramente reflexiva dava para ver que ele tinha acabado também mais um dia de trabalho duro e, assim como eu, estava cansado. Deve ser por isso que, ao adentrar o quarto, cambaleava sobre as alpercatas de couro surradas de tanto uso. E deve ser por isso, o cansaço, que não se negou a sentar na poltrona perto da cama. Devaneio ou não ele estava ali, em carne.

Fabiano, então, roçou a barba ruiva já com pelos brancos no queixo. Os olhos azuis meio perdidos não encaravam ninguém, estavam desatentos, vergonhosos. Afinal, tinha dificuldade com esse mundo, sempre teve. Preferia bicho à gente, era assim que ele se reconhecia. Meio homem, meio coisa brava, acabrunhado com as palavras, expressivo no silêncio, bruto na essência. Simplesmente Fabiano.

— Anda, condenado do diabo, gritou-lhe o pai.

Não obtendo resultado, fustigou-o com a bainha da faca de ponta. Mas o pequeno esperneou acuado, depois sossegou, deitou-se, fechou os olhos. Fabiano ainda lhe deu algumas pancadas e esperou que ele se levantasse. Como isto não aconteceu, espiou os quatro cantos, zangado, praguejando baixo. (Ramos, 1995, p. 9)

O tranco que o pai dera no filho mais velho, que no capítulo de abertura - *Mudança* - chorava empacado, sem forças durante a viagem em família, acertava também em mim como um tiro de cartucheira. Sem economia de dor, o autor despeja em palavras o quão sofridos eram esses deslocamentos. Errantes, os sertanejos vagavam pela caatinga à procura de um canto qualquer que os provesse com água, uma sombra, quem sabe até uma condição mínima para morar mesmo que sem certeza de futuro. E nessa situação, o futuro, de tão incerto, não costuma ser muito mais do que alguns dias à frente. Tempo distante, às vezes, existe só no passado.

Lembrei então de Francisco, que horas antes, em lamento, assumira a impossibilidade de deixar aquelas terras, atrás de emprego melhor. O agricultor que eu acabara de conhecer também não via jeito de sair daquele chão seco, estava já consumido pelo desânimo. Todavia, nesse caso, não havia pai por perto a lhe ferver a pele. Havia, sim, a sina de sertanejo atado ao sofrimento de quem pouco estudou e dali não viu outra alternativa a não ser continuar, mesmo que a sobressalto. Francisco não se atreveria a fazer o que muitos dali anteriormente já haviam feito, a saída da cidade em busca de um emprego melhor, vagando por aí. São Paulo para ele era longe demais e os riscos de se aventurar na cidade grande poderiam se tornar mais insuportáveis do que a dor de continuar em Serra do Mel. Futuro, para ele, era uma temporada boa de nuvem carregada e que descesse água de lá.

De volta à leitura, puxei prosa com Fabiano. Afoito, confesso, queria respostas para esse sertão que se descortinava sem timidez. Mas ele só me olhou, lentamente fitou o alto. De certo, não era o teto do quarto que ele via. Pelo franzir da testa e o aperto dos olhos parecia encarar um sol forte, talvez o mesmo que tanto açoitava lombo e alma, que secava a todos sem trégua. E eu, eu queria apenas saber mais sobre essas tantas dores.

A seca de 2017, que me levava ao sertão, era continuidade de vários anos de estiagem severa. A queda das precipitações começou a ser percebida de forma mais intensa em meados de 2012 e foi se agravando, ano após ano, com a ação do fenômeno El Niño e, com isso, o aquecimento das águas do Oceano Pacífico. Relatórios do Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, ligado ao Banco Mundial, mostram a gravidade desses seis anos de estiagem e a extensão dos danos. Tal medição começou a ser feita em 1845 e, logo depois, já se registrou a pior seca, a que ocorreu entre os anos de 1877 e 1879, e que atingiu, sobretudo, o Ceará. *A Grande Seca*, como é conhecida, mas pouco comentada, pode ter dizimado entre 400 a 500 mil pessoas. Sobre aquele Brasil imperial, Gildênia Moura de Araújo Almeida (2007), em sua dissertação de mestrado, destaca:

O mês é dezembro de 1877, ano de uma seca que fez vários retirantes saírem de suas casas, do interior cearense, à procura de Fortaleza, com a intenção de procurar a salvação na capital. Seca, que é fato histórico no Ceará,

considerados os três anos seguidos (1877 a 1879), sendo que o pior ano foi 1878 quando várias pessoas foram vitimadas pela fome e pela varíola.

Ainda segundo a pesquisadora, o problema se aprofunda ainda mais, conforme expõe na citação de Ferreira Neto:

Em setembro, começou a proliferar, de forma rápida e incontrolável, a epidemia de varíola. Em outubro o número de mortos por varíola em Fortaleza era de 481. Em novembro a cifra alcançava o número de 9.844 e, em dezembro, o assombroso número de 14.491 vítimas fatais. O dia 10 de dezembro ficou marcado como o das ‘mil mortes’: precisamente 1004 pessoas faleceram. Os cadáveres de mais de duzentas pessoas não chegaram nem mesmo a ser sepultados. (Ferreira Neto, apud Almeida, 2007).

Desta vez, a seca já não matava de fome como já fez em outras ocasiões, mas como sempre esvaziava açudes e reservatórios, secava rios. Assim, o desabastecimento nas cidades era certo e a população mais uma vez ficava submetida às dificuldades proporcionadas pela estiagem. Na agricultura familiar, como no caso dos cajueiros de Serra do Mel, a seca faz uma devassa, abre portas à escassez que entra e fica.

Ali, sentado diante de mim, o vaqueiro sofrido de *Vidas Secas* tinha os traços roídos pelo sertão. Fabiano apenas sobrevivia, penava para repor o básico. E o elementar é comida. E ainda era transparente a dor que o fez, junto à família, devorar o único recurso que tinha à mão, o papagaio que os acompanhava na caminhada:

Ainda na véspera eram seis vivos, contando com o papagaio. Coitado, morrerá na areia do rio, onde haviam descansado, à beira de uma poça: a fome apertara demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida.” (Ramos, 1995, p. 11)

Comer e beber o que tem à disposição é às vezes a única forma de resistir, e nesses casos não dá para escolher muito. No sertão, como descreve Josué de Castro (1961), em *Geografia da Fome, vol.II*, a fome é a maior tragédia e está atrelada ao clima.

Se o sertão do Nordeste não tivesse exposto à fatalidade climática das secas, talvez não figurasse entre as áreas de fome do continente americano. Infelizmente, as secas periódicas, desorganizando por completo a economia primária da região, extinguindo as fontes naturais de vida, crestando as pastagens, dizimando o gado e arrasando as lavouras reduzem o sertão a uma paisagem desértica, com seus habitantes sempre desprovidos de reservas, morrendo à míngua de água e alimentos. Morrendo de fome aguda ou escapando esfomeados aos magotes, para outras zonas, fugindo atemorizados à morte que os dizimaria de vez na terra devastada. (Castro, 1961, p. 219)

PARAÍBA

É por esse sertão que avançamos. É de manhã, é só o começo de mais um dia. E não demora muito a viagem, só trata de se endurecer. A paisagem que encaramos não é tão diferente da que descreveu Josué de Castro, décadas antes, nas obras que o consolidaram mundialmente nos estudos sobre a fome. Por onde se olha, não é difícil encontrar a cara desse fenômeno triste. E a feição da fome é única, a da morte.

As rodovias federais que interligam as cidades sertanejas são o caminho natural de quem se desloca por lá. De pistas simples, mas até bem pavimentadas, permitem que a viagem flua sem grandes problemas desde que sejam percorridas durante o dia. Não foram, nem uma ou duas vezes, os avisos em postos de combustíveis sobre os perigos que elas escondem, principalmente à noite. As BR têm pontos e mais pontos em que os assaltos são frequentes, bandos costumam atacar em curvas mais fechadas, subidas íngremes. Melhor e mais sensato, é viajar durante o dia.

E a claridade traz a exposição. Seja do que é belo ou do que assusta. Mesmo com o acelerar do carro, dava para ver nitidamente as várias carcaças, sobretudo de vacas, à beira da estrada. Mortas, há mais ou menos tempo, algumas ainda tinham um sinistro vigor suficiente para exalar, em cheiro fétido, o quanto a falta de alimento amarra qualquer tentativa de progredir, destruindo a vida. O que se ouve é que eram reses desgarradas, ou por varar cercas à procura do que comer ou por não aguentarem alguma jornada, em rebanho, em direção a alguma pastagem melhor em outro lugar e, de fraqueza, acabaram tombando e ali ficaram.

Era assim o mundo de Fabiano, Sinhá Vitória e os meninos. Nas andanças pelo sertão, tendo a morte sempre ao lado, o medo de virar carcaça em algum canto deveria ser quase impossível evitar, como escreveu Graciliano (1995):

A caatinga estendia-se, de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram ossadas. O voo negro dos urubus fazia círculos altos em redor de bichos moribundos.

As ossadas de *Vidas Secas*, as ossadas do sertão contemporâneo. A vida que se foi, a vida que se tem. A imagem do sertão literário permeia a realidade não só dando espaço ao lúdico, com mais bagagem ao imaginário, mas facilitando a compreensão sobre o real. O livro escrito nos anos 30 persiste no século 21 como se fosse um diário de bordo atual. Percorrendo o sertão, enquanto repórter de televisão com tantas imagens por fazer e histórias a contar, tem-se a sensação de que o texto do escritor alagoano está presente na aridez moderna com a mesma força da qual foi relatada. E isso não cessa.

Pela lateral do carro, um mundo de vegetação rala, de terra aparente, de espinhos à vista, de muito calor. Nesse meio, o barro das paredes das casas muito simples não chamaria tanto a atenção por serem frequentes na paisagem. Mas nesse caso havia algo diferente. Era uma vila, mas nessa vila não havia gente.

Não eram muitas as casas abandonadas, nada mais do que dez. Nem as cisternas, reservatórios de concreto, construídos perto das casas para armazenar água de chuva, foram suficientes para manter as famílias por lá. Mas o que ficara para trás, mesmo com portas e janelas fechadas, era capaz de contar um pouco da história do lugar. De uma das poucas moradoras do local, dona Sebastiana, aposentada, de 74 anos, é que vieram as notícias dali. Com frases enxutas, ela resumiu o que as imagens já explicavam; a seca é doída demais, a falta de perspectivas e a dureza faziam com que fosse melhor deixar casas para trás a viver na penúria. Ela e a filha, porém, resistiam. E isso tinha um preço, enquanto a chuva não vinha, enquanto as torneiras estivessem cheias apenas de ar, tinham que comprar água para tocar a vida. Da renda de menos de um salário-mínimo, saía o dinheiro para encher reservatórios para beber, tomar banho e cozinhar. Acreditavam, no entanto, que a chuva, uma hora dessas, de tantas promessas, abençoaria novamente aquelas terras.

Estrada à frente, José passou por nós. Vinha ele tocando a carroça puxada pelo jumento. Aos trotes e sem demonstração de muito esforço, o bicho carregava dois grandes galões de água pelo acostamento esburacado, tinha ali uns 90 litros e isso dava para poucos dias. De simpatia estampada, o agricultor não se negou a atrasar a marcha para dar alguns dedos de prosa sob o sol que estalava durante a manhã:

Água para o gasto tem que buscar assim na carroça mesmo, não tem outro meio.

José morava bem, fazia parte de um assentamento rural no interior do Rio Grande do Norte. A casa dele, com a família, era de tijolo, tinha até reboco, o que a fazia diferente das outras que se avistavam pela rodovia. Mas não era só isso, havia ali uma exceção à palidez da vegetação da região. José também tinha horta no quintal, tudo verdinho e viçoso. A água, que ele conseguia na redondeza, servia para regar a pequena plantação. Tinha ainda outra coisa que viera tímida durante a madrugada, um chuveiro. Sem ter quase força para apagar a poeira, o sereno, como se chama chuva fraca no sertão, tinha água para, ao menos, regar um pouco as esperanças de José:

A maior dificuldade é não ter água pra gente plantar, pra um bicho beber.

A dor de ver um animal sofrer com a sede, padecer por falta de comida é constante. E não é por que bicho não fala a linguagem de gente que o sertanejo não o entenda. Ao contrário, a aparente falta de comunicação o faz, às vezes, berrar em nome de suas criações. Mesmo quando há a culpa em fazer de um companheiro de estimação a única comida existente, como Fabiano foi obrigado com a família a comer o papagaio, o sentimento de afeto perdura, como está em *Vidas Secas*:

Resolvera de supetão aproveitá-lo como alimento e justificara-se declarando a si mesma que ele era mudo e inútil. Não podia deixar de ser mudo. Ordinariamente a família falava pouco. E depois daquele desastre viviam todos calados, raramente soltavam palavras curtas. (Ramos, 1995, p. 11)

CARAÚBAS

Estrada à frente, ainda na Paraíba, foi que chegamos a Caraúbas. E lá encontramos Paulo Melquíades, era um sábado de tarde e não havia tanto sol, algumas nuvens até pouco carregadas pairavam no sertão. Mas nada que fizesse mudar o ânimo das pessoas dali nem no fim de semana. O sapateiro, que anos antes havia deixado a roça pela cidade, estava sentado em frente à casa dele. O olhar, do homem de meia idade, vagava pelo barranco de terra que ficava a poucos metros de onde morava. O que via, quase sem acreditar, era um grande vazio de terra seca, já com brotos esparsos de vegetação dentro. Na verdade, pragas que se espalham em todo tipo de terra. O açude, construído para evitar justamente a pior das situações, a falta absoluta de água, não tinha sequer uma gota de herança do já havia sido anos antes. A fartura, prometida com a construção, fazia parte das memórias da região.

E de lembranças, Paulo estava cheio. Principalmente daquelas que insistiram como verdades, garantindo ser a cidade melhor do que o campo. Eram histórias de amigos que já haviam feito tal mudança, a necessidade de fugir da miséria, os sonhos de quem precisa seguir o próprio caminho. Ele também se cansou de ver bichos morrerem de fome e sede, não suportou mais as perdas sucessivas das plantações que garantiam a alimentação da sua gente. Dificuldades que o levaram a sair das terras da família, acreditando que a profissão de sapateiro traria condições para uma vida melhor. Mas a estiagem, por ali, parece não escolher lugar para chegar e ficar. Quando tudo seca, todos sofrem, não há quem se livre de tamanho castigo. Ele, que esperava ter água na torneira com regularidade, logo percebeu que da seca não se escapa com tanta facilidade. Água em casa, só a cada 15 dias:

Muitas famílias tiravam o sustento daqui. Tirava o peixe, a própria água que servia à população. Nós somos sofridos, né meu irmão.

Na quietude da noite, já longe do açude seco que arrancava lamentos de Paulo, eu via Fabiano, novamente. Desarrastado das próprias cargas, largado sobre a poltrona, Fabiano olhava como se tudo aquilo fosse espanto, só mesmo para um forasteiro como eu. Fome, sede, dor, falta, ausência, perda, espera e persistência são ingredientes básicos na

receita de quem parece teimar em sobreviver sob tamanha agrura. A feição do cabra, capaz de curar bicheira de animal com reza sobre rastro deixado no chão, tem de ser respeitada. Desprendido das páginas, Fabiano balbuciava, grunhia numa tentativa de se fazer compreendido. Ele demonstrava naturalidade com as andanças necessárias da vida. Afinal, não eram poucas as que tinha feito ao longo da jornada e isso o endurecera, passo a passo. A chegada com a família à fazenda abandonada seria apenas mais uma das tantas incertezas que o faziam meio homem, meio bicho:

A sina dele era correr mundo, andar para cima e para baixo, à toa, como judeu errante. Um vagabundo empurrado pela seca. Achava-se ali de passagem, era hóspede. Sim senhor, era hóspede. Sim senhor, hóspede que demorava demais, tomava amizade à casa, ao curral, ao chiqueiro das cabras, ao juazeiro que os tinha abrigado uma noite.

O que mais transparecia nele era mesmo um conformismo. Não aquele que pode ser associado a um tipo de comodismo até negligente, mas o que pode ser próximo, talvez, de um nível de resiliência necessária à sobrevivência. Fabiano, assim como tantos outros nordestinos, era homem sem parada. As condições impróprias da terra, a incerteza do amanhã e a extrema pobreza daquela vida seca o impediam de ter seu próprio chão.

Já a Paulo, restava esperar que nuvens carregadas mudassem a realidade da região, mesmo que por um curto período, mas que deixassem as terras boas para plantação e colheita. E que o sol parasse de se impor com tamanho peso sobre todos dali, mas se assim não fosse também, já que o sertão é filho da estiagem, que ao menos desse para esperar chuva no tempo certo. E não assim, cinco anos sem o que escorrer pelo telhado, nada muito mais do que um sereno.

Ao olhar Fabiano, eu via Paulo, que estava pensativo quando saímos dali. Mas a rota dos reservatórios secos, acabados pela falta d'água, nos fazia prosseguir nordeste adentro. Foi aí que chegamos à cidade em que só tinha água para quem entrasse na fila.

SÃO JOSÉ DE PIRANHAS

A simpática São José de Piranhas nos recebeu perto da hora do almoço, num domingo. A cidade que fica no extremo oeste da Paraíba, a 470 quilômetros de João Pessoa, era profundamente castigada pela estiagem daqueles anos todos. Com o nível do reservatório em apenas 5% do total, a água que restava fazia do local não mais que uma poça sem condições de abastecer os cerca de 20 mil habitantes. E isso tinha consequências sérias.

Na cidade, a única alternativa era buscar água aonde quer que fosse possível. E os reservatórios espalhados pelas ruas eram a garantia de que de sede ninguém iria padecer. Mas, para ter acesso a uma porção dos 5 mil litros de uma caixa daquelas, era preciso acordar cedo, às vezes, de madrugada. Adultos, crianças, idosos; havendo braços em casa, o trabalho se fazia necessário.

Dona Maria Miguel, de 74 anos, vivia com o marido numa casa pequena, daquelas em que a janela de madeira encosta na calçada. Na sala com chão de cimento queimado e sem forro, ao lado do marido, que nos recebeu numa rede, o assento principal do cômodo, dona Maria conta como via aqueles anos sem chuva:

Graças à Deus nunca passei um dia de fome, mas uma seca como essa? Só de não ter água pra que sofrimento maior?

Segurando um carrinho de mão, o marido ia a passos lentos trazer para o casal o que das torneiras não vinha há tempos. A cada viagem levava uns sessenta litros de água para usar no que fosse preciso dentro de casa. Dona Maria, filha do sertão, não conseguia acreditar que aquilo era vida para idoso que já tem nas costas as muitas dores de décadas de serviço pesado:

Eu nunca pensei em alcançar uma era dessa, não.

UM POUCO DESSA ERA

Quando dona Maria nasceu, em 1943, o mundo vivia a Segunda Grande Guerra. O Brasil, governado por Getúlio Vargas, na fase ditatorial do Estado Novo, acabara de instituir políticas sociais importantes

como o salário-mínimo por meio da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), que traria garantias até hoje existentes. Mas, no nordeste agrário, em que ela cresceu, cronologicamente próximo ao de *Vidas Secas*, as leis ‘da cidade’ encontravam maior dificuldade de difusão. Em *História do Direito, A questão Agrária na Era Vargas*, Gilberto Bercovici (2021) mostra que, no mínimo, o texto apresenta certa distância entre o ideal e o real:

A Consolidação das Leis do Trabalho (Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943), em princípio, excluía os trabalhadores rurais da sua aplicação (artigo 7º). No entanto, o seu artigo 13 determina a obrigatoriedade da carteira de trabalho para todos os tipos de emprego, inclusive os de natureza rural.

O sertão dos anos 30, que marca *Vidas Secas*, o da década seguinte, na infância de dona Maria, eram terras de oligarquias tradicionais, de coronéis. A esses donos da terra, havia o bônus dos comandos locais. Schawrcz e Starling (2015) analisam esse período, em certo ponto, tendo como referência um instrumento de direito de parte da população do período, o voto:

O voto era entendido como moeda de troca, as relações de poder se desenvolviam a partir do município, e na ponta desse relacionamento está o fenômeno do coronelismo. Coronel era o posto mais alto da hierarquia da Guarda Nacional, a instituição do Império que ligou proprietários rurais ao governo. Com a República, a Guarda perdeu sua natureza militar, mas os coronéis conservaram o poder político nos municípios onde viviam. Daí em diante, o coronelismo passou a significar um complexo sistema de negociação entre chefes locais e os governadores dos estados, e destes com o Presidente da República. O coronel seria um dos elementos formadores da estrutura oligárquica tradicional baseada em poderes personalizados e nucleados, geralmente nas grandes fazendas e latifúndios brasileiros.

No quarto, durante a noite, Fabiano se demonstrava constrangido ao falar sobre esse tipo de assunto, sobre seus tantos coronéis. Sejam eles de alto ou baixo escalão. É fato que na memória do vaqueiro ainda paira o desmando sofrido quando apanhou e foi preso. E tudo por causa da jogatina na cidade, do azar, do nervosismo frente a quem ‘manda’,

nesse caso, o soldado amarelo. A falta de coragem em recusar um simples convite é evidente marca da submissão à qual vivia não só o vaqueiro, mas muita gente desse sertão, como mostra o capítulo *Cadeia*:

— Como é camarada? Vamos jogar um trinta e um lá dentro?

Fabiano atentou na farda com respeito e gaguejou, procurando as palavras de seu Tomás da bolandeira:

— Isto é. Vamos e não vamos. Quer dizer. Enfim, portanto, etc. É conforme.

Levantou-se e caminhou atrás do amarelo, que era autoridade e mandava. Fabiano sempre havia obedecido. Tinha muque e substância, mas pensava pouco, desejava pouco e obedecia. (Ramos, 1995, p.27)

No jogo a que foi chamado, bastou uma recusa do vaqueiro ao mando do soldado e a desfeita tomou proporções impensadas. Já preso, depois de ter sido humilhado, o vaqueiro esbraveja, reflete:

Sabia perfeitamente que era assim, acostumara-se a todas as violências, a todas as injustiças. E aos conhecidos que dormiam no tronco e aguentavam cipó de boi oferecia consolações:

— Tenha paciência. Apanhar do governo não é desfeita.

Mas agora rangia os dentes, soprava. Merecia castigo?

— An!

E, por mais que forcejasse, não se convencia de que o soldado amarelo fosse governo. Governo, coisa distante e perfeita, não podia errar. (Ramos, 1995)

Não podia, realmente, não dessa maneira hostil e dolosa. Mas nesse sertão dos anos trinta, autoridades locais tinham dose extra de força, além do permitido pela lei. Quando Fabiano vê o governo como ente perfeito e distante, idealiza uma força de poder que só seria capaz de produzir atos justos, diferente do que sofria na pele por um motivo fútil. O soldado amarelo, evidentemente, não era alguém de alta patente, tampouco um latifundiário investido de poder regional. Mas ali, na pequenez diária, era um representante do Estado, instituído na forma de polícia, uma representação clara da opressão vivida sobretudo por aqueles de pouco estudo, de escassa capacidade de argumentação. Não

é de se estranhar que, no momento de angústia, o sertanejo pensa sobre a própria fragilidade e consegue enxergar-se perante a situação de injustiça. Fabiano, aqui, demonstra ser resiliente, porém não alienado na realidade que o cerca:

Vivia trabalhando como um escravo. Desentupia o bebedouro, consertava as cercas, curava os animais, aproveitava um casco de fazenda sem valor. Tudo em ordem, podiam ver. Tinha culpa de ser bruto? Quem tinha culpa?

Se não fosse aquilo... Nem sabia. O fio da ideia cresceu, engrossou e partiu-se. Difícil pensar. Vivia tão agarrado aos bichos. Nunca vira uma escola. Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares. O demônio daquela história entrava-lhe na cabeça e saía. Era para um cristão endoidecer. Se lhe tivessem dado ensino, encontraria meio de entendê-la. Impossível, só sabia lidar com os bichos. (Ramos, 1995, p.36)

É nítido como Fabiano coloca sua incapacidade de reagir com coerência e convencimento, perante a injustiça, devido à ausência de qualquer educação formal. Analfabeto, com pouca argumentação, um bruto, meio bicho; ele sabe que entra em desvantagem no mundo das ideias, das palavras, para expressar opiniões, para ter posturas. Ele sabe que não há o que fazer, a não ser suportar. É nesse Brasil de pouco estudo que *Vidas Secas* se constrói, um país em que, segundo o censo demográfico de 1920, tinha cerca de 70% da população composta por analfabetos, gente que segundo a ótica de Paulo Freire (1998), em *Pedagogia da Autonomia*, poderia estar apta à transformação capaz de surgir do aprendizado lúcido, criativo e questionador:

Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de apreender. Por isso, somos os únicos em quem aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito. (Freire, 1998, p. 77)

Fabiano jamais teve essa oportunidade, vivia de trabalho duro, quando o tinha. De um Brasil eminentemente rural, em que o Censo de 1920 mostra ter 69,7% da população na agricultura, Schawrcz e Starling (2015, p. 322) concluem:

Visto desse ângulo, e como diziam os jornais satíricos de época, o país não passava de uma grande fazenda.

OS MENINOS DA ÁGUA

No Ceará, fomos a Salitre, próximo da divisa com o Piauí. A cidade, conhecida como terra da mandioca, já quase não tinha matéria prima para a produção de farinha. Por falta d'água, a produção se perdia ou vinha fraca demais, sem força suficiente para a transformação necessária.

A seca em Salitre era uma extensão da realidade que vivíamos naqueles dias. Era comum, nos registros e na lembrança dos moradores, um nível de chuva perto dos 1.000 milímetros anuais. Mas, nos últimos cinco anos, as precipitações não passavam de meros 200 mm. E com água de menos, a mandioca, mesmo acostumada com sol de rachar, não vingava. Com isso, as farinheiras, tradicionais casas de produção de um dos principais alimentos consumidos no nordeste, dispensavam seus funcionários aos poucos e, por último, desistiam de atuar e fechavam as portas. Naquele começo de 2017, das mais de 100 farinheiras que já haviam sido registradas, só vinte ainda resistiam às dificuldades, persistiam em meio à seca que não perdoava nada, nem ninguém. Aos desempregados da farinha, restava o trabalho na roça. No sertão, quem não mora na zona rural, mas depende, mesmo assim, desse tipo de serviço, passa apertado, pois a sazonalidade das culturas não permite emprego o tempo todo. E, para complicar, a estiagem faz com que tudo piore, que as possibilidades fiquem ainda mais restritas.

Foi à procura das farinheiras, ao acaso, que vimos Carlos André numa rua. Conduzia a carroça de um jeito que era impossível não o seguirmos. Afinal, sobre ela, havia um galão bem grande e um balde menor. Indício claro de que ele fazia transporte de água pela cidade. E era mesmo, aos 15 anos, Carlos era um menino da água. Logo que ele parou a carroça ao lado de uma caixa d'água para encher seus galões, conversamos. Assim como em outras cidades, caixas eram espalhadas em diversos pontos para que a população tivesse acesso de várias formas. Mas nem todos tinham como buscar. É aí que Carlos encontrou seu trabalho.

Magro, voz de adolescente, calça curta, boné e chinelo no pé. Carlos era parecido com outros tantos da sua geração, mas não necessariamente com aqueles que fazem parte de um grupo mais privilegiado, dentro das condições de um brasileiro mediano que estuda, quer ser reconhecido na internet, tem suas despesas pagas pelos pais e por aí vai.

Carlos André parou de estudar no sexto ano do ensino fundamental. A necessidade o fez trocar banco de escola pública por solavanco de carroça, principalmente em tempos de tanta seca que é onde ele pode ganhar mais dinheiro. Para cada 100 litros de água transportada a qualquer lugar de Salitre, o preço cobrado não passava de 6 reais. Mas a matemática básica de Carlos conta com uma variável que só mesmo quem a vive na pele pode mensurar, a pobreza. E nas contas dele, e até da família, mesmo a contragosto, a soma final dos 6 reais supriria, pelo menos a curto prazo, mais do que a educação anos à frente. Mas as implicações para o futuro são nítidas sobre o que fazer, que rumo tomar. O adolescente, em poucas palavras, resumia o que conseguia pensar sobre esse tempo tão impreciso:

Quero seguir o meu trabalho, não tem outro jeito.

— Que tipo de trabalho?

— Pra roça.

Ele não era o único. Em Salitre, meninos ainda mais novos tomavam o mesmo caminho. Achamos mais em outras caixas d'água, fazendo basicamente o mesmo. Porém, nesse grupo que ajudava a matar a sede da população, nem todos deixavam de estudar para tocar o jumento pelas ruas pedregosas. Na verdade, conciliavam o trabalho com a escola e com as brincadeiras da infância, como as peladas de rua. No entanto, o que faziam de maneira tão simples e fundamental para aquela cidade pequena e seca deixava, por vezes, a carroça com cara de brinquedo grande, tamanha a leveza com a qual encaravam a lida. Mas o tal brinquedão, infelizmente, tem seu peso, seus riscos, o maior deles seja talvez, o de destruir como no caso de Carlos André, a vez da escola como atividade fundamental de uma criança, de um adolescente e, a partir daí, mais uma geração de pouco estudo a enfrentar problemas na vida adulta por falta de oportunidades, devido à pouca educação formal.

A INSEGURANÇA ALIMENTAR, A FOME

Rodando pela BR 116, no Sul do Ceará, um detalhe nos chamou a atenção. Uma casa de barro socado entre paus, isolada no meio do nada e à beira da estrada, era motivo certo para mais uma parada.

E funcionava assim mesmo, o roteiro das reportagens pedia que as oportunidades por nós identificadas determinassem o momento e o local dessas paradas, o inusitado e a surpresa eram meios de identificar quais, eventualmente, seriam os entrevistados. Sim, contamos com a sorte que, na vida de repórter, chamamos também de faro, intuição e (por que não?) experiência.

Seo Jovino era homem de idade avançada, quando o conhecemos. Tinha setenta e sete anos. Parte dos dez filhos ainda morava na mesma propriedade com ele, um pequeno sítio na região do Cariri. Família toda em casa num dia de semana qualquer e o motivo de estarem ali era único, não havia trabalho no campo que pudesse mais ser feito, devido à estiagem. No mapa da seca, o Ceará estava em condição grave, extrema. Com isso, não tinha água para nenhum tipo de plantação, nem em terreno mais baixo, como era o caso da faixa de terra perto do acostamento da estrada. Na área que era comum de poças, não se fazia jeito de cultivar absolutamente nada. Das três cisternas que havia perto das duas casas existentes na propriedade, apenas uma tinha água; e era preciso pagar para encher. Quanto as outras duas, não sobrava dinheiro para abastecê-las. Cícero Pereira, um dos filhos mais velhos, e também agricultor, deixou claro como é que todos viviam por ali:

Fica só no aposento do pai e da mãe.

A aposentadoria rural de um salário-mínimo do casal de idosos é que garantia o sustento deles. Mas entre adultos, adolescentes e crianças, eram doze pessoas, e o dinheiro não chegava a todos. O resultado mais doloroso era a falta de comida.

Foi quando uma das filhas de Seo Josino, Maria das Dores, nos convidou para entrar, é que a dor da família se fez ainda mais verdadeira. Sobre apoios no chão de terra, a geladeira que ficava logo na entrada, na sala mesmo, estava vazia. Era uma garrafa plástica com água e uma bandeja de isopor pequena com alguns vegetais. Era somente isso. Maria,

que cursou ensino médio e tinha mais estudo que os irmãos, explicou o que vivia. Não havia constrangimento na voz dela, mas um estado de aceitação de um processo contínuo:

É, não tem nada. Só isso mesmo.

Sobre a fome, Castro (1961), assim analisou:

Numas regiões, os erros e defeitos são mais graves e vive-se num estado de fome crônica; noutras, são mais discretos e tem-se a subnutrição. Procurando investigar as causas fundamentais dessa alimentação em regra tão defeituosa e quem tem pesado tão duramente na evolução econômico-social do povo, chega-se à conclusão de que elas são mais produto de fatores socioculturais do que fatores de natureza geográfica.

Ao fator sociocultural, citado pelo autor, espécie de herança determinista que se perpetua devido às condições do local, do contexto em que as populações estão inseridas, destaca-se a pobreza crônica. O Nordeste, segundo dados do IBGE sobre a pobreza por regiões, citados pelo Fundo Estadual de Combate à Pobreza, do Ceará, concentra 47% da pobreza brasileira. Na outra ponta está o Centro-Oeste, com 5%. No meio, o Norte com 14%, o Sudeste com 27% e o Sul, 7%.

Na vida dos Pereira, essa carência é vista em quase todas as partes. Mas foi na cozinha que a situação se fez ainda pior. Não havia praticamente nada a ser preparado no fogão à lenha. No pote de plástico embaixo da mesa, local dos mantimentos, a escassez era evidente, apenas um quilo de arroz para 12 bocas. Sobre como fazer para comer, Maria usou uma lógica simples mas repleta de verdade:

— Fica difícil?

— Não fica, não. Divide. É assim, quando faz o almoço, cada um come um pouco. Não tem como comer muito, cada um come um pouco.

Maria das Dores também não se lembrava quando havia sido a última refeição acompanhada de carne bovina. Nem Natal, nem Ano-Novo adiantaram para isso.

A família, assim como a de Fabiano, vivia sob a ameaça constante de não ter o que comer. Os Pereira podem não ter ouvido algo mais

detalhado sobre **insegurança alimentar**. Mas não seriam necessárias muitas palavras para fazê-los entender que essas histórias pessoais se encaixam, infelizmente, no conceito que a define. A professora do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Universidade Federal de Minas Gerais, Elaine Machado, assim define:

Já na insegurança moderada começa a faltar refeições no dia para os adultos, que começam a pensar em estratégias de substituição até chegar na insegurança alimentar grave. Nesse nível, há restrição alimentar importante, com a família podendo ficar sem uma das refeições, o que afeta todos os membros, tanto adultos quanto crianças.

Dados da **Rede Brasileira em Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional**, a Rede PENSSAN, mostram que, durante a pandemia do coronavírus, muitos brasileiros agravaram a condição alimentar que já era deficitária. O levantamento, realizado em Dezembro de 2020, mostra como é frágil a estrutura social da população mais carente no país.

De um total de 211,7 milhões de brasileiros, 116,8 milhões conviviam com algum grau de insegurança alimentar e, destes, 43,4 milhões não tinham alimentos em quantidade suficiente e 19 milhões de brasileiros enfrentavam a fome.

O levantamento vai além, ao revelar que a **segurança alimentar**, ou seja, a estabilidade, quanto à disponibilidade de comida, é mais difícil de se encontrar na região Nordeste. Menos de 30% dos domicílios pesquisados declararam não ter problemas com a alimentação. Por outro lado, a **insegurança alimentar grave** esteve presente em 13,8% das casas nordestinas. Quando comparado às regiões Sul e Sudeste, isto representa praticamente duas vezes mais. A insegurança alimentar toma uma proporção ainda maior quando se avança pelo campo:

Observou-se que a insegurança alimentar grave no domicílio dobra nas áreas rurais do país, especialmente quando não há disponibilidade adequada de água para produção de alimentos e aos animais.

Ver bicho sentir sede, passar fome e pouco poder fazer é um calvário para o sertanejo. Nas *Vidas Secas* de Fabiano, o sofrimento, por ter comido o papagaio de estimação, o perseguiu, o emudeceu ainda mais.

O sacrifício de Baleia, a cachorra que adoeceu com raiva, foi além de um tiro certo. Foi como eliminar um dos seus:

Sinhá Vitória fechou-se na camarinha, rebocando os meninos assustados, que advinhavam desgraça e não se cansavam de repetir a mesma pergunta:

— Vão bulir com baleia?

Ela era uma pessoa da família: brincavam juntos os três, para bem dizer não se diferenciavam. (Ramos, 1995, p. 85)

Na ficção da década de 30 ou na vida real do século 21, a dor parece não reconhecer distância entre o Brasil agrário e o conectado. Seo Josino emudeceu-se antes de revelar o quanto se sentia mal ao constatar o que suas rezes padeceram devido à seca rigorosa:

— Morreu muita criação de sede e de fome, já morreu.

Em Pernambuco, último estado da nossa viagem, a seca mostrou uma face ainda mais pesada. Em 2017, a Agência Nacional de Águas classificou a parte centro-oeste do estado como área de seca excepcional, ou seja, de emergência. Na região de Ouricuri, no Oeste, em que rios menores tiveram o leito esvaziado pela estiagem, encontramos o sítio em que dona Beatriz Macedo sempre morou com a família. Ali, pouco sobrou.

A propriedade era toda recortada por um emaranhado de troncos irregulares, arrancados da caatinga, divisões rústicas que um dia já separaram tipos diferentes de animais criados por ali. Mas, com a seca, nada mais havia dentro dos cercados, só mesmo terra, pedra, caatinga morta. Em tempos atuais, apenas algumas cabras arriscavam decifrar o que poderia servir de comida naquela vegetação inerte. Descrente da agricultura, Dona Beatriz também viu gado morrer de fome e de sede e, naquela altura, já não sabia se, com tamanha secura, algo poderia brotar, mesmo com alguma chuva. Era nítido que a permanência ali só se justificava pela falta de opção de mudança para outro lugar. E o problema com água não era só para manter os bichos e a plantação de culturas básicas como o feijão e a mandioca. O consumo da família estava comprometido, sem nenhuma qualidade e com riscos à saúde. O que se bebia vinha de um reservatório aberto, e havia água barrenta lá dentro. Mesmo depois de filtrada, ela ainda se mantinha turva, mas era o que tinha para beber e

cozinhar. Dona Beatriz vivia outro tipo de insegurança, **a hídrica**, que é medida pelo fornecimento irregular ou até mesmo pela falta de água potável. Segundo a PENSSAN, em 2020, o drama da agricultora virou realidade para 40,2% dos domicílios do nordeste.

São tantas as faltas que marcam o sertanejo, a começar pelo processo histórico, calcado na monocultura da cana que, de acordo com Josué de Castro (1961), excluiu outras espécies em larga escala:

Descobrimo cedo que as terras do nordeste se prestavam maravilhosamente ao cultivo da cana-de-açúcar, os colonizadores sacrificaram todas as outras possibilidades ao plantio exclusivo da cana.

Filho dessa geração, desse nordeste farto em dureza, Fabiano se inquietava no quarto de mais um dos tantos hotéis em que passamos naqueles dias. Estava impaciente, parecia querer se despedir do salto imaginário e desprezioso que o fizera naquelas noites pelo sertão uma companhia. Era mesmo Fabiano, homem e bicho, gente e coisa.

Mas era tempo de andar novamente, vagar pelas terras que o recebiam entre espinhos. A seca dava os sinais de que vinha em forma de desgraça, ficar naquele chão que, por ora, abrigava a família, era esperar a morte devagar. Tinha que partir:

E andavam para o sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. Eles dois velhinhos, acabando-se como Baleia. (Ramos, 1995, p. 126)

E ONDE A SECA NÃO SECA?

Foi no interior de Pernambuco, do agricultor Regineudo Lopes, que veio a resposta. Bastou o primeiro chuvisco da madrugada para dar a ele uma certeza, era tempo de semear. Pela manhã, encheu a plantadeira manual com grãos de feijão e lá se foi pelo chão umedecido há poucas horas. A seca, mesmo ardida, às vezes não seca o coração;

É difícil, mas a gente tem que ter esperança. Se não tivesse esperança, a gente não estaria sobrevivendo no sertão.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Gildênia Moura de Araújo. A Fome, um Romance do Naturalismo?. Dissertação (mestrado em Literatura) - Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza (CE), p. 40. 2007.
- BERCOVICI, Gilberto. História do Direito: A Questão Agrária na Era Vargas. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/78725-312926-1-PB.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2021.
- CANDIDO, Antônio. Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária. 13. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2019.
- CASTRO, Josué. Geografia da Fome: O Dilema Brasileiro, pão ou aço. Volume II. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- RAMOS, Graciliano. Vidas Secas. 70. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- SCHWARCZ, Lília Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. Brasil: Uma Biografia. São Paulo, Companhia das Letras, 2015.

À ESQUERDA E À DIREITA DOS DESORIENTADOS:¹ ALEGORIA SOBRE MANIPULADORES E MANIPULADOS

Thiago Anastacio

UMA NOTA PRELIMINAR

Ao ser convidado para integrar essa coletânea de artigos, o primeiro sentimento que me atingiu o espírito foi de desmerecimento, mas não o convite, mas que ele houvesse sido dirigido a mim. Entre tantos profissionais de primeira grandeza e intelectuais que a cada dia ganham espaço no espírito da cidadania brasileira, pensei cá, com os meus botões: quem sou eu para demonstrar alguma erudição entre tantos eruditos que admiro e respeito; e como passar informações, entre tantos mestres, jovens e outros mais experientes, da comunicação?

Tomado por um sentimento de humildade que, devo confessar, não me ser comum, ousei, num primeiro momento, a escrita limpa e informativa, sendo como que um copista dos mestres do saber que estão nas outras páginas deste livro. A coisa até que caminhava bem, já houvera passado pela descrição - pois decidira previamente tê-lo como marco temporal para o início do meu trabalho - do período de Pedro II e sua personalidade, para adentrar passo a passo nos rumos do nosso país, com o advento do final da escravidão, com o abarrotamento dos ideários republicanos, com a primeira República e sua proclamação, com a República do Café com Leite; analisando os períodos pelos cristais da dicotomia fundamental da política do séc. XX (as afamadas esquerda e direita, os progressistas e os conservadores) até que... encontrei-me com Getúlio Vargas.

Foram dias de conversas, de pesquisas, de ensaios de escrita, até perceber que, tendo Getúlio como grande exemplo das minhas dificuldades e limitações narrativas, eu seria incapaz de colocá-lo numa caixinha adjetivadora.

¹ Adaptado à cena dramática (os organizadores).

E que disso decorreria o mais grave: a análise óbvia, ao menos para mim, que todos os demais líderes do nosso país tiveram átimos de Getúlio ou, quando não átimos, pedaços do antigo líder rio-grandense como elementos básicos de suas condutas públicas - do combate ao comunismo ao progresso industrial em nosso país; da exploração de nossas riquezas naturais, por companhias propriedades do povo brasileiro, ao flerte com regimes abomináveis; das campanhas publicitárias, que o abateram pelas páginas dos jornais e do rádio, até sua carta-testamento, que até hoje, se for lida, traz-nos elementos que nos fazem pensar que foi escrita há dois ou três anos; da perseguição judicial que familiares seus sofreram, para abalá-los em sua honra, por responsabilidade exclusiva de um dos seus homens de confiança etc.

Meu caro leitor: creio que você, ao terminar o último parágrafo, já identificou uma série de similaridades das circunstâncias de Getúlio, seja o Getúlio ditador, seja o Getúlio democrático, com situações recentíssimas do nosso amado país.

Pois, então. Agora, imagine Getúlio presidindo uma sessão metafísica, em que, com sua firmeza e caráter, dirija os maiores vultos de nossa história, com o fim de debater o que aconteceu no Brasil nos últimos dois séculos, e a posição de cada um desses líderes, as suas mentalidades, os seus comportamentos e as linhas ideológicas reais e, também, as proclamadas. Seria interessante, não?

Tomei a liberdade de imaginar a referida sessão, até porque – e devo confessar meu estratagema – meu ofício de advogado de defesa nos Tribunais faz-me tendencioso, ou melhor, deixa-me mais à vontade para revelar argumentos e debates, do que, propriamente, conhecimentos puros dos eruditos.

Peço a você, leitor, mil perdões pelo uso desse estratagema e, aos caros amigos e colegas de empreitada, por destoar da linguagem e não por sentir-me mais apto à criatividade. Com o estratagema, apenas revele minhas deficiências.

Por fim, confesso: como cidadão brasileiro, pai, marido e advogado; talvez essa sessão seja o que nos falte para, enfim, enxugarmos as lágrimas da estupidez que nos assolam até hoje. Ou talvez, ela, a sessão, esteja ocorrendo, embora não possamos acessá-la, por sermos apenas integrantes do povo e, sobremaneira, mortais.

A sessão

(Cada alteração de Fonte, de Tamanho e de Alinhamento marca mudança de cena; as caixas de texto anotam a fala do narrador)

Com a palavra, o presidente Getúlio Vargas. Os demais vultos, sem percalços de lugar ou objeções materiais, estão convidados a se unirem ao redor da discussão

— Honram-me, os senhores aqui presentes, com a fortuna de presidir vultos da história que me enchem os olhos de alegria, saudosismo, asco e patriotismo, pois que hoje, reunidos em nome do povo brasileiro, podemos vasculhar nossas aflições e os nossos tempos, para enfim entendermos por que chegamos até aqui, neste momento tenebroso de nação. Embora alguns ainda tenham carne e suor para ofertar, a maioria dos aqui presentes têm apenas os seus vultos (embora estes ainda sejam capazes de direcionar pelo exemplo), importante para abrir esta sessão, agradecendo a quem nos une: o povo brasileiro.

— Senhor presidente da sessão, pela ordem! Importante registrar que, depois de largas negociações com lideranças dos partidos de cima e de baixo (curioso como o século que perdi virou um jogo entre esquerda e direita e não de acima e de baixo!) em que me enfronhei e que, pelo tanto de idiomas que conheci, me fizeram voar da Bahia até Londres e, posteriormente, à Holanda. Confesso que jamais estive em missão de tal modo tão complexa, mas que, com afinco, a resumi ao meu espírito como o último dos meus deveres; e agora cá estamos todos, uns, vulto, outros, carne; uns, passado remoto; outros, passado recente; para balizarmos o futuro, como deveria ser um futuro: de felicidade, prosperidade, justiça e desenvolvimento ético.

— Agradeço a intervenção, caro dr. Ruy.

— Companheiro Getúlio, eu poderia falar umas palavrinhas?

— Mas como não poderia e, mesmo se não pudesse, como eu poderia te interromper? palavroso que você é?

— Companheiros e companheiras, depois de tantos anos, afundado em falsas acusações, retorno ao meu lugar na história que se iniciou quando subi num caminhão para fugir da fome e lutar pelo meu país...

— Não, Lula, não comece, já sabemos o que aconteceu. Vamos organizar os trabalhos. Somos companheiros de luta desde as reuniões sobre as greves do ABC nos anos 1970 e, se você começar com isso, falarei do meu exílio e dos trabalhos que lancei aos principais órgãos do mundo sobre a sociologia e a história do Brasil.

— Fernando, meu companheiro, não me leve a mal, mas você já começou a falar sobre o que disse que não iria dizer. Essa sua vaidade... Eu vou continuar: nunca na história do nosso Brasil, o povo teve o acalanto de comer três refeições por dia. Tudo isso se deu pelo maior programa de assistência social pensado na história desse país...

— Sim, pela Ruth.

— Fernando! Deixe-me falar!

— Os dois mais jovens presidentes que têm o direito de estarem presentes nesta sessão, por favor! A palavra dos senhores está cassada! Respeitem os vultos de outrora que comparecem em oportunidade ímpar, fato que evidentemente está acima de irmãos brigando pelos detalhes de uma progressão de governança.

— Senhor presidente, não somos irmãos!

— Sim, não somos!

— Bom, começaram brigando pela mãe do filho pródigo. São irmãos ou são pais em dúvida sobre a paternidade. Posso continuar? Pois bem, com a palavra o secretário desta sessão, até porque é o pai das regras de hoje.

— Senhor presidente, assim como o vigia que espera a aurora, nós, membros do passado, e particularmente eu, que chefei a transição política entre a Antiga República e a Nova República, vejo irmãos com que ladeei batalhas, tanto no passado como no presente, com os que ainda atuam, e vejo

que em nada mudamos. A vaidade pela palavra esconde a incapacidade de conversação e convergência em prol do povo brasileiro. Embora me sinta lisonjeado pela lembrança do meu nome e, mesmo com ódio e nojo que sinto por alguns algozes presentes a esta sessão, indico que os trabalhos devam prosseguir, ouvindo nossos colegas sobre os fatores que nos levaram às quebras do regime democrático, por algumas vezes no século passado, período em que todos nós vivemos a maior parte dos nossos tempos, e no qual nos inscrevemos na história. O que não sei, senhor Presidente, é como fazemos isso sob a batuta de vossa excelência, uma vez que a mais grave das quebras ocorreu sob vosso comando.

Mas, ao tema!

As quebras democráticas ocorreram ou em razão da luta contra o comunismo, mesmo sem ele existir em nosso país a não ser por alguns poucos nomes como Luís Carlos Prestes ou, por ideários que nos chegavam pelos jornais, desde a ideia de república fomentada nos quartéis de marechal Deodoro à tentativa de industrialização pelo novo mundo, aos moldes dos ingleses e americanos. A questão é como vamos debater isso se muitos aqui não sabem sequer se dizerem homens progressistas ou conservadores ou o pior, são capazes de se dizerem, mas são incapazes de explicar à história sem nos fazer corar.

- Fernando, que orador é o Ulysses, não?! Sempre fiquei maravilhado com ele.
- Tão bom quanto você, mas de estilo distinto. Ele mais afeito à criação de imagens na cabeça do ouvinte, e você, mais a tocar a alma do povo humilde pelo seu exemplo de vida e força do exemplo de esperança.
- Poxa, obrigado Fernando.
- De nada Lula. Somos amigos e adversários. Cruzamos lanças, mas nos respeitamos.
- Isso é verdade.
- E esse papo de continuísmo que todo mundo diz que aconteceu entre nós dois? O que acha disso?

– Bom, tem um aspecto formal. De fato, você me sucedeu. Depois vem outro caráter interessante, que é o da luta pela democracia, quando certamente uma simbiose de nossas imagens foi feita na cabeça das pessoas. Em terceiro, uma questão progressiva: minha trajetória com Itamar e o Plano Real estabilizaram a moeda, o que pode me dar um start sobre o qual a academia sempre me fez meditar. E então, o mais brilhante: o destino te colocou na hora exata, sendo a pessoa mais habilitada, por causa da sua lenda pessoal, a cumprir um destino colocado ali, como uma bola na meia lua. Você fez o que você estava fadado a fazer.

– Exemplo de futebol, Fernando?

– Por que não?

– E você Lula, o que acha?

– Eu acho que você foi o Bebeto e eu fui o Romário.

– Uma bela definição. Pensarei sobre ela com carinho.

– Fernando, você é academicamente muito chato, mas ainda assim eu gosto de você.

– Vamos jantar depois daqui?

– Vamos, é claro. E pelo jeito, só nós dois ainda temos estômago.

(Risos)

– Caro doutor Ulysses, fui presidente da República pelos braços do povo e vim para a história em seu nome. O senhor já se esqueceu de minha carta-testamento?

– Sim, caro presidente. Morreu pelo povo, foi velado pelo povo. Mas, tantos testamentos foram abertos por...

– Senhor presidente, lanço uma moção de desconfiança à vossa presidência!

– General Médici, ou melhor, presidente Médici, moção de desconfiança é instrumento parlamentarista e democrático, indicador de iminente alternância de poder por derrocada do governo constituído.

- E o que tem isso, senhor presidente?
- O senhor se utilizando de instrumentos democráticos? Ainda mais democráticos do parlamento? Me parece risório!
- Pode parecer, mas tal aparência nasce na revolução de 1930, que lutei ao vosso lado, para derrubarmos o governo de Washington Luís. Ou não?
- Moção não aceita!
- Companheiro Ruy, já que o Márcio não foi convocado, preciso te fazer uma pergunta: essa coisa de uma moção ser levantada contra o presidente e o próprio presidente não ouvir ninguém e não aceitar a moção, não parece estranho?
- Caro presidente Luís Inácio, meus ouvidos, com o vosso alarme, agora reconhecem as cores de ilegalidade tamanha! Em Inglaterra e em América do Norte, donde meus estudos foram ponto de partida para a primeira Constituição Republicana, o descalabro seria afugentado pelos costumes e pela tradição. Aqui, porém, preciso reativar teorias que, embora simples, ainda nos faltam. Digo-vos: o homem público, seja um político ainda sem poder, seja um alto mandatário ou um magistrado, nada pode fazer a lhes conceder qualquer tipo de benefício, que pode ainda estar enterrado na vergonha das intenções ou ser revelado, ao final do mandato ou da jurisdição. Política e Justiça, com um átimo que tenham de sombras, é desonra para ambas e vergonha para o povo.
- Andas lendo os jornais, não dr. Ruy?
- Caro dr. Ulysses, leio-os sempre que os afazeres não me impedem.
- Pois bem, a moção foi rejeitada.
- Senhor presidente, com qual Getúlio estamos lidando?
- Presidente Getúlio! Tu continuas a mesma estrada de percalços e contradições, não?
- Os jornalistas presentes não podem se manifestar! Gregório, por favor, retire o senhor Carlos Lacerda do recinto!

— Tirará à bala, presidente? Continuas na lama, mesmo que agora fora do Catete! E, ainda por cima, com seu jagunço, que vossa excelência lança novamente contra a liberdade de manifestação!

— Fernando, que história é essa de Catete que eu não estou lembrado?

— Nada não, briga antiga que gerou problema maior que a Lava-Jato.

— Jura?

— Sim, foi o estopim para Getúlio se suicidar.

— Jesus, melhor compor a situação antes que isso desande.

— Companheiro presidente, pela ordem! Sinto que a reunião está indo para desavenças pessoais de um passado de muito tempo atrás, enquanto estamos aqui para falar do povo brasileiro que tanto precisa de nossas ideias. Proponho que falemos do combate à fome e do direito do povo de ser feliz!

— Mas antes, precisamos estabelecer, como muito bem colocado pelo dr. Ulysses, o cerne do nosso debate, que é a democracia sempre em risco, como fruto de uma luta que parece ser retórica. Eu mesmo, que sou apoiador de vossa excelência, ao vosso tempo democrático, construí uma nova capital, tive mais de 10% do PIB nos meus anos de governo, alterei a matriz energética, construindo, sobretudo, Furnas e, em cinco anos, fiz o país avançar os cinquenta prometidos... Sofri mais de meia dúzia (oito, se não estou com a memória desgastada) de tentativas de golpe. O que será que acontece em nosso país?

— Isso é um problema, Juça! Gastamos força demais para reconstruir a democracia. Depois, solavancos autoritários rompem qualquer pretensão de factualmente vivermos numa democracia.

— Presidente Fernando, o que significa democracia para a erudição que a academia nos empresta?

— A resposta é simples: *demo* + *keratos*. E aqui os religiosos que me perdoem a confusão fonética, mas *demo* é o povo e *keratos*, a coisa que deveria ser do *demo*.

(Risos)

— Silêncio, senhores. Acabem com as gargalhadas! Tenham a compostura à altura de vossos vultos!

— Concede-me a palavra, senhor presidente?

— Doutor Ruy, brinde-nos.

— A aqueles, cujos sonhos são acalantados pela força, o pesadelo do povo não tem outro nome que não seja a mentira, dama da noite que insufla a multidão e arrebatava a paixão, não do amor, mas da desconfiança. Somos nação perdida na ira dos preguiçosos do intelecto, copistas de histórias de países enormes, que teriam vergonha desses nossos copistas, já que eles, aqui, como acolá, só sobrevivem do agito odioso contra a justiça dos tribunais e da sociedade. Seres abomináveis que se julgam superiores aos outros e não terão outro lugar na história que não, o não estarem na história.

— Quantas revoltas, levantes, insurreições e conflitos, nós tivemos em nossa terra no séc. XX?

— Algo em torno de quarenta e tantos, quase cinquenta, entre golpes, contragolpes, levantes populares armados, com golpistas se tornando alvo de golpistas ou se aproveitando dos enfraquecimentos de regímen em benefício próprio ou de seus ideários. Agora, com base nas palavras do dr. Ulysses, o que acham de sedimentarmos o que é esquerda, direita e a história dessa dicotomia semântica e como nos comportamos, como líderes do nosso país, diante desses carimbos ideológicos?

— Obrigado, presidente Fernando. Lembro-me bem como a potência da Coluna Prestes abalou Arthur e, posteriormente, Washington. Inclusive, este último, enviou-me educadíssima mensagem, mesmo com nossos notórios problemas, pedindo “sinceras escusas” por não poder estar em nossa sessão.

- Precisamos nos ater ao tema da proposta de Ulysses, meu caro mentor.
- Passo a palavra ao amigo João Goulart.
- Pela ordem, senhor presidente! Chega do perfume do povo, chega dessa situação perversa desses políticos que pretenderam nos jogar às traças do comunismo. Até agora apenas o general Emílio teve a palavra e foi solenemente ignorado!
- Caro presidente João Batista, o senhor não está nos porões do SNI, para falar assim dentro desta sala de sessões. Essa invenção de Lula que perdeu em vergonha e a serviço de outras nações. Tenha respeito pelos presentes, tenha respeito pela verdade da história!
- A verdade da história é a dos subversivos, senhor Getúlio?
- Sim, desde o teu pai Euclides, que desonrou a farda com motins, até o vosso horror pelo povo brasileiro, sobre quem preferia o cheio do cavalo! Falando nisso, a menina já te esticou as mãos?
- Senhor presidente, por favor!
- Pois não, caro presidente Castelo Branco.
- Estamos numa encruzilhada, pois somos exatamente o resultado de nossas ações, e essa encruzilhada encontra espelhamento no que ocorre em nosso amado Brasil. Não conseguimos nos organizar, senão para termos uma premissa: o que é direita e esquerda? E se foram reais os dramas e medos que enfrentamos?
- Pense o seguinte, meu caro golpista...
- Respeito João! Fui tão presidente quanto você!
- Sim, tirando-me com tanques e fraudes discursivas no Congresso! E agora que somos apenas e verdadeiros vultos, você quer trazer ao debate se vocês viam fantasmas? Meu caro colega, eu fui deposto por ser uma ameaça comunista, enquanto, como líder, eu estava ladeado por José Ermínio de Moraes e Elizer Batista... Que raios de comunista tem banqueiros e exploradores de minérios entre os seus assessores?

(Risos)

— Senhores, sem gargalhadas! Por favor!

— Fernando ou Ruy, quer dizer, presidente Fernando ou dr. Ruy, os senhores poderiam nos informar a origem dos verbetes direita e esquerda, e se eles guardam alguma relação com suas origens?

— Bastante sabido, nobre presidente! Após a Revolução Francesa, sentaram-se à direita aqueles que gostariam de manter as estruturas do Estado, como eram antes da Revolução, e, também, a mesma estrutura social que desembocou na barbárie em nome da liberdade. Já, à esquerda, sentaram-se aqueles que buscavam mudanças na estrutura do corpo social e político. Em suma: os que queriam conservar, à direita do presidente da Assembleia, e os que queriam mudanças, à esquerda. Agora, se ainda guardam relações com seus espíritos originais, eis assunto um tanto mais complexo, pelos motivos dos grandes acontecimentos sociais, econômicos e geopolíticos do século passado.

— Obrigado, Fernando.

— E então temos a premissa teórica, com base nos assentos da história da Assembleia Nacional (creio ter sido nesse momento) para seguirmos com a linha dessa reunião e, o mais importante, o dilema sobre o qual poderemos debater.

— “*Onde estará a Justiça, à esquerda ou à direita?*”, lançaria o erudito filósofo existencialista.

— Tal referência eu não conhecia, presidente Fernando. De quem falas?

— Caro dr. Ruy, falo de Sartre, filósofo francês da escola do existencialismo. Um grande motor do pensamento individual perante o mundo.

— Empreste-me suas palavras em livro, caro presidente.

— Será uma honra, caro mestre Ruy.

— Não estou gostando dessa história! Senhor presidente, em nada gosto dos rumos dessa prosa e como estamos com esse

pensamento ideológico impregnado na história do nosso país! Esquerda econômica, esquerda existencial e, agora, a esquerda da maioria dos presentes, sem uma única palavra sobre a soberania nacional e o patriotismo de nosso povo!

— Acalme-se, caro general Ernesto. O debate democrático entre vocês, ou melhor, entre todos nós, serve exatamente para verificarmos o que é ou seria a esquerda e a direita, quais líderes entre vós se encaixam (se é que se encaixam) nesse jogo de espectros que dividiu o mundo e gerou guerras, corridas armamentistas, criação de blocos político-econômicos etc. Não se preocupe, a democracia tem dessas coisas, saber para repudiar e, sabendo e concordando, para apoiar e identificar-se.

— Pois não, presidente.

— Imagine o que se diria de vossa excelência hoje, que reiniciou as conversações comerciais com a China!

— Mais uma vez, peço aos senhores que parem com chistes e ironias! Presidente João Goulart, tuas mágoas também me afligem, mas os líderes devem comportar-se com esmero, sofisticação e, sobremaneira, respeito.

— Getúlio Vargas aflito pelas dores de João! Imagine-se a dor que o “Pai dos pobres” deve ter causado a Washington Luís, igual entre nós, e ao Luís Carlos Prestes!

— Basta! Sou o presidente desta sessão! Concito-vos ao respeito, ou ele será imposto!

— Getúlio, meu antigo amigo: somos espectros. Já estamos livres, por sermos espírito, não temos braços e pernas para correntes, nem pele para sentirmos medo de agressões e torturas. Peço ao senhor, como presidente, que siga as tuas próprias palavras de respeito e democracia. Não estamos no TSN e nem nos porões do CENIMAR, se bem que este é posterior a ti, embora com incríveis semelhanças aos métodos de seu primeiro régimen.

— Presidente Juscelino, eu não aceitarei agressões, mesmo que elas venham com uma roupagem histórica. O que ganhamos com isso?

— Ganhamos a verdade, caro presidente. Apenas a verdade. Essa grande senhora tão prostituída em nosso país.

— Pela ordem, presidente!

— Pois não, caro dr. Ruy.

— Vivi minha vida entre livros e, hoje, em que as páginas estão desgastadas em minha memória (mui embora possa acessá-las, sem noites e dias a se intrometerem entre capítulos e rascunhos) vejo que pouco dos nossos homens públicos mudaram!

Ora, senhores! Que mal é esse de vaidades insanas e fúrias pelo Poder que vos impedem de enxergar o óbvio, materializado pelo comportamento de todos os presentes que mentiram, fraudaram, mataram e torturam em nome de uma ética insana, de preceitos religiosos desviados, de um patriotismo importado e de parques, mas muito parques livros?

Senhores, qualquer nação bronzeadá pela república deve ter três elementos fundamentais não apenas percebidos em livros e números, mas no espírito de vosso povo: a LEI, para o povo, para este viver em riqueza! Será que ainda se vive, e sei que ainda se vive, infelizmente, nas ágoras atenienses em que apenas alguns eram cidadãos e proclamava-se, das embarcações de Menelau até os mais simplórios escribas, que se vivia numa democracia? Que nação divide seu povo em castas e a qualidade dos dotes, e que como em outrora impedem, propositadamente, a cidadania, pois quem tem, não quer dividir e quem é mais, não quer ser igual? Triste, muito triste, que escrevi mais de oitenta volumes e não se tenha lido nada de minhas sínteses sobre a nação.

— Mestre Ruy, preciso pontuar, como alguém que viveu no período que será citado, quais as circunstâncias do mundo que o ilustre colega de Arcadas perdeu de viver em pele. Testemunhaste a revolução industrial, tanto que tuas Cartas chegaram até nós para maravilhar-nos e nortear-nos enquanto em exílio. Sim, povo brasileiro, nós exilamos Ruy Barbosa, dando a prova definitiva da estupidez dos nossos poderosos! Depois disso, e sabes bem que o positivismo

influenciaria a derrocada das monarquias nas quais o povo não tivesse os seus elementares direitos vindos dos impostos, surgiram duas grandes nações como potências: os Estados Unidos da América e a União Soviética. A primeira, que o senhor conhece como ninguém, a ponto de ter introduzido entre nós estruturas institucionais como as dela e a segunda, que ainda em vida soubeste sobre a revolta de Vladimir Lênin e a derrocada da monarquia russa. Entre o modelo institucional americano da economia, pensada por Alexander Hamilton, e a igualdade, imposta pelo Estado soviético, o mundo se dividiu em esperanças e, dividindo-se, beirou a destruição total, por armas que o senhor nem queira saber que existem à profusão!

Em resumo: uma disputa que se iniciou econômica em sua modelagem, para afirmarem a riqueza e a produção que melhor serviriam às suas populações; no caso ianque, a economia livre em que os cidadãos teriam a liberdade de empreender e enriquecer, cabendo ao Estado prestar os serviços (e até hoje eles têm vários problemas sobre isso); e no caso soviète, o Estado seria o mentor econômico, de mãos de ferro e sem liberdades! - para que todos tivessem igualdade.

— Dr. Ulysses, pai da Carta e meu colega de faculdade: assusta-me vosso relato e apavoro-me com modelo que tenha mais de 250 anos e ainda aceite pessoas vivendo na miséria, enquanto, e disso lembro-me bem, prefira-se gastar anos e anos, de alimento e dignidade, com armas e mais armas; e outro que, para ser posto em prática, tenha precisado matar as liberdades e, sem elas, vidas e esperanças, ficando à mercê de um tirano. Mas, que fim deu isso?

— Estamos aqui para mapear tal insanidade em nossa história, meu caro mestre, pois que ambos, esses enormes países, criaram blocos de influência e relações e, claro, influência não de ideários (que eles deixaram aos estudantes e à população do terceiro mundo para que se matassem por eles) mas, por questões argentárias e bélicas, de dinheiro e de poder, pela força!

— Resta-me claro que, ainda, homens e pequenos grupos se sintam aptos, por se dizerem ou se proclamarem líderes, como se liderar fosse um sonho da existência e não um fardo.

— Exatamente. Temos alguns nomes nessa sala.

(Burburinho de incômodos).

— Dr. Ruy, defina-te como um homem à esquerda ou à direita!

— Sou um homem das leis. Se mesmo meu vulto assombra o meu país, brasileiro sou e ainda estarei por todo o tempo. Perguntas-me se acredito em tradições e na formatação de costumes? Sim! Cético como Burke, jamais! Cito meu colega de parlamento irlandês, uma vez que o conservadorismo tem em sua única e real alma o medo do homem no poder, pois que as próprias tradições ocidentais identificaram que nosso Senhor fora preterido pelo ladrão. Mas, como posso ver meu país ainda hoje, com milhões de pessoas em miséria, sem que nossos infantes não gozem da educação, como nos melhores centros mundiais, sem parecer ter tomado conhecimento da industrialização mundial, mesmo século e tanto depois do auge desse fenômeno na Europa e Estados Unidos? Precisamos progredir, caro general Médici.

— Mas dr. Ruy, como já afirmei anteriormente, industrializei o país e progredi-o cinquenta anos em cinco.

— Presidente Juscelino, o senhor louvou vossos traços de coragem e pertinácia, fez do Brasil um momento mundial de riqueza cultural, de avanços estilísticos e foi muito bem economicamente, mas os alicerces faltavam. Milhões de brasileiros votaram em vossa excelência pelo seu carisma e promessas, não por que analisaram intelectivamente as tuas virtudes. Entendes o drama de um povo que hoje, não sabe quem foi um Ruy Barbosa ou, se sabe, está motivado mais por lendas chulas do que pela minha luta e meus escritos?

— Companheiro Ruy, o senhor deveria ter sido presidente deste país!

— Fardo que não me coube, por fatos pelos quais não posso ser culpado. Apenas estudei e, dos meus estudos, gerou-se

toda a sorte de calúnias, que esfolei uma a uma. Mas, ainda assim, meu país não me quis. Na verdade, Floriano Peixoto fez das tripas coração para que a espada fosse mais forte do que a pena, aposentando opositores militares. Ele próprio, um militar, sem nos esquecermos do fato mais indigno e grave: ameaçar o Supremo Tribunal Federal, quando lá estive, em meu mister de advogado, em defesa dos seus adversários. Apenas utilizei-me da garantia do Habeas Corpus em favor dos, então, desvalidos. O resto é história. Tornei-me cédulas, fundação, referências, enquanto Floriano precisa ser pesquisado em livros para ser lembrado. Não, não me tomem detentor do ultraje da vaidade! Sinto, até hoje, não poder ter feito a nação estender a mão para o seu próprio povo!

— Ameaças ao Supremo Tribunal, que ponto interessante! Quantos mais desta sala se utilizaram do expediente narrado por Ruy?

(Silêncio constrangedor dos presentes)

— *Fernando, eu estou com a impressão de que metade desta sala já quis invadir e fechar o Supremo.*

— *Olha, tirando o Jango, o Juscelino, eu e você, quase todo mundo, ao menos, pensou e fez uma ou duas reuniões sobre o tema. E não apenas sobre o Supremo, como também sobre o Congresso Nacional.*

— *Interessante, o Supremo me tirou dois dos meus mais valiosos companheiros; mudou a lei para me deixar preso injustamente; mas eu nunca pensei em fechar o STF.*

— *Isso é um ponto positivo seu. O negativo foi andar com essa gente que foi presa.*

— *Fernando, quem não te conhece que te compre.*

— Nossa Justiça é assunto complexo, caro presidente Getúlio. Por isso, rogo tuas mãos firmes para não sairmos dos rumos dessa prosa.

— Ora, senhor presidente Fernando, nada mais simples do que a Justiça, dar a cada cidadão o que se merece segundo a Lei; pelo único caminho possível, a Lei; para se celebrar a

grande virtude dos deuses e se evitar a dor mais terrível, que é o erro judiciário. Creio que vossa excelência esteja dissertando sobre o sistema judiciário, este sim, um argumento e um problema mundano. Mas tenho remédio para tal dilema: que se cumpra a Lei inexoravelmente, sem que se a interprete de acordo com circunstâncias e desejos políticos dos juízes. O magistrado que assim o fizer, merecerá ele próprio a punição da Lei e a vaia popular. Mas, certamente, isso, de vosso tempo, não ocorre mais no século XXI.

— Então, dr. Ruy...

— Mestre Ruy, os julgamentos foram tomados pelas paixões políticas e, o mais grave, pelos interesses políticos escondidos nas mangas das togas. O tribunal do Júri se tornou o Supremo Tribunal Federal ou, corrigindo-me, o Supremo Tribunal Federal tornou-se um grande Tribunal do Júri.

— Caro companheiro Ruy!

— Presidente Lula, não. Se cada um dos presentes argumentar em defesa de si, contra as acusações que sofreu, teremos instalado um Tribunal por toda a eternidade e, embora aqui o tempo não seja o tempo que conheces, ainda assim seria muito tempo!

— Meu Deus, o que vocês fizeram com as pedras que sedimentei?

— Pois, por isso, caro dr. Ruy, que intervi para não entrarmos nesse assunto.

— Mas presidente, por favor! Assola-me o espírito que uma nação viva em desassossego com a Justiça e que magistrados, valorosos eruditos e cautelosos seres, tenham a política por debaixo da manga das togas! Como assuntar progressismos e conservadorismo, se os aplicadores da Lei, a quem confiamos a virtude da ponderação, vivem em euforia política? Meu Deus! O que vocês fizeram? Sigam, sigam... O meu coração está absorto em tristeza.

— Quem avisa amigo é, nobre mestre Ruy.

— Fernando, você se considera um homem conservador ou progressista?

— Presidente Lula, sou um cientista social que lutei a vida inteira junto ao movimento-democrático, e você sabe muito bem que sou um observador do mundo. Ao contrário de antigos propósitos, em minha presidência entendi as necessidades do novo mundo, estive em confronto com a globalização em seus aspectos ruins e acatei, àquele tempo, os seus pontos positivos. Um exemplo: você gostaria de falar num celular Telesp? Já outras coisas eu realizei, como estabilizar a moeda como Ministro da Economia; pois, com a moeda instável, os avanços sociais cometidos por mim e por você não seriam possíveis. Sabe quem se opôs ao Plano Real, meu caro Lula?

— Lula, você não responderá?

— Não responderá, pois que na sanha de ser oposição irracional e ainda com um discurso ortodoxo, ele se opôs ao Plano. Agora Lula, aguardo suas críticas à ideia de reeleição, contra a qual você também se posicionou.

— Fernando, com você dizendo isso, nós não estamos mais discutindo esquerda e direita, mas virtudes e erros. Você cometeu a reeleição, despejando sabe-se lá o que no Congresso para a aprovação; você entregou grandes empresas nacionais ao estrangeiro, como a Vale do Rio Doce e a Telebrás! Você largou a social-democracia!

— Lula do céu, você falando de despejar “coisas” no Congresso e de uma reeleição da qual você gozou? Você queria que eu onerasse o Estado para acoplar-se às possibilidades dos avanços tecnológicos do mundo privado e das empresas do Silício?

— É o consenso de Washington, não? Esse canto das serpentes! Para tudo, uma desculpa de melhor gestão e maior empreendimento!

— Um consenso com muitos erros e alguns poucos acertos, mas, definitivamente, menos lesivos à democracia do que

ao flerte com ditadores bolivarianos, Lula! Ou você negará que as ditaduras da Venezuela e de Cuba não foram alimentadas pelas suas políticas e que seu partido (riam senhores vultos!) sempre defendeu a autodeterminação dos povos, mas justamente para povos que não têm o direito de se determinarem!

— Fernando, eu negocie com todos os países, falei de democracia em todos os lugares, fizemos negócios com todos, sem exceção. Agora, o pessoal do consenso de Washington jamais fez negócios com os países da esquerda latino-americana e com ditaduras árabes? Qual a diferença de negociar empréstimos por petróleo com a Venezuela, com negociar os mesmos contratos com a Arábia Saudita, como fazem os companheiros ianques?

— Vejo-me, agora, com certo distanciamento temporal, ter sido deposto mais pelo tempo em que vivi do que pelas coisas que fiz. Vossos argumentos me deixam rubro de vergonha, caros Fernando e Lula.

— Jango, companheiro, você foi vítima de um golpe de Estado, sem qualquer motivo!

— Golpe? Ora, seu antigo presidiário, como ousa colocar em xeque os movimentos das Armadas em nosso país? Lave a sua boca! Protegemos nossas fronteiras e impedimos que nos tornássemos uma União Soviética, exatamente como intencionavam os seus antecessores!

— General Médici, o que vocês queriam era apenas avanço militar com seus pactos silenciosos com a CIA e, para isso, sempre se utilizaram do discurso de proteção das riquezas nacionais e da nossa soberania para chocar o ovo dos americanos! Ou negará a intromissão da CIA em nosso país? Negue, pois lembrarei, ao ilustre general, os documentos oficiais entregues pelo atual presidente dos Estados Unidos da América, quando vice-presidente do meu amigo Obama, que confirmam o que acabei de dizer! Negue general, honre sua farda! Pois que os senhores negaram sempre! E

tem mais uma coisa, lutamos pela vergonha na cara, para que alguém chamado presidente (e por isso te chamo de General) pudesse ser eleito pelo povo; povo, eu digo, não as senhoras dos bons costumes, pois que, se dependesse delas, a escravidão, o preconceito, os “pretinhos” (como elas ainda dizem), os homossexuais, seriam todos eles queimados em praça pública! Falo do povo brasileiro, da democracia e das liberdades. Vocês só pensam em homens fardados, armas e Amazônia. Sem, diga-se, nenhuma preocupação ambiental. Apenas proteção do território, que, para ser protegido, precisa de mais armas e, logo, mais poder nas mãos dos senhores!

— Falando nisso, general Médici, quando que, pela última vez, as Armadas foram contra uma ameaça estrangeira e não contra o povo brasileiro?

— Ao meu comando, caro presidente Juscelino, enviei os pracinhas para lutarem contra o nazifascismo!

— Curiosamente, ajudamos a subir a Cortina de Ferro, batizada por Winston.

— Uma coisa parece certa, meus caros colegas de vulto, somos objeto da geopolítica internacional, e quero deixar bem claro o verbete que utilizei: somos um objeto da geopolítica, não um *player*.

Será que essa dicotomia é que nos fez jamais termos a aurora do avanço e do protagonismo e já enganchando uma questão em outra, não terá sido a falta de educação - sobre a qual todos nós somos responsáveis - que fez o povo brasileiro ser manipulável pelos interesses de uns ou outros dentre os que aqui estão?

— Não ouse, meu amigo Ulysses, de dizer que silencie! Não afirme isso, por Justiça da história! A emancipação do Brasil, e digo isso desde minhas carnes e ossos, já que as pelei e quebrei em prol do povo brasileiro, só pode existir depois de um grande choque educacional!

— Governador Brizola, isso não podemos negar, realmente.

— Filhotes da ditadura, hipócritas da esquerda, arautos da desvergonha! Chega de deixar nosso povo às traças da ignorância!

— Governador, comporte-se, por favor.

— Peço perdão pelo roubo, senhor presidente! Mas, me indigna continuarmos falando de Brasil sem antes impor a educação de qualidade, integral, integrada com a cultura, com os esportes e com a saúde dos nossos jovens, pretos e brancos, pobres e ricos, numa mesma escola universal!

— Governador?

— Pois não, deputado Ulysses.

— A pergunta que faço para mim, sempre e sempre, é uma pergunta retórica e invertida, se pegarmos as afirmações feitas sobre o óbvio: neste recinto, alguém é capaz de infirmar a questão básica trazida por Leonel e pensar o contrário? E o que significa pensar o contrário: afirmar que pretos e pobres, os brancos e ricos, não devem ter o mesmo direito à educação? Gostaria de ouvir o silêncio que se fará no recinto.

(Silêncio sepulcral incômodo e duradouro).

— Ora, então, por quais motivos não avançamos jamais sobre o tema?

— Mestre Ruy, eis talvez o ponto fulcral de nosso subdesenvolvimento.

— Subdesenvolvimento não se improvisa, é uma obra de séculos!

— Nelson Rodrigues, meu caro jornalista, os excessos de tua obra não podem chegar à sessão de agora. Silêncio nas galerias!

— Os idiotas vão tomar conta do mundo, não pela qualidade, mas pela quantidade. Eles são muitos.

— Basta, seu teatrólogo imoral!

— Faço questão de retirar-me. Hoje tem Fluminense em Campos de Sonhos.

— Sem educação, anseio popular dos mais óbvios, causador de silêncios como os que “ouvimos” hoje nesta sessão. Devo rememorar minha antiga frase: Em política, estar com a rua não é o mesmo que estar na rua. A frase encaixa-se bem nos retóricos do oportunismo, nos dizentes do populismo que não movem um dedo em prol da nação brasileira.

— Caro general Emílio, a educação em vosso período, por que não cuidaste dela?

— Pois eu fazia o milagre econômico!

— Com empréstimos no estrangeiro, não?

— Fiz o Brasil crescer treze por cento em um ano, com a variante mais baixa na casa dos sete por cento. Queriam mais o quê? Digam-me, seus arrotadores de ideologias!

— General, quem não aceita o confronto de ideias, só pode ser general quando em guerra, contra o seu próprio povo. Todos nós sabemos que o milagre brasileiro findou quando a bonança internacional também findou.

— Tancredo, o presidente que não foi, dizendo sobre o que não pôde fazer.

— Mais respeito, general covarde! Torturador!

— Comunista safado, seu vermelho!

— Silêncio! Basta! Não admitirei mais ofensas nesta sessão. Quem os senhores pensam que são para, tendo se livrado da carne, ainda ostentam os pecados capitais da ira e da vaidade? Basta!

(De repente um grave silêncio se espalha pela sessão. Alguns ensaiam se levantar, outros se entreolham, até que Dr. Ruy imperativamente - ritualístico que é - pede para todos se levantarem).

— Vossa alteza, Pedro II, brinda-nos com sua presença!

— Ruy, meu amigo, chama-me de Pedro, assim como peço a todos que assim o façam. Estamos aqui apenas pelo amor à nossa terra e eu, humilde servo do nosso povo, ousou

comparecer diante de vós, vultos do presente e do passado. Sou apenas Pedro, aqui entre vós. Meus títulos, que vivam nos livros!

— Uma honra, vossa alteza real, ou melhor, Pedro, que estejas entre nós!

— Pedro, caro Fernando, apenas Pedro. Prossigam, por favor.

— Companheiro Pedro!

(Risos).

— Pois não, meu caro Lula.

— E você, de que lado estava?

— Veja bem. Nasci na realeza e herdei um império que se iniciara com meu pai, Pedro I. Fui criado, intelectualmente, por um alto maçom, José Bonifácio, que assumiu as rédeas dos meus pensamentos depois da abdicação de meu pai e do seu retorno a Portugal. Nesse período, sabes bem Lula, os maçons haviam ganhado, há menos de cinquenta anos, a maior de suas conquistas, a fundação dos Estados Unidos da América, sendo impossível, para mim, negar a grandeza daquele expediente. Porém, foi-me uma vida dura, embora em nada comparada à tua. Diariamente, das sete horas da manhã às dez horas da noite, por toda a minha infância e juventude, fui tutorado em matemática, línguas, filosofia, geografia, história e demais ciências. Todos os dias. Quando Bonifácio decai em sua história (problemas no Tribunal maçônico, embora a história registrada não seja bem essa), passo às mãos do Barão de Itanhaém e, também, às mãos do Padre Antônio de Arrábida e do Frei Pedro Mariano. Logo, fui um Edmund Dantes real, por muito mais anos do que o fantasioso personagem; não numa prisão, mas em palácio. Por que digo tudo isso? Pois que minhas meditações não me permitiriam aceitar cegamente as tradições e fechar os olhos para o progresso humano e da nação. Como viver entre ouro, diante das correntes de ferro dos escravos? Como ter a melhor educação (e por Deus, eu a tive), enquanto os funcionários do paço mal sabiam escrever os seus próprios

nomes? Como passar incólume pelos interesses econômicos dos senhores de terras, homens muito ricos e muito poderosos, sem olhar para o meu povo, ainda mais pobre, sem terras e sementes para plantar, viajando em burros e jegues, invejando as charretes? Não, a filosofia e a história me indicavam ser um erro. Por isso, fiz o que fiz, por isso, paguei como paguei. E não me arrependo de nada. Direita e esquerda...

— Onde se posiciona o símbolo da tradição e da preservação de costumes, que é o monarca, mas que ao mesmo tempo luta contra a tradição cultural e econômica dos poderosos de sua terra, da sua corte?

— Por isso mesmo, Pedro, gostaria de seu parecer sobre os que aqui presentes e seus enquadramentos nas duas linhas político-ideológicas de que tratamos. Creio que tu, Pedro, tens acompanhado nossas discussões. Vejo necessário organizarmos uma nova metodologia para estes trabalhos, ou não sairemos da retórica tosca das paixões desaçaimadas. E tua figura, embora deposta pelos militares, é de respeito inexorável.

— Missão que muito me honra, nobre senhor presidente, mas que me desconforta, pelo temor de ofender quaisquer desses vultos.

— Creio falar em nome de todos, ao insistir, como insisto no momento.

— Sim, se assim me pedem, o farei sobremaneira por nossa terra. Dos novos presidentes ainda em carne, Lula e Fernando Henrique, vejo-os como democratas formatados dentro da social-democracia (essa convenção política que observei já daqui, deste lado do plano). O primeiro, por ter vivido na pele que ainda ostenta os horrores das desigualdades sociais e depreendeu nos sindicatos dos trabalhadores mais humildes do país. Um homem das esquerdas, mas da evolução dela que aceitou o capitalismo como inexorável, tanto que assim agiu na presidência, fomentando o con-

sumo e o comércio. Fernando, por sua vez, é um erudito do seu tempo, um sociólogo mestre, que mais absorveu pelo conhecimento abstrato, até que, em funções públicas e antes mesmo, na Universidade, teve contato com as classes menos abastadas do nosso país. Outro homem de esquerda, mais ligado aos ideários da social-democracia do que como Lula, às lutas sociais.

— Não posso discordar da análise, Pedro.

— Nem eu, embora pudesse fazer algumas correções teóricas.

— Pedro, por favor, continue.

— Vejo o vulto de Ruy Barbosa, um homem, acima de todas as possibilidades de confronto, que não merece dicotomias, por encarnar o espírito da Justiça e da sabedoria. Homem que voou alto e nos brindou com termos fundadores do país, um gigante como os americanos tiveram. Eu diria, se me permites mestre Ruy, que estamos a falar de nosso Benjamim Franklin, de um Alexander Hamilton, embora, creio eu, de uma versão melhorada destes, graças à erudição forjada nos embates contra um ideário do atraso que dominou o teu tempo. Ruy falou, e, por ser digno, não poderia ter silenciado contra a escravidão e a favor da República (aqui confesso minha admiração por tal sistema, mesmo contra minha vontade e interesses); contra a tirania das armas, deu o exemplo, que o estudo pode fazer as crianças voarem, como ele voou; o águia de Haia, orgulho brasileiro. Polímata verdadeiro, talvez nosso primeiro e último. Pensando agora em minhas palavras, seria hoje confundido com um stalinista, mas, certamente, quem o faria, seriam os seguidores de algum projeto de ditador, visando criar um inimigo de “dar medo”. Todos nós sabemos: se queres ser seguido, crie um inimigo imaginário, calcado numa grande estupidez ou numa grande mentira. Ruy foi um homem das tradições, respeitando-as para progredirmos. Vejo-me muito nele; ele, com o talento das liberdades civis, e eu preso no palácio e nas liturgias das coisas.

— Majestade, recebe o meu abraço em agradecimento a tais palavras. Sempre fui a favor do progresso e contra a tirania das desigualdades. Se isso me faz um progressista, não me importa.

— Continua Pedro, por favor.

— Pois não. Vejo duas figuras interessantes no recinto, um socialista desenvolvimentista e outro desenvolvimentista sem rótulo; respectivamente, Jango e Juscelino. Que figuras interessantes! Contra eles tentaram-se toda a sorte de arbítrios, insurreições e golpes; e sabemos que, após a derrocada de Jango e seu exílio imposto, Juscelino precisava ser silenciado. Não podemos ser taxativos, mas a morte de Juscelino tem dedos que hoje deixam suas impressões digitais aqui nessas bancadas.

— Pela ordem, senhor presidente! Calúnia! Seu velho decrépito!

— Sofri um golpe dos militares, porém, por eles tenho respeito. Minha educação me impede de confrontar ofensas e desatinos. Os desequilibrados não podem ter o poder nas mãos. Devo continuar?

— Por favor.

— Juscelino foi um homem que imaginou um país e tirou-o do papel. Devemos nossa indústria (ou o que sobrou dela) a esse homem, bem como, nossa primeira abertura ao mercado internacional nos tempos modernos. Olhou para os trabalhadores, mas gastou mais tempo tentando evitar golpes e gastando energia contra opositores das sombras, do que exercendo seu mandato. Éramos, como ele mesmo chegou a dizer, “felizes, e não sabíamos”. Um homem criticado pela esquerda, pelos udenistas fanfarrões e golpistas; um homem de centro, ao menos em minha modesta opinião.

Agora, continuo, para falar de Carlos Lacerda que bravejou ali das galerias e que, junto com Ruy, Ulysses, Lula e Brizola, entra na galeria dos oradores formidáveis, embora com estilo absolutamente distinto. Dele, o que falar? Pouco, pois, se iniciasse reminiscência cuidadosa, esses meus argumentos levariam dias, tamanhas as contradições de sua vida. Agora, por certo, talvez, o mais talentoso de todos os vultos que aqui estão presentes, mas de personalidade complexa que não o permitiu ser o que o destino traçara para ele.

— Uma pena que ele tenha sido expulso pelo seu capataz, senhor presidente, justamente um que tentou contra a sua vida! Eis o debate que temos aqui, um debate delimitado pela coação!

— Carlos Lacerda não precisa ter voz, uma vez que tudo que sempre quis foi dar voz aos senhores, militares de armas contra o próprio povo. Carlos Lacerda nada mais é do que um MBLista com talento e cultura. Inútil, pois, graças às inconseqüências de suas ações. E digo mais: se formos julgar o que muitos fizeram e erraram em vida, vossos vultos vagariam por Haia, mas por motivo muito mais distinto e desonroso que o voo do baiano imortal. O que acha de sugerirmos essa pauta?

(Diálogos paralelos)

— Pedro, mil perdões pela desonrosa conduta de alguns presentes. Sem armas, o diálogo parece-lhes impossível.

— Sobre eles, não farei análises. São todos iguais, sem direita e esquerda, apenas querendo mais armas e poder, e impor à população uma doutrinação curiosa que não consegue impor nem aos quartéis. E quando materializo as Armadas nesses senhores, faço questão de afirmar: falo que as próprias armadas não sabem escolher seus líderes maiores, por ser formada por homens e mulheres honrados e patriotas em sua larga maioria. Mas, uma coisa me incomoda profundamente.

— Como presidente da sessão, poderia perguntar o que te incomoda?

— Sim, caro Getúlio, sim. O que me incomoda é você. Não tua presença e nem as benesses e erros que cometeste. Isso é da vida e dos livros de história. Incomoda-me, isso sim, como me fazes perguntas sobre os demais aqui presentes sem que tu possas ser enquadrado em nenhum dos lados da dicotomia.

— Pedro, eu estou curioso.

— Imperador, ou melhor, Pedro, todos nós ficamos!

— Permitam-me, então. Getúlio, tu não se encaixa em nenhum dos espectros que cá estamos a verificar. Digo-te mais: talvez tu te encaixes em todos eles, o que não te faz em lugar algum. Não tomes isso, nem como uma crítica negativa, nem, muito menos, como um elogio.

— Companheiro Pedro, eu não entendi. Getúlio criou as bases da nação que fiz prosperar. Introduziu as leis trabalhistas em nossas terras; criou nossas maiores empresas estatais; lutou contra o assalto imperialista que àquele tempo só pensava em explorar e explorar. Como não elogiá-lo?

— Lula, caro companheiro de empreitada. Getúlio é todos vocês em apenas um; todos os erros e contradições; todas as vitórias e derrotas; todas as luzes e sombras. Foi amado pelo povo, pois prometeu ao povo que seus dias seriam melhores, mas não escondeu esforços para se perpetuar no poder. Alguém aqui poderia dizer que Getúlio foi um democrata?

— Mas ele presidiu democraticamente!

— Não, Jango, ele entra para a história nacional pelas armas e pelos golpes recorrentes, tornando-se símbolo (ao menos do que se chega até os presentes dias) da instabilidade dos governos pela insatisfação que grita pelas armas. Vocês, que se formaram na esquerda, continuarão silenciando o que ele fez com Harry Berger e Luís Carlos Prestes? E com a esposa deste último, a quem ele autorizou o envio, grávida, para os campos de concentração de Hitler?

(Silêncio incômodo).

— Devo continuar? Pois bem, diante do vosso silêncio... Getúlio, os fatos são concretos: tortura, prisões de opositores, criação de tribunais de exceção, flerte com o nazismo. O que tu podes nos dizer?

— Eu jamais flertei com o nazismo!

— Tu tens certeza, meu caro presidente? Pois que minhas críticas, ao fazê-las para ti, não objetivam atacar a tua memória, que, confesso, grande. Jamais eu poderia afirmar que tu não viveste um caso de amor com o povo brasileiro; mas as lanço, pois que elas, morando em ti, outros abrirão os olhos. Renovo minha indagação: flertaste com os nazistas?

— Repito que não! Sinto-me atingindo pela falsa dança entre o elogio e a crítica!

— Não te sintas. Explica-nos então a “circular secreta 1.127”.

— Presidente Fernando, o senhor conhece a história dessa circular?

— Veja bem, essa circular, e vocês devem saber o que significa uma circular, ainda mais se for secreta e estiver nessa situação a mando daqueles que poderiam não tê-la feito secreta; logo, uma circular secreta, expedida pelo Governo, deve ser olhada com cautela, já que razões severas podem ter influenciado a política...

— Fernando do céu! Quando tu fazes isso é porque não queres responder!

— Jango? Leonel? Lula? Médici? Juscelino? Senhores, apenas procurem saber do que se tratou tal circular, mas, creiam em mim, que meu objetivo é mostrar-vos como a discussão entre esquerda e direita não existe, de fato, em nosso país. Na verdade, ela existe, mas em outra camada de discussões e não no seio popular.

— E porque dizes isso, Pedro?

— Pois que um povo com necessidade como o nosso, que viu Constituições rasgadas pelas armas, que viu a desigualdade entre a riqueza de palácios suntuosos e milhões de

peças que vivem sem esgoto, já na segunda década do séc. XXI. Tem, também, a negação da ciência, o desemprego de dezenas de milhões de brasileiros e, sobremaneira, a mentira dos que estão no Poder. Tudo isso impede qualquer debate fora do mundo intelectual sobre conservadores e progressistas no Brasil. O debate real que temos é: quem melhor promete resolver os dramas do povo, para depois esquecê-lo ao próximo governante!

— Discordo, caro Imperador!

— Mas isso é da democracia: o discordar. Ou tereis sido vós os imperadores e eu apenas um presidente eleito?

(Risos acanhados).

— Meus amigos, se o Estado deve controlar os meios de produção, a distribuição dos produtos essenciais, o sistema dos dinheiros; ou, se cabe aos homens livres, praticamente, se regulamentarem com uma mínima intervenção do poder público; são assuntos para nós e para os acadêmicos. Uma população, à margem da riqueza cultura e da riqueza educacional, apenas vive à sorte do achismo, das informações precárias, das promessas de falsas lideranças éticas, políticas e religiosas. Vive de acreditar para, acreditando, ter forças para levantar-se todos os dias e ter a esperança de dias melhores. Nada mais do que isso.

— Pedro acabas de dizer uma verdade.

— Sim, caro Juscelino, incomoda-me apenas que esse mesmo povo tenha sido abatido pelo descaso de quem tudo fez, enquanto no poder, mas sem a utilização de habilidades políticas para a criação de um projeto de nação. Sabemos que a democracia é a melhor forma de governo, dentre todas as outras piores (sim, ontem tomei um chá com Winston ao Ocaso). Quem está aqui falando é o último imperador destas terras. Como vocês nunca se sentaram e resolveram, com unanimidade, sem vaidades políticas de poder ou projetos eleitorais, as questões elementares do país?

— Não é fácil, Pedro!

— Mas, Lula do céu, se não for fácil para quem tem o poder em mãos, torna-se impossível a vida para os que não o têm.

— Pedro, o que nos sugeres?

— Continuemos esta sessão. Outras devem vir depois desta e, cada vez mais, podemos conclamar a presença de outros vultos que ficaram arredios de virem. Mas continuemos, sempre. Getúlio? Permite-me uma análise final?

— Já estou acanhado de apanhar, mas é claro que permito.

— Todos eles vivem pedaços da tua personalidade. Absolutamente todos. Uns acreditam e lutam pelo resguardo das riquezas de nossa nação; tua carta-testamento (as duas versões dela, o que inclusive me faz pensar em te fazer uma pergunta indelicada, mas que ficará para uma próxima vez), bem, afirma nos idos de 54, o que foi sentido por grande parte da população brasileira entre 2014 e 2018, ou seja, que interesses alienígenas queriam usurpar de nossas riquezas; outros acreditam que é preciso, para reunir a população brasileira, em um enorme ideário comum, é preciso desmontar a democracia e silenciar os opositores, adjetivando-os de antipatrióticos; outros acreditam que o passado ilegal pode ser apagado com uma nova eleição, enquanto outros, aqui mesmo neste recinto, apenas vivem de escrever o seu nome na história, o que, por mais que se faça algo pela população, contamina a motivação, tornando-a vaidosa e em nada perene. Todos aqui são Getúlio Dornelles Vargas! E nenhum é como ele...

(Aplausos).

— Senhores presentes, o presidente Getúlio está emocionado e encabulado, por isso, cabe-me, junto com meu mestre Ruy Barbosa, encerrar esta sessão. Que tempo (ou não tempo) feliz, para a nação brasileira, o que se presenciou hoje neste recinto que não é nenhum, e, ao mesmo tempo, todos. A aurora aponta no horizonte e devemos desligar-nos.

— Viva a nação brasileira!

— Vivas!

Ao se dispersarem (ou evaporarem), todos os presentes voltaram ao eterno.

Sentados sozinhos na galeria, Lula olhou para Fernando e disse: você liga para o Ciro Gomes e para o João Dória? Sim, eu ligo, enquanto isso você liga para o Michel Temer, para o José Sarney, para o Tasso Jereissati e para a Dilma? Ligarei ainda antes do almoço.

Vamos hastear a bandeira branca e criar um movimento real para que todos os brasileiros sentem-se à mesa, três vezes ao dia, para comer?

E que tenham acesso a um médico e a exames em menos de uma semana?

E que as crianças fiquem na escola seis dias por semana, 12 horas por dia, com educação vinda de professores bem pagos, com esporte e cultura?

E esticaram as mãos, emocionados.

Quando acordaram, ambos ainda estavam com as mãos esticadas, cada um na sua cama, quilômetros e quilômetros de distância um do outro.

SOBRE O ORGANIZADOR-AUTOR

JOÃO HILTON SAYEG-SIQUEIRA

Pós-doutorado em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, programa chancelado pela Cátedra UNESCO (2012); Doctor Honoris Causa de Iberoamerica pelo Consejo Iberoamericano en Honor a la Calidad Educativa, instituição chancelada pela Cátedra UNESCO (2007); doutorado em Linguística e Letras pela PUC-RS (1986); mestrado em Língua Portuguesa pela PUC-SP (1980); graduação em Letras Portugêses pela PUC-SP (1973). Professor do Programa de Pós-graduação em Língua Portuguesa da PUC-SP. Líder do grupo de pesquisa, certificado pelo CNPq: Leitura, Ensino e Discurso. jhsiqueira@puccsp.br

SOBRE O ORGANIZADOR

RODRIGO MAIA THEODORO DOS SANTOS

Pós-doutorado em Língua Portuguesa pela PUC-SP (2022); mestrado e doutorado em Língua Portuguesa pela PUC-SP; licenciado em Letras. Há 20 anos atua em universidades, com passagens por PUC-SP e Belas Artes e há 12 anos no mundo corporativo, com treinamentos em empresas como Santander, KPMG, Martin Brower, Accor, Sodexo, Amaggi. Na área de mídia, como jornalista e radialista, trabalhou na TV Record, Record News, TV Bandeirantes, CNN Brasil e, atualmente, é apresentador na BMC News. Também ministrou palestras na área de linguística em Harvard, Princeton, Berkeley e Georgetown.

SOBRE OS AUTORES

FÁBIO MENEGATTI

Pós-graduado em Ciências Políticas pela Universidade Cândido Mendes; graduado em Jornalismo pela Universidade Estadual Paulista, Unesp; e em História pela Universidade de Várzea Grande, Univag. Na televisão, desde 2000, como repórter e apresentador, realiza matérias especiais para o Jornal da Record no Brasil e no mundo, como a cobertura da guerra entre Israel e o Hamas.

LILIA KATRI MORITZ SCHWARCZ

Livre docência pela USP (1998); mestrado em Antropologia Social pela Unicamp (1986); doutorado pela Unicamp (1993); graduação em História pela USP (1980); docente titular da USP (2005). Professora sênior do Departamento em Antropologia Social (USP) e Global Scholar e professora visitante em Princeton, Affiliated Scholar Brazil Lab, Leiden, Oxford, Brown, Columbia, Ecole des Hautes Etudes en Science Sociales. Dezenas de publicações, nacionais e internacionais, com prêmios Rui Barbosa (FioCruz), Humboldt (Alemanha), Medalha da Ordem do Rio Branco, APCA, FNL, Jabuti, UBE. Pesquisadora Sênior do CNPq. Eleita para a cadeira nº 9 da Academia Brasileira de Letras (2024).

SIDNEY REZENDE

Jornalista desde 1985, registra, em sua carreira, passagens por CBN, TV Globo, Globo News e CNN Brasil. Atualmente, é âncora na Rádio Tupi. Em 2002, lança o livro “Deve ser Bom ser Você”. Atualmente, também conferencista, percorre o Brasil com suas palestras, além de ser diretor do portal www.sidneyrezende.com e colunista do jornal “O Dia”.

THIAGO ANASTÁCIO

Graduado em Direito, atua como Diretor do Instituto de Defesa do Direito de Defesa, instituição na qual foi o primeiro agraciado com o prêmio “Márcio Thomaz Bastos”. Articulista forense, com dezenas de escritos publicados pela revista Consultor Jurídico; colunista fundador

do site JOTA; autor de artigos em livros técnicos, em obras em homenagem a grandes advogados, com contribuições na produção literária da Revista Bula; comentarista na CNN Brasil, nos quadros Liberdade de Opinião e O Grande Debate.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Antiga República 115
arte 33, 35, 38, 40–42, 44–47,
51–53, 58–60, 65–67, 71, 74–77
autoritarismo 14, 16, 25

B

Brasil 13, 16–17, 19–22, 24–27,
29–30, 32–34, 36, 38, 40, 47, 49–50,
58–59, 61, 63–67, 71–72, 76, 78–80,
82–86, 92, 99, 102, 108, 110, 112,
114, 120, 125, 131–132, 140

C

censura 13, 15–22, 24–26, 28
centenário 33, 35, 67, 78–79, 81,
83–86
comportamento humano 13
comunicação 14, 17–22, 24, 28–31,
34–35, 67, 77, 96, 111
comunicação de dados 14
crítica 35, 38, 40–41, 44, 52, 60, 66,
73, 90, 138–139
crítico 14, 16, 19, 40, 72, 79, 90
cultura 21, 33, 38, 40, 44, 63, 65,
71–72, 131, 137, 140, 142

D

democracia 15–16, 25–26, 28,
116, 118–119, 122–123, 128–130,
134–135, 140–141
direita 111, 113, 119–122, 125, 128,
134, 137, 139
ditadura 24–26, 32, 131

E

escrita 27–28, 57, 111–112
escritor 67–79, 83–86, 95
esquerda 62, 111, 113, 119–122,
125, 128–129, 131, 134–139
Estado 14, 16, 18, 21–26, 52, 57,
64, 71, 78–80, 82–83, 99, 101, 106,
108, 121, 124, 128–129, 140
Estado Novo 16, 21, 99
estética 35, 47, 52–53, 59, 61, 65,
73, 76, 87

F

Fabiano 87, 90–93, 95–98,
100–102, 106–107, 109
Folha de S. Paulo 24–25

G

Getúlio Vargas 21, 32, 81, 99, 111,
113, 122
governo 16, 20–25, 71, 81, 83,
100–101, 117–118, 139–140
Graciliano Ramos 87, 90

H

História 13, 16, 18–21, 26, 28, 30,
32, 54, 65–66, 69–71, 76, 80, 86,
89, 95, 100, 102, 110, 112–116,
118–122, 124, 126, 130, 133–134,
138–139, 141
humor 14, 26, 50

I

ideologia 16
imprensa 13–23, 25–26, 28, 32, 73
independência 19, 33–35, 61,
63–65, 67, 72, 78–79, 81, 85
informação 14, 27, 30–31

J

jornal 18, 22–25, 27, 61, 64, 87
jornalismo 15–18, 20, 26–32, 87
jornalista 15, 22, 31, 69, 131

L

leitor 26, 48, 54, 76, 112
leitura 20, 35, 48, 69, 74–75, 86, 92
liberdade 13–15, 17–19, 21–22, 34,
44, 58, 61, 112, 118, 121, 124
liberdade de expressão 13, 15,
21–22, 58, 61
Lima Barreto 67–75, 79–80, 82,
84–86
linguagem 29, 34, 44–45, 47–48, 52,
57, 64, 73, 86–87, 96, 112
literário 51, 72, 75, 85, 90, 95
literatura 33, 43, 59–60, 65–67,
69–72, 74–78, 86, 90, 110

M

Manuel Bandeira 41
Mario de Andrade 33
meios de comunicação 22, 29
memória 76, 100, 118, 123, 139
modernidade 19
modernismo 48, 50–51, 58, 66,
71, 90–91
Movimento Modernista 38, 40, 46,
57, 63, 90
música 33, 35–36, 60

N

nação 74–75, 84, 113, 119, 123,
126–127, 132–133, 138, 140–141
narrativa 52
Nordeste 87–88, 90, 94, 98, 100,
103, 106–107, 109
notícia 14, 23, 26–28
noticiar 16
Nova República 115

O

O Estado de S. Paulo 22–25
O Globo 23–25
Oswald de Andrade 33, 36, 47–51,
53, 61, 63

P

parnasiano 41, 43, 45
passado 13–14, 16, 27–28, 38,
58–59, 85, 88, 90–91, 111, 113–115,
118, 121, 133, 141
poesia 33, 35, 37, 42–44, 53–54,
61, 65–66
política 16, 19–22, 27, 80, 83, 111,
115, 117, 127, 132, 134, 139
presente 17, 41, 43–44, 53, 55, 57,
77, 81, 84, 90, 95, 107, 115, 133
Primeira República 72, 80, 86, 111
produção artística 34, 39, 59

R

redes sociais 14–15, 17, 27, 30, 87
reminiscência 137
república 23, 27, 35, 38, 49, 67, 72,
80–83, 85–86, 100, 111, 115–116,
123, 135

S

São Paulo 26, 35, 39–40, 47, 49–50,
54, 61, 65–75, 78–81, 83, 85–88,
92, 110
seca 87–90, 92–93, 95, 97–99,
103–105, 108–109
Semana de 22 34, 41–42, 53, 61
Semana de Arte Moderna de 1922
33, 59
sentido 23, 35, 45, 71, 75, 78, 89,
141
significado 61
Sinhá Vitória 87, 95, 108
social 16, 20–21, 29, 31, 34–35,
47, 58–60, 65, 70–72, 75–76, 78,
90, 102, 106–107, 114, 121, 128,
134–135

T

tecnologia 17, 27–28, 30–31, 38

U

Última Hora 22–25, 75


V

Vidas Secas 87, 90–91, 93, 95–96,
100, 102, 107, 110

ISBN 978-65-5368-422-5




Este livro foi composto pela Editora Bagai.

 www.editorabagai.com.br

 [/editorabagai](https://www.instagram.com/editorabagai)

 [/editorabagai](https://www.facebook.com/editorabagai)

 contato@editorabagai.com.br